

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LÉXICO DE CONTATO: OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS
EM TIKUNA**

**MANAUS
2022**

ANA LUCIA DO CARMO DANTAS

**LÉXICO DE CONTATO: OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS
EM TIKUNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira.

Coorientadora: Profa. Dra. María Emilia Montes Rodríguez.

**MANAUS
2022**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

D1921 Dantas, Ana Lucia do Carmo
Léxico de contato: os empréstimos linguísticos em tikuna / Ana Lucia do Carmo Dantas. 2022
177 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Sanderson Castro Soares de Oliveira
Coorientadora: María Emilia Montes Rodríguez
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Empréstimos lexicais. 2. Contato linguístico. 3. Línguas indígenas. 4. Língua Tikuna. I. Oliveira, Sanderson Castro Soares de. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ANA LUCIA DO CARMO DANTAS

LÉXICO DE CONTATO: OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS EM TIKUNA

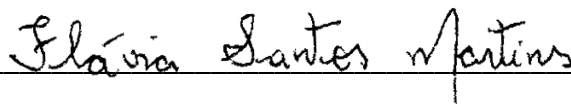
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Teoria e Análise Linguística.

Aprovada em 02 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Sanderson Castro Soares de Oliveira – **Presidente**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Profa. Dra. Flávia Santos Martins – **Membro**
Universidade Federal do Amazonas – UFAM



Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral – **Membro**
Universidade de Brasília – UnB

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor doutor Sanderson de Oliveira, por seus ensinamentos, paciência e, principalmente, por sua generosidade. Lembrarei sempre de sua dedicação, do seu vasto conhecimento e do fascínio que demonstra por sua área de atuação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter me concedido uma bolsa de estudos, o que me proporcionou dedicação exclusiva à minha pesquisa.

Aos membros do corpo docente do PPGL/UFAM, em especial aos professores que ministraram as disciplinas cursadas.

À professora Maria Emília Montes por coorientar esta dissertação, por me fornecer materiais de difícil acesso e por me auxiliar na análise dos dados da Língua Tikuna.

Ao professor e antropólogo Jean-Pierre Goulard por me disponibilizar o material sobre a etnia Tikuna e por me informar sobre eventos e cursos relacionados à Língua Tikuna e, ainda, por ter aceito participar da minha banca de qualificação.

Aos membros da banca de qualificação, Profa. Dra. Ligiane Bonifácio Pessoa, Prof. Dr. Mateus Coimbra, Prof. Dr. Jean-Pierre Goulard e aos membros da banca de defesa, Profa. Dra. Flávia Martins e Profa. Dra. Ana Suely Arruda, por suas importantes contribuições para o enriquecimento de minha pesquisa.

Ao professor Denis Bertet, do Instituto Ilara em Paris, pela oportunidade de assistir, como aluna ouvinte, a suas aulas de Tikuna ministradas virtualmente.

Ao meu estimado amigo Maurílio Costa pela revisão de algumas das traduções presentes neste trabalho.

Aos colegas do curso de mestrado, pelas trocas durante as atividades remotas que realizamos em conjunto.

Aos membros e amigos do grupo de pesquisa Línguas e Culturas Amazônicas.

Aos amigos de longa data e aos amigos que fiz ao longo deste processo.

Ao meu pai, Francisco, e aos meus irmãos, Renato e Marlucia, pelo apoio e encorajamento.

A todas e todos que contribuíram direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

Por fim, aos indígenas da etnia Tikuna, o povo Magüta, que me inspiraram a realizar esta pesquisa e por meio da qual tive a oportunidade de conhecer sua história de lutas e conquistas em torno da manutenção de sua língua, sua cultura, seus costumes, seu território e sua educação. Meu mais profundo respeito e minha eterna gratidão e admiração.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo principal identificar os empréstimos lexicais na língua Tikuna e suas possíveis línguas fontes, bem como evidenciar os processos linguísticos que ocorreram na incorporação de empréstimos e apresentar uma classificação dos tipos de empréstimos identificados. Para tal finalidade, utilizamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística, da Linguística Histórica e da Linguística de Contato como expostos em Appel e Muysken (2005), Campbell (2013), Thomason e Kaufman (1988) e Thomason (2001). Para a interpretação de dados, dispusemos da escala de empréstimo presente em Thomason e Kaufman (1988). Para a compreensão de aspectos culturais da etnia Tikuna, utilizamos os estudos etnográficos de Goulard (2009), Oliveira Filho (1988, 2002, 2015) e Nimuendajú (1952). Os dados analisados foram obtidos no *Diccionario ticuna-castellano* de Anderson e Anderson (2016). Para a análise linguística dos dados e o estabelecimento de critérios para identificação de empréstimos na língua Tikuna, nossa fonte principal constituiu-se dos trabalhos descritivos de Montes (1994, 2004) e, para critérios adicionais de identificação e cronologia de empréstimos, utilizamos, ainda, as pesquisas de Skilton (2017) e Bertet (2020). O trabalho visou assim, contribuir para os estudos do contato linguístico e das línguas indígenas da região amazônica.

Palavras-chave: Empréstimos Lexicais. Contato Linguístico. Línguas Indígenas. Língua Tikuna.

ABSTRACT

The main purpose of this research was to identify lexical borrowings in Tikuna language and their possible source languages, as well as to demonstrate the linguistic processes that occurred in the incorporation of loanwords and to present a classification of the types of borrowings identified. For this purpose, we used the theoretical assumptions of Sociolinguistics, Historical Linguistics and Contact Linguistics in Appel and Muysken (2005), Campbell (2013), Thomason and Kaufman (1988) and Thomason (2001). For data interpretation, we used the borrowing scale present in Thomason and Kaufman (1988). To understand cultural aspects of the Tikuna ethnic group, we used the ethnographic studies by Goulard (2009), Oliveira Filho (1988, 2002, 2015) and Nimuendajú (1952). The data analyzed was obtained from the *Diccionario ticuna-castellano* by Anderson and Anderson (2016). For the linguistic analysis of the data and the establishment of criteria for identifying loanwords in the Tikuna language, our main source was the descriptive works by Montes (1994, 2004) and, as additional criteria for the identification and chronology of the loans, we also used the researches by Skilton (2017) and Bertet (2020). This master thesis thus aimed to contribute to the studies of language contact and indigenous languages in the Amazon region.

Keywords: Lexical Borrowings. Language Contact. Indigenous languages. Tikuna Language.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro I - Escala de empréstimo	40
Quadro II - Proparoxítonas em Língua Portuguesa	45
Quadro III - Exemplos de Empréstimos em Tikuna	51
Quadro IV - Grafemas consonantais Tikuna e seus valores fonéticos, segundo os autores ...	54
Quadro V - Grafemas vocálicos Tikuna e seus valores fonéticos, segundo os autores	55
Quadro VI - Grafemas utilizados apenas em empréstimos, segundo Anderson e Anderson (2016)	56
Quadro VII - Esquemas de marcação tonal em palavras monomorfêmicas	58
Quadro VIII - Esquemas de marcação tonal em palavras monomorfêmicas	58
Quadro IX - Nomes Inalienáveis segundo Montes (2004)	61
Quadro X - Nomes Alienáveis segundo Montes (2004)	61
Figura I - Cronologia dos contatos	63
Quadro XI - Adaptações fonético-fonológicas identificadas	153

LISTA DE SIGLAS, ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

AJUSOL	Ajudância do Alto Solimões
BDPI	<i>Base de Datos de Pueblos Indígenas u Originarios</i>
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAAS	Campus Avançado do Alto Solimões
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CF/88	Constituição da República Federativa do Brasil de 1988
CGTT	Conselho Geral da Tribo Ticuna
COPIAR	Comissão de Professores Indígenas do Amazonas e Roraima
DANE	<i>Departamento Administrativo Nacional de Estadística</i>
E EI	Educação Escolar Indígena
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGA	Língua Geral Amazônica
MEC	Ministério da Educação
OGPTB	Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues
ONG	Organização Não Governamental
OPAN	Operação Anchieta
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
PROLIND	Programa de Formação Superior e Licenciaturas Indígenas
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SIL	<i>Summer Institute of Linguistics</i>
SPI	Serviço de Proteção ao Índio
UEA	Universidade do Estado do Amazonas

UFAM	Universidade Federal do Amazonas
A	Tom Alto
ASPEC	Aspecto
B	Tom Baixo
C	Consoante
C. P.	Comunicação Pessoal
CL	Classificador
COL	Coletivo
LE	Língua Espanhola
LF	Forma Lógica
LP	Língua Portuguesa
LT	Língua Tikuna
M	Tom Médio
ML	Médio-Baixo
NMLZ	Nominalizador
PL	Plural
SIMIL	Similitivo
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
TC	Tikuna de Cushillococha
TG	Tupi-Guarani
V	Vogal
N	Consoante nasal
Ñ	Vogal nasal
#	Início de palavra ou silêncio
_	Ambiente de ocorrência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. O POVO TIKUNA	14
1.1. Dados populacionais, origens e denominações	14
1.2. Breve histórico	16
1.3. Síntese do capítulo	28
2. REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA LINGUÍSTICA SOBRE O TIKUNA	30
2.1. Revisão bibliográfica	30
2.2. Síntese do capítulo	37
3. CONTEXTOS DE CONTATO LINGUÍSTICO	38
3.1. O contato linguístico	38
3.2. Os empréstimos	41
3.3. Síntese do capítulo	46
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
4.1. Procedimentos de análise de dados	50
4.2. Síntese do capítulo	52
5. REVISÃO DE ASPECTOS DA LÍNGUA TIKUNA	53
5.1. Aspectos linguísticos e tipológicos	53
5.2. Sobre grafemas e fonemas segmentais	54
5.3. Alguns aspectos prosódicos	56
5.4. Características estruturais dos empréstimos	57
5.5. Sobre a possível cronologia dos empréstimos	62
5.6. Síntese do capítulo	64
6. RESULTADO DA ANÁLISE DOS DADOS	65
6.1. Palavras polimorfêmicas excluídas da análise	65
6.2. Palavras que foram inseridas no dicionário, mas que não parecem ser usuais entre os Tikuna	68
6.3. Empréstimos semânticos	69
6.4. Hibridização	70
6.5. Análise das adaptações fonológicas provenientes das línguas latinas	71
6.6. Análise do padrão tonal dos possíveis empréstimos	137
6.7. Critérios para a identificação das fontes de empréstimo	143
6.8. Léxico de origem em outras Línguas Indígenas	144
6.9. Síntese do capítulo	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS	155
APÊNDICE 1: LISTA DE (POSSÍVEIS) EMPRÉSTIMOS LEXICAIS EM TIKUNA	163

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa contribuir para os estudos das línguas indígenas – línguas dos povos originários ou línguas tradicionais – do Estado do Amazonas e, mais especificamente, para os estudos sobre contato linguístico e sobre a língua Tikuna¹.

Este trabalho se justifica devido à amplitude e complexidade das questões que envolvem o contato linguístico entre as línguas indígenas da América do Sul, como indicam Campbell, Chacon e Elliott (2020, 625). Sobre essa questão, Muysken (2012, 235) afirma tratar-se de um “tema [...] vasto e quase intratável”, no caso específico das línguas nativas sul-americanas, devido à “ausência de fontes essenciais de informação” que permitam conhecer/traçar a história dessas línguas. Segundo o autor, o que há disponível sobre esse tipo de contato na literatura não fornece um “quadro consistente” da situação, “tampouco há em andamento um inventário, muito menos uma tipologia de fenômenos de contato”. Essas pertinentes questões levantadas por Muysken (*Op. Cit.*) deixam em evidência a necessidade de se investigar cada vez mais temas relacionados ao contato linguístico nas línguas indígenas amazônicas.

O objetivo geral da pesquisa é identificar os empréstimos lexicais na língua Tikuna e suas possíveis línguas fontes e, a partir disso, pretendemos evidenciar os processos linguísticos que ocorreram na incorporação de empréstimos e apresentar uma classificação dos tipos de empréstimos identificados. As questões que tencionamos responder com este trabalho são:

- 1) É possível identificar os empréstimos linguísticos em Tikuna e suas fontes?
- 2) Seria possível identificar os povos que mantiveram contato com os Tikuna e influenciam e/ou influenciaram sua língua?
- 3) Quais processos linguísticos caracterizam e/ou evidenciam os empréstimos oriundos de uma língua doadora no sistema da língua Tikuna?
- 4) É possível estabelecer uma tipologia dos empréstimos observados na Língua Tikuna?

Para chegarmos às repostas dos questionamentos aqui levantados, adotaremos as abordagens metodológicas próprias dos estudos em contato linguístico, e seus

¹ Há duas grafias possíveis do termo Tikuna, esta e uma segunda com a letra *c* no lugar do *k*. Nesta pesquisa optamos por utilizar o termo grafado com a letra *k*, uma vez que esta forma foi a primeira com que me deparei quando conheci esta etnia e sua língua. No caso de citações, será respeitada a forma registrada no texto original. Vale ressaltar que na *Convenção para a grafia dos nomes tribais* realizada no Rio de Janeiro em 1953, ficou estabelecido descartar as letras *c* e *q* utilizando o *k* na grafia de termos indígenas, porém, na atualidade, essa convenção já não é seguida em sua totalidade pelos estudiosos desta área (Melatti, 1, 1999).

desdobramentos pelos paradigmas sociolinguístico e histórico-comparativo, expostas em autores como Appel e Muysken (2005), Campbell (2013), Thomason e Kaufman (1988) e Thomason (2001).

Para compreendermos as questões linguísticas e culturais da etnia Tikuna, utilizamos os trabalhos descritivos de linguistas como Bertet (2020), Carvalho (2009) Montes Rodríguez (1994, 2004), Skilton (2017) e Soares (2000, 2008) e os estudos etnográficos dos antropólogos Goulard (2009), Oliveira Filho (1988, 2002, 2015) e o texto clássico do etnólogo alemão Curt Nimuendajú (1952).

Quanto à sua organização, esta pesquisa contém seis capítulos. O primeiro capítulo trata da história da etnia Tikuna, de alguns aspectos da sua cultura, da sua demografia e da sua atual situação. O segundo capítulo é uma revisão da bibliografia sobre a língua Tikuna com ênfase nos estudos sobre contato e empréstimo. O terceiro capítulo trata do referencial teórico adotado com foco no contato e no empréstimo linguístico. O quarto capítulo explica as escolhas e o percurso metodológico. O quinto capítulo revisa os aspectos da língua Tikuna pertinentes para a caracterização dos fenômenos observados nos empréstimos analisados. O sexto e último capítulo discute os resultados das análises dos dados obtidos no *Diccionario ticuna-castellano* compilado pelo casal de linguistas Lambert Anderson e Doris Anderson.

1. O POVO TIKUNA

No presente capítulo, apresentam-se informações que ajudam a compreender a situação atual do povo Tikuna, com ênfase na sua distribuição geográfica e nos dados populacionais disponíveis. Ademais, apresenta-se um panorama da história do povo Tikuna com o objetivo de enfatizar os possíveis contatos com outras etnias e, conseqüentemente, com outras línguas. De forma geral, os fatos são apresentados de forma cronológica e em grandes períodos, conforme estabelecido em outros autores como Oliveira Filho (1988, 2002, 2015), Goulard (2009) e Nimuendajú (1952).

1.1. Dados populacionais, origens e denominações

O povo Tikuna possui o *status* de população indígena mais numerosa do país, uma vez que conta com 46.045 pessoas em território nacional, como demonstra o resultado do último censo demográfico (IBGE, 2010). Contudo, por se tratar de uma etnia transfronteiriça, seu território e, conseqüentemente, sua presença se estendem também aos outros países que compõem a região denominada tríplice fronteira amazônica situada entre Brasil, Peru e Colômbia. No Peru, há cerca de 9.492 pessoas que se autodeclaram Tikuna, conforme dados do ministério da cultura desse país (*Base de Datos de Pueblos Indígenas u Originarios - BDPI/Ministerio de Cultura/Perú*) e, na Colômbia, são 13.842 indivíduos, segundo o censo nacional realizado em 2018 (*Departamento Administrativo Nacional de Estadística - DANE/Colombia*, 2019, 20).

Na Amazônia brasileira, de acordo com os dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) citados por Rosa (2015, 30), os Tikuna vivem em aproximadamente 120 aldeias distribuídas em 27 terras indígenas localizadas, em sua maioria, às margens do rio Solimões. Segundo Soares (2008), eles estão presentes em seis municípios da região do Alto Solimões: Benjamin Constant, Tabatinga, Amaturá, São Paulo de Olivença, Santo Antonio do Içá e Tonantins. Além de estarem presentes na região do Alto Solimões, também há registros de comunidades Tikuna em municípios de outras Mesorregiões, como no caso de Tefé, Jutaí, Fonte Boa e Beruri (SOARES, 2008). Em Manaus, residem nos bairros Alfredo Nascimento, Amazonino Mendes, Canarana, Centro, Cidade de Deus, Cidade Nova, Compensa, Jorge Teixeira, Mauzinho, Nossa Senhora de Fátima, Petrópolis, Planalto, Presidente Vargas, Redenção, São José Operário, São Raimundo, Tancredo Neves e Zumbi (Wotchimaücü, 2009). No encarte de seu último CD, Djuena Tikuna (2019) informa que os Tikuna presentes em Manaus estão concentrados principalmente no Parque das Tribos (localizado no bairro

Tarumã-açu, na zona oeste) e na comunidade Watchimaücü (no bairro Cidade de Deus, zona norte da cidade).

Segundo Oliveira (2002), “os Ticuna são originários do igarapé *Éware*, situado nas nascentes do igarapé São Jerônimo (*Tonatü*), tributário da margem esquerda do rio Solimões, no trecho entre Tabatinga (na fronteira) e São Paulo de Olivença”, área onde até os dias atuais há uma grande concentração desses indígenas. A informação da origem do povo vem do mito² que explica que seus primeiros antepassados foram pescados por *Yo’i*³, herói cultural, no já mencionado igarapé *Éware* (Oliveira Filho⁴, 1988). É desta narrativa mitológica que provém o termo pelo qual este povo se autodenomina, *Magüta*⁵, que significa “povo pescado” ou, em sentido literal, “conjunto de pessoas pescadas com vara” (Soares, 2008). Segundo a análise da mesma autora (2008), *magü* é o verbo “pescar com vara” e *ta* é um coletivizador.

A denominação Tikuna – que também pode ser grafada Ticuna e possui variações mais antigas e já obsoletas como Tukuna, Tükuna, Tekuna ou Tokuna e seus respectivos equivalentes com a letra “c” – tem etimologia incerta e pode ser proveniente da Língua Geral Amazônica (Montes, 2004, 15). A partir do relato feito por Ondino Casimiro, no documentário intitulado “Caminho de Mutum”, passei a entender que a denominação Tikuna não é bem aceita pelos membros de sua etnia, pois ele afirma não gostar deste termo por apresentar uma conotação pejorativa⁶. O antropólogo francês Jean-Pierre Goulard (2009, 38), com ampla experiência de campo com os Tikuna colombianos, apresenta uma possível etimologia do termo:

A origem do etnônimo ticuna é sem dúvida tupi. Para Villarejo, “os ticuna foram chamados tecuna ou tucuna, cuja grafia em tupi seria taco-una (homens pintados de preto), por seu costume de pintar o corpo inteiro com sumo de jenipapo, o que os deixa completamente negros” (1988:216). O autor concorda com Sampaio para quem “teco-una” significa na língua tupi “corpo negro” ou “rosto negro” (1955:288). Por sua vez, Barbosa-Rodríguez observa que desde antes “os Tapuyos nomeavam o mesmo veneno (uarery) com o nome ticuna e aqueles que o preparam vieram a ser chamados de ticuna” (1903:4). O discurso ticuna corrobora estas afirmações. Eles pensam em si mesmos e se veem “negros” de pele em oposição aos grupos vizinhos que eles veem mais claros. Esta autopercepção é sustentada pelo mito de origem no

² As versões desse mito a que tive acesso estão em Oliveira Filho (1988:90-105) e Goulard (2009:288-303).

³ A pronúncia deste termo é Djoí (Cf. Oliveira, 2002).

⁴ O sobrenome do Antropólogo João Pacheco de Oliveira Filho será sempre citado de acordo com o nome constante da publicação. Em algumas obras consultadas, está registrado como João Pacheco de Oliveira e, nesses casos, o autor será citado como Oliveira apenas. Nos casos em que consta o nome completo, usa-se o sobrenome Oliveira Filho.

⁵ Na defesa de qualificação da presente dissertação, Goulard (c.p.) observou que, em seus trabalhos de campo, ele usualmente ouve o termo *pogü* para ‘pescar’ e que o termo para ‘povo pescado’ seria *pogüta*.

⁶ O documentário citado pode ser assistido em <https://vimeo.com/221000899>. O trecho mencionado aparece aos 04:32 min.

qual a população negra é associada ao coração do fruto de jenipapo (*Genipa americana*) enquanto eles são a polpa do mesmo fruto, que é menos negra.⁷

Além dos termos mencionados acima, Goulard (*idem*, 39) evidencia a existência do termo *du-ũ*, usado pelos Tikuna para se autorreferirem entre os membros de seu grupo e costumeiramente traduzido como “a gente”. O autor propõe também outra explicação do termo: *du* é possivelmente o radical que faz referência a “sangue” que, acrescido da expressão de plural *gü*, resultaria no termo *du-ũgü*, o qual admite uma tradução diferente, a saber, “os de sangue”. Cabe ressaltar que *du-ũgü* designa, além dos Tikuna, “todos os seres vivos, visíveis e invisíveis, espécies animais e vegetais, permite expressar um estado, o do ‘ser vivente’.”

1.2. Breve histórico

Nesta seção, apresenta-se um relato histórico sobre a etnia Tikuna, a partir de alguns eventos considerados chaves para a sua atual formação e consolidação como grupo indígena mais populoso do Brasil. Nesse breve percurso histórico, tentaremos ressaltar os aspectos relativos ao contato interétnico e linguístico que são relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Segundo Curt Nimuendajú, em sua obra *The Tukuna*, as primeiras referências feitas sobre os Tikuna aparecem nos relatórios de viagens de cronistas e historiadores que compunham expedições das coroas portuguesa e espanhola à região amazônica durante a primeira metade do século XVII, como ilustra o trecho abaixo:

[...] É mencionada pela primeira vez em 1641 por Cristobal d’Acuña, o historiador da expedição de Pedro Teixeira de Belém a Quito em 1639. Acuña cita os “Tocunas” como inimigos dos Omáguas da margem norte do Solimões. Laureano de la Cruz menciona os Tukuna, a quem ele chama de “Jaunas”, na época de sua viagem em 1649, como habitando a margem norte da Amazônia, acima do Putumayo. Heriarte em 1662 não se refere aos Tukuna pelo nome, mas menciona as lutas que os Omáguas tiveram com as tribos da “terra firme”. (1952, 8)⁸

⁷ El origen del etnónimo ticuna es sin duda tupí. Para Villarejo, «los ticuna fueron llamados tecuna o tucuna, cuya grafía en tupí sería taco-una (hombres pintados de negro), por su costumbre de pintarse todo el cuerpo con el jugo de huito, que les deja completamente negros» (1988:216). El autor está de acuerdo con Sampaio para quien «teco-una» significa en lengua tupí el «cuerpo negro» o la «cara negra» (1955:288). Por su lado, Barbosa-Rodríguez anota que desde antes «los Tapuyos nombraban el mismo veneno (uarery) con el nombre ticuna y se ha llegado a llamar ticuna a los que lo preparan» (1903:4). El discurso ticuna corrobora estas afirmaciones. Se piensan y se ven «negros» de piel en oposición a los grupos vecinos a los que ven más claros. Esta autopercepción se conforta con el mito de origen en el que la población negra se asocia al corazón del fruto del huito (*Genipa americana*) mientras ellos son la pulpa del mismo fruto, menos negra.

⁸[...] It is first mentioned in 1641 by Cristobal d’Acuña, the historian of the expedition of Pedro Teixeira from Belém to Quito in 1639. Acuña cites the “Tocunas” as being enemies of the Omáguas of the northern bank of the Solimões. Laureano de la Cruz mentions the Tukuna, whom he calls “Jaunas”, at the time of his journey in 1649,

Embora hoje os Tikuna ocupem as margens do Rio Solimões, é importante observar que os primeiros relatos sobre este povo o localizavam na “terra firme”, ou seja, eles não habitariam originalmente à margem do Solimões, mas estariam próximos às cabeceiras de afluentes menores desses rios ou em igarapés.

Ainda que haja relatos sobre o povo Tikuna em meados do século XVII, Oliveira (2002) registra que apenas no final do século XVII são relatados os primeiros contatos entre os Tikuna e os brancos, quando missionários jesuítas espanhóis “liderados pelo padre Samuel Fritz” chegaram na Amazônia com a missão de catequizar o povo Omágua ou Kambeba. À época, este último povo “dominava as ilhas e margens do rio Solimões” e “impressionava viajantes e cronistas coloniais” devido ao “seu volume demográfico, potencial militar e pujança econômica” (Oliveira, 2002). Ainda segundo este autor, os missionários vinham do Peru e se estabeleciam às margens do rio Solimões, no território Omágua, onde construíram aldeamentos que têm vínculo histórico com as cidades contemporâneas dessa região como São Paulo de Olivença, Amaturá, Fonte Boa e Tefé. Esses aldeamentos eram multiétnicos, ainda que pudesse haver predominância de uma ou outra etnia em alguns deles.

Segundo as fontes consultadas, é possível concluir que a migração dos Tikuna para esses aldeamentos não se deu logo dos primeiros contatos (cf. Oliveira, 2002; Goulard, 2009). A entrada dos portugueses na região e a retirada dos Kokama e dos Omágua pelo Padre Samuel Fritz deve ter levado a uma reorganização da ocupação da região. Soma-se a isso a expulsão dos jesuítas dos territórios portugueses em 1759 e dos territórios peruanos em 1767 (Goulard, 2009, 34). Todos esses acontecimentos devem ter contribuído para que os Tikuna saíssem das cabeceiras dos afluentes e passassem a ocupar as margens do rio Solimões. Ainda sobre essa questão, Nimuendajú (1952, p. 8) registra que da segunda metade do século XVII até quase o fim do século XVIII alguns acontecimentos, como uma epidemia de varíola, confrontos entre espanhóis “estabelecendo suas missões do baixo rio até a atual Tefé”⁹ e portugueses “estendendo as caçadas de escravos, sob o nome de tropas de resgate para o alto rio”¹⁰, dentre outros, levaram a uma substancial redução dos Omágua, inimigos temidos pelos Tikuna. O autor afirma que esses fatores teriam contribuído para que os Tikuna, que viviam

as inhabiting the north bank of the Amazon, above the Putumayo. Heriarte in 1662 does not refer to the Tukuna by name but mentions the fights that the Omágua had with the tribes of the “solid ground” (*terra firme*).

⁹ No original: [...] establishing their missions from the lower river up to the present Tefé. Embora o autor fale em estabelecimento dos espanhóis no “baixo rio”, a presença espanhola era mais intensa no Alto Rio Amazonas (cf. Porro, 1998, 180).

¹⁰ No original: [...] extending the slave hunts, under the name tropas de resgate, “ransom troops,” to the upper river.

na floresta e decerto foram menos afetados por tais episódios, se deslocassem para as margens do Solimões, com o passar dos anos, lá se estabelecendo.

Um fato relevante relacionado ao contato é que durante o período em que os jesuítas estiveram na região, a língua geral era amplamente falada e, segundo observa Oliveira (2015, 53) esses religiosos, inclusive, ensinavam a língua geral e não o português aos indígenas. O ensino era interpretado pelos “moradores” como um estratagema dos jesuítas a fim de escravizar os indígenas em seu benefício. Nas palavras de Oliveira (*Op. Cit.*) “os moradores, por sua vez, acusavam os jesuítas de pretender escravizar o índio em proveito próprio”.

O antropólogo (2015) menciona também o contato entre os Tikuna e outras etnias da região nos aldeamentos missionários. Como veremos a seguir, o contato interétnico ocorreu em vários momentos do processo de sedentarização dessa etnia ao longo dos séculos desde a chegada dos jesuítas:

Os índios que foram reunidos em missões no Alto Solimões eram predominantemente omáguas, abrangendo contudo também outras tribos: Aiauarés, Cocamas, Xebecos, etc. (Jobim s/d: 62). Segundo Markham a catequese dos Tükuna teria sido realizada entre 1683 e 1727 (cit. Varnhagem, 1962: 153), e aglutinação em povoações ocorrendo bastante lentamente e paralela a extinção dos próprios omáguas. (Oliveira, 2015, 56).

Como pode ser observado nesse trecho, os Tikuna passaram por um processo de evangelização católica (ou seja, catequização) que teria durado cerca de cinquenta anos. No entanto, é importante ressaltar que nem todas as parcelas Tikuna foram atingidas por esses primeiros contatos. Neste outro excerto, há menção a outros grupos étnicos, além daqueles vistos acima, que também fizeram parte do aldeamento com os Omágua e os Tikuna, conforme consta registrado:

Os registros da época falam em muitos outros povos (como os Miranha ou os Içá, Xumana, Passé, Juri, entre outros, dados como extintos já na primeira metade do século XIX pelos naturalistas viajantes), que foram aldeados juntamente com os Omágua e os Ticuna, dando lugar a uma população ribeirinha mestiça. (Oliveira, 2002).

Goulard (2009, 34) afirma que após a saída dos jesuítas, que foram substituídos pelos carmelitas no Brasil e por franciscanos no Peru, houve um longo período de abandono dos indígenas que viviam na região tanto na esfera política quanto religiosa e essa escassez de autoridades nessas duas esferas deu abertura para a ação de “traficantes de todos os tipos”. Cabe retomar que as populações indígenas da região onde as ordens missionárias se instalavam e administravam já sofriam desde antes da chegada dos primeiros missionários

com as chamadas “*correrias esclavistas*”, em que tropas de ladrões capturavam indígenas que eram levados para trabalhar no cultivo de cana de açúcar na foz do rio Amazonas (Goulard, 2009, 33).

A esse período – após a forte presença de missões evangelizadoras que Prado Jr. (*apud* Oliveira, 2015, 56) chama de “importantes empresas comerciais” – se sucede a implementação de diretórios indígenas, que passaram a desempenhar o papel que antes era quase exclusivamente exercido por religiosos, a saber, estes “reuniam os índios em aldeias e os submetiam a um regime disciplinado e rigoroso de trabalho, introduzindo entre eles alguns produtos e técnicas agrícolas por eles desconhecidas” (Prado Jr. *apud* Oliveira, *Op. Cit.*). Os diretores eram nomeados pelos governadores e ficavam responsáveis pelos povoados e vilas, que outrora haviam sido aldeamentos missionários, e por manter e ampliar as atividades econômicas. Oliveira nos permite verificar algumas das funções desempenhadas pelos indígenas e por seus diretores no excerto a seguir:

Em tal regime a atividade comercial se mantinha baseando-se primordialmente nas expedições extrativas, organizadas pelos próprios diretores ou por empresários, reunindo índios domesticados, que se internam na floresta durante semanas ou meses, para completar um carregamento de drogas do sertão. A expedição é fortemente armada e algumas vezes guarnecida por uma tropa regular cedida para esse fim. Ao retorno os índios são dispensados e “pagos quase sempre, apesar das disposições legais em contrário, *in natura*” (Prado Jr., 1965: 75). Além da atividade extrativa o índio continua a ser usado enquanto mão de obra agrícola nos engenhos e moendas, como remeiro, nas tarefas domésticas, etc. (Oliveira, 2015, 58).

No período em que os diretórios indígenas atuaram, houve uma infiltração de colonos nos povoados, na tentativa de obter o controle sobre a mão-de-obra indígena. Houve também o declínio das atividades econômicas, motivado pelo relaxamento dos costumes, como o consumo de álcool, por exemplo, levando os indígenas a sofrerem castigos físicos, dentre outras punições. Outro ponto que vale mencionar é que o casamento entre colonos e índios passou a ser incentivado, fato desestimulado anteriormente pelos missionários. Por se tratar de um sistema com muitos defeitos e por não mais agradar as autoridades locais, os diretórios indígenas entraram em declínio no fim do século XVIII. Paralelo a tudo isso, a prática da escravidão de indígenas continuava, apesar de ter sido oficialmente proibida pelas autoridades da época (Oliveira, 2015, 57-60). Em suma, vemos que os indígenas passaram por três tipos de servidão, primeiramente sob a tutela dos missionários, na sequência dos diretórios e dos colonos e, por fim, com o crescimento da procura pela borracha, dos patrões seringalistas, que trataremos a seguir.

A segunda metade do século XIX é marcada, em toda a região Amazônica, pelo que se chama de Ciclo da Borracha. O fim do século XIX marca a chegada de migrantes provenientes em sua grande maioria do Ceará para explorar comercialmente a região do Alto Solimões com o cultivo e extração de látex, estes apropriavam-se de terrenos ribeirinhos e, por necessidade de mão-de-obra barata para a abertura de seringais, cooptavam um grande contingente de indígenas que, por medo e resignação, se submetiam a uma tutela de um patrão para o qual trabalhavam em condições precárias (Oliveira, 2002; Goulard, 2009, 35). A participação Tikuna nessa empreitada foi bastante expressiva, como bem demonstra Oliveira (2002):

Todas as pré-condições à existência da produção gomífera – como a formação do seringal, a limpeza das “estradas”, o transporte da borracha, a edificação da sede (com o barracão, a casa do patrão e a engenhoca para preparar aguardente), bem como a própria atividade rotineira de coleta e “fabrigo” do látex – foram tarefas desempenhadas primordialmente pelos índios Ticuna.

O autor pontua os métodos usados pelos patrões seringalistas durante as primeiras décadas do século XX e narra a herança desse período nefasto na memória dos Tikuna:

A aura de violência que desde então acompanha os patrões seringalistas, envolvendo-os em narrativas atroz, antigas ou recentes (Oliveira, 1988, p.131-3), é responsável pelo medo e quase terror que inspiram nos Ticuna. A eles se aplica sistematicamente o mais forte termo de injúria de que se servem os Ticuna, o de *ngo-ó* (termo genérico para os seres sobrenaturais malignos, traduzido hoje como “demônio”).

Ainda segundo Oliveira (2002) o domínio exercido por esses patrões seringalistas sobre a população local tanto indígena como não-indígena do Alto Solimões, perpassando os âmbitos administrativo e religioso teria durado mais de cinquenta anos, especificamente, “da última década do século XIX até o início da década de 1940”. Esse domínio possibilitava a naturalização do controle sobre os índios Tikuna por parte de instituições que assumiriam o controle indígena na região no período subsequente, como a Prelazia do Alto Solimões e o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), sendo a presença desta última na região entendida pelo autor como “meramente formal”.

Oliveira (*Op. Cit.*) pontua que somente a partir dos anos 1940 a situação acima mencionada, que envolvia diretamente os índios Tikuna, começou a se modificar após a reconfiguração do SPI que passou a debater questões relacionadas à atuação indigenista nas áreas fronteiriças onde havia conflitos territoriais resultando na implantação de um Posto Indígena em Tabatinga no ano de 1942.

Oliveira Filho (1988, 161-165) relata que o primeiro inspetor enviado ao posto acima mencionado, Carlos Pinto Correia, implementou uma escola que atendia tanto filhos de indígenas quanto os de moradores das proximidades. Porém, segundo o autor, as mudanças mais marcantes na lembrança dos Tikuna aconteceriam a partir do ano seguinte com a chegada de um novo encarregado. Designado para atuar no Posto Indígena Ticunas em 1943, Manoel Pereira Lima, mais conhecido como Manuelão, viria a se tornar uma figura emblemática e muito respeitada entre os Tikuna que conviveram com ele durante os três anos de sua atuação no SPI. Oliveira Filho relata que a primeira ação que causou um impacto positivo foi a aquisição, por parte de Manuelão, de farinha produzida pelos indígenas por um preço acima do valor geralmente pago a eles. Segundo a mesma fonte, Manuelão também estabeleceu roças coletivas (“mandioca, cana de açúcar, milho, feijão” (*Op. Cit.*, 164) cultivadas pelos próprios indígenas que eram remunerados por esse trabalho (“por meio de diárias pagas às vezes com produtos, outras com dinheiro” (*Op. Cit.*, 163)); a instalação de um engenho de cana de açúcar e a criação de animais, como “bovinos, galinhas, burros e porcos” (*Op. Cit.*, 164). O contraste entre o regime exploratório e violento anteriormente praticado pelos patrões seringalistas e a atividade econômica (com valorização do trabalho, remuneração etc.) praticada por Manuelão representa uma primeira transformação na relação entre os Tikuna e a população não indígena da região (*Op. Cit.*, 63).

O respeito pela pessoa e principalmente pela atuação do chefe de Posto perdurou por muitos anos após sua saída, sendo ele “o primeiro branco a ser chamado de chefe”, um termo que, na língua Tikuna, corresponde a *aẽ gacũ* e tem um significado mais específico que sua tradução para o português consegue expressar, indicando sua vinculação a um “governo que procede dos brancos” (Oliveira Filho, 1988, 185). “*Manuelão*, por sua vez, era visto como um *enviado dos imortais*, alguém que veio da terra onde morava *Yoi* trazendo para os índios uma mensagem que lhes permitiria salvar-se da destruição do mundo.” (Oliveira Filho, 1988, 186).

Conforme relata Bendazzoli (2011, 66), no fim da década de 1960, ocorreu a extinção do SPI, atrelada a escândalos e má gestão do órgão. Em 1967, foi criada a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que passou a ser o novo órgão indigenista oficializado pela Lei nº 5.371, de 5 de dezembro daquele ano (cf. FUNAI, 2021). De acordo com Cavuscens e Neves (1986, 9), a instalação de uma sede da Funai no Alto Solimões se deu em 1971 em

decorrência da abertura da Rodovia Perimetral Norte. Para auxiliar nos trabalhos da abertura dessa rodovia, criou-se a Ajudância do Alto Solimões¹¹, agência indigenista vinculada à Funai:

A Ajudância do Alto Solimões (Ajusol) foi estruturada com a finalidade de atrair e assistir os índios do Javari, cujos territórios seriam atravessados pela estrada. Apenas iniciada, a sua construção foi paralisada com as mudanças políticas ocorridas a nível nacional. Isto provocou uma modificação radical dos objetivos da Ajusol, que, a partir de 1975, dirigiu suas atenções para a área dos índios Ticuna, abandonando praticamente os diversos grupos do Javari. A política desenvolvida desde então para esta área, foi claramente anti-indígena, em contradição com os princípios básicos que constam na legislação [...] (Cavuscens e Neves, 1986, 9).

A crítica feita pelos autores sobre a atuação das agências indigenistas na região do Alto Solimões está direcionada sobretudo à situação dos indígenas do Javari, mas pode ser estendida a de outros povos indígenas, como é o caso dos Tikuna, o que veremos a seguir.

Segundo Bendazzoli (2011, 77), durante os anos 1970 e início dos anos 1980, mais precisamente, entre 1975 e 1981, a Funai estabeleceu postos indígenas em várias localidades do Alto Solimões: o primeiro em Vendaval, no barracão que outrora pertencera a família Mafra, composta por influentes seringalistas da região, e os seguintes em Feijoal, Campo Alegre, Nova Itália, Betânia e Belém do Solimões. A autora acredita que “a expansão de Postos Indígenas no Alto Solimões [...] colaborou para a posterior demarcação das terras indígenas” uma vez que “a partir deles foi se disseminando a ideia dos Ticuna sobre suas terras e o fruto de seu trabalho, direitos estes fixados pelo Estatuto do Índio (Lei no. 6.001 de 19/12/1973)” (Bendazzoli, *Op. Cit.*, 77).

Ainda conforme Bendazzoli (*Op. Cit.*), é justamente no início dos anos 1980 que se intensifica a luta do povo Tikuna pela demarcação de suas terras. A autora relata que, nesse período, as terras Tikuna estavam invadidas e seus recursos naturais estavam sendo fortemente explorados por ex-seringalistas, fato que impulsionou as lideranças e membros da etnia Tikuna a se mobilizarem e tentarem reaver a terra de seus ancestrais. Para tanto, em 1982 criou-se o Conselho Geral da Tribo Ticuna (CGTT), cujo representante era Pedro Inácio Pinheiro. As reivindicações dessa etnia lograram algum êxito somente em 1985, ano em que foram aprovadas as primeiras propostas de delimitação do seu território, porém, estas correspondiam “a quatro pequenas áreas” (Bendazzoli, 2011, 79).

¹¹ O autor informa que a sede da Ajusol fica em Atalaia do Norte (p. 9) mas não cita sua transferência para Tabatinga, onde funciona atualmente a Coordenação da FUNAI que trabalha com os Tikuna. A atual coordenação da FUNAI em Atalaia do Norte trabalha apenas com os povos do Vale do Javari.

Segundo Oliveira Filho (1988, 136; cf. também Magüta, 1988, 4-9), terras que até então eram comercialmente exploradas para extração de madeira por antigos seringalistas foram decretadas, em 1986, como Área Indígena São Leopoldo, sendo demarcadas em 1987. Isso desencadeou, em 28 de março de 1988, uma chacina contra os índios Tikuna promovida por Oscar Castelo Branco, madeireiro e descendente de patrões seringalistas. Segundo o autor (*Op. Cit.*), na chacina, homens armados investiram contra os indígenas que se encontravam na foz do igarapé do Capacete, em Benjamin Constant. Esse evento trágico que deixou 14 mortos e 22 feridos ficou conhecido como o *Massacre do Capacete* e marcou profundamente a história dos índios Tikuna. Como se pode ler em Oliveira Filho (*Op. Cit.*), o fato teve repercussão nacional e internacional e deu notoriedade à situação dos indígenas dessa região que sofriam retaliações por reivindicarem, naquele momento, o direito à terra que sempre lhes pertencera. Bendazzoli (*Op. Cit.*, 47) considera este massacre “uma mostra da forte rejeição da elite econômica e política da região aos direitos desse povo”¹². Ainda segundo a mesma autora (*Op. Cit.*, 86), as maiores áreas ancestralmente vinculadas ao povo Tikuna, Eware I e Eware II – que correspondem, conforme registrado em seus mitos, ao seu lugar de origem e abriga os locais sagrados para essa etnia – foram de fato reconhecidas somente no fim de 1991, num processo burocrático intermitente que durou dez anos.

No campo da educação, vimos, anteriormente, que as primeiras ações educativas – ou melhor, de cunho educativo com finalidade evangelizadora – estiveram a cargo de missões religiosas vinculadas a ordens católicas como os Jesuítas, os Carmelitas e os Capuchinhos. Segundo Bendazzoli (2011, 92-95) estas ações de cunho educativo envolviam, principalmente, a catequização dos indígenas, o ensino de português e de música, no caso dos carmelitas,¹³ e de técnicas de agricultura (cf. Oliveira, 2015, 56). O ensino vinculado a grupos religiosos é um fato que se estendeu desde os primeiros contatos até a primeira metade do século XX, se mantendo até os dias atuais em algumas comunidades.

Conforme Bendazzoli (*Op. Cit.* 105-106), a educação escolar indígena foi responsabilidade do SPI, cuja atuação é iniciada em 1910, e, posteriormente, da Funai. De acordo com Ferreira (2001 *apud* Bendazzoli, 2011, 106), a educação promovida nas escolas do SPI voltava-se à integração do indígena ao mercado de trabalho. Segundo Cunha (1990 *apud* Bendazzoli, 2011, 107), as escolas ofertavam o “ensino de técnicas de confecção de

¹² Segundo Bendazzoli (2011, 83-85), o movimento de reivindicação e demarcação de territórios teve vários outros desdobramentos após o massacre acima mencionado, mas estes não serão tratados nesta dissertação.

¹³ A questão do ensino de Língua Portuguesa nas missões católicas ainda carece de mais pesquisa. As primeiras missões, até o século XIX, utilizavam a Língua Geral como língua de instrução.

roupas e trabalhos com agulhas para as meninas e carpintaria, funilaria, olaria, trabalho com couro, e outros ofícios aos meninos” e a língua de instrução utilizada nessas escolas era o português, por razões diversas como a falta de recursos financeiros e de professores capacitados para atuarem com o ensino bilíngue (Coelho dos Santos, 1966 *apud* Bendazzoli, *Op. Cit.*, 109).

Bendazzoli (*Op. Cit.*, 112-113) registra que a Funai, ao substituir o SPI, manteve a escolarização dos indígenas voltada ao preparo destes para atuarem em atividades agrícolas, ainda que com um viés mais progressista, representado pela introdução do uso de máquinas nessas atividades. O que diferenciou esta agência de sua antecessora em suas propostas educacionais foi a introdução do ensino bilíngue com o auxílio de monitores indígenas que mediavam o ensino-aprendizagem entre crianças indígenas e seus professores, mas essa prática não abrangia todas as escolas e esbarrava em questões como a falta de formação adequada desses monitores para atuar nessa função. Segundo frisa a autora (*Op. Cit.*, 119), não houve formação, tampouco contratação de monitores indígenas bilíngues na região do Alto Solimões por parte desse órgão durante toda a década de 70 até meados dos anos 80, o que viria a ocorrer somente no ano de 1986.

No início dos anos 1970, a Funai firmou parceria com religiosos, na maioria vinculados ao *Summer Institute of Linguistics - SIL*¹⁴, para a ampliação do ensino bilíngue, o que já vinha sendo feito por missionários desse instituto em comunidades indígenas no Brasil e na Amazônia peruana. Tal parceria foi reconhecida oficialmente com a portaria nº 75 que permitia a atuação de linguistas/missionários nas comunidades indígenas de várias localidades (Bendazzoli, *Op. Cit.*, 115). A atuação de linguistas/missionários do *SIL* em território brasileiro durou de 1953 até os anos 1990, nesse ínterim firmaram convênios com o Museu Nacional para a realização de pesquisas e com a Funai em ações educacionais em que desempenhavam a função de formadores e professores (*Op. Cit.*, 114-115). A autora aponta que o ensino bilíngue adotado pela Funai era mais uma forma de integrar o indígena na sociedade envolvente e instrumento de transição da língua indígena para o português do que uma ação de conservação e valorização das línguas e da cultura tradicional desses povos.

¹⁴ O *Summer Institute of Linguistics*, hoje conhecido como SIL Internacional, no Brasil, em um primeiro momento, assumiu a denominação Sociedade Internacional de Linguística – SIL, mantendo sua sigla, mas modificando bastante o seu nome e seguindo sua identidade em países francófonos (Barros, 2004). Atualmente, em seu site, essa organização se denomina como Associação Internacional de Linguística – SIL. Alguns autores também fazem referência esta instituição como Instituto Linguístico de Verão – ILV, tradução da sua denominação nos países hispanofalantes.

Ainda conforme a autora, outra missão religiosa (evangélica) que atuou na educação escolar indígena do Alto Solimões foi a igreja batista que se instalara nessa região no fim dos anos 50. Além de construírem igrejas em Santo Antônio de Içá e Santa Rita do Weil, construíram uma escola onde estudavam tanto os regionais quanto os indígenas, incluso os Tikuna, porém havia forte segregação entre ambos os grupos (Coelho dos Santos, 1966 *apud* Bendazzoli, 2011, 98). A missão batista participou da criação de uma comunidade, Campo Alegre, onde os Tikuna construíram a escola na qual atuaram os primeiros professores dessa etnia que ensinavam a sua língua com material didático desenvolvido pelo Instituto Linguístico de Verão¹⁵ e pelo governo peruano. Eles também promoveram a formação de professores e líderes religiosos. Os missionários dessa igreja ficaram na região até início dos anos 1970.

Nos anos 1970 e subsequentes, outras organizações se instalaram no Alto Solimões, como os maristas que criaram o Campus Avançado do Alto Solimões (CAAS) vinculado à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), por meio do projeto Rondon. O projeto foi desenvolvido na região provendo atendimento médico, de enfermagem e odontológico por meio de professores e estudantes estagiários da PUCRS. O CAAS permaneceu na região da década de 1970 até a década de 1990 e, em outubro de 1973, criou um curso de capacitação de professores indígenas, que só foi iniciado em 1974 (BENDAZZOLI, 2011, 103).

Bendazzoli (*Op. Cit*, 126) afirma que, no início dos anos 1980, uma equipe da ONG Operação Anchieta (Opan), em conjunto com pesquisadores do Museu Nacional da Universidade do Rio de Janeiro, elaborou um projeto que visava a adequação do ensino vigente à época às necessidades e aspirações dos Tikuna. A autora esclarece, em nota de rodapé, que a equipe do Museu Nacional era constituída de pesquisadores de instituições e áreas distintas, como Maria Jussara Gomes Gruber, Marina Kahn, Vera Maria Navarro Paoliello e João Pacheco de Oliveira Filho. Além dos membros da equipe, contaram ainda com a participação de Marília Facó Soares e de Silvio Cavuscens em alguns dos projetos desenvolvidos à época.

Esses pesquisadores foram responsáveis por ações que impactaram na educação e na história do povo Tikuna, ressignificando/reconfigurando a participação e atuação do povo Tikuna no processo de criação/apropriação da Educação Escolar Indígena. Entre as ações realizadas, a autora menciona cursos de capacitação, elaboração de cartilhas e manuais de

¹⁵ Ver nota anterior.

ensino-aprendizagem de habilidades linguísticas em Tikuna. É importante mencionar que em 1983, houve o registro dos mitos e das histórias para a produção do livro bilingue *Toriü duĩ'ũgũ – Nosso Povo*, publicado em 1985. Ainda segundo Bendazzoli (*Op. Cit.*, 128-129), esse livro, motivo de orgulho para a etnia, é fruto de um trabalho conjunto protagonizado pelos Tikuna e coordenado e orientado pela pesquisadora Jussara Gruber “em colaboração com Paolielo e a consultoria de Oliveira Filho”.

Outro fato relevante relacionado à atuação desses pesquisadores junto aos Tikuna e à luta destes por uma educação de qualidade se deu na segunda metade da década de oitenta. Conforme Bendazzoli (*Op. Cit.*, 48), ocorre em 1986 a fundação da Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues – OGPTB, tendo como cenário/contexto histórico a luta pela demarcação de terras indígenas Tikuna e cuja “experiência de educação escolar ticuna tem grande destaque no cenário nacional, propiciando elementos para reflexões e orientações tanto em políticas públicas como para outros povos indígenas” (*idem*). Sobre o objetivo e a abrangência da atuação da OGPTB, Bendazzoli informa o seguinte:

A Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues (OGPTB), criada em dezembro de 1986 e constituída juridicamente em 1994, atua na extensa área formada pelos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tonantins, na região do Alto Rio Solimões, Estado do Amazonas. É administrada pelos próprios professores que compõem a diretoria eleita a cada quatro anos, sua sede fica na aldeia Filadélfia, município de Benjamin Constant, onde também funciona o Centro de Formação de Professores Ticunas – *Toriü Nguèpataü* (Nossa Casa de Estudos) (Bendazzoli, *Op. Cit.*, 142, nota de rodapé).

A Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues (OGPTB) havia sido criada em 1986 com o objetivo de desenvolver projetos e programas de educação, com destaque para a titulação de professores no nível médio e a oferta de cursos de especialização em educação indígena, incentivando os professores a produzir o material didático apropriado. Segundo seu estatuto, essas ações buscavam a valorização e respeito à língua, cultura, história, práticas econômicas e sociais, valores e necessidades do povo ticuna, assegurando, ao mesmo tempo, o acesso a conhecimentos universais (Bendazzoli, *Op. Cit.*, 142-143).

No fim da década de oitenta, em 05 de outubro de 1988¹⁶, publica-se a nova constituição federal brasileira, acontecimento histórico para os povos indígenas por lhes assegurar direitos que vinham sendo reivindicados ao longo de décadas. Bendazzoli (*Op. Cit.*, 147-148) afirma que a promulgação da CF/88 é um “marco de especial importância para os povos indígenas”, pois

¹⁶ Cf. Ficha disponível no website <https://legislacao.presidencia.gov.br/> - Acesso em 10 mar. 2022.

[...] delimitou o fim da tutela e o início do direito à manutenção de suas língua e cultura, de se manterem índios com suas formas próprias de organização social, do usufruto de suas terras tradicionais e de educar seus filhos considerando seus modos próprios de ensinar (*Op. Cit.*, 147-148).

Nesse período, conforme Bendazzoli (*Op. Cit.*, 145-147), o movimento dos professores Tikuna, já consolidado e referência enquanto organização de professores indígenas, em conjunto com outras organizações da região norte, reivindicava melhorias na área da Educação Escolar Indígena. Ainda no ano de 1988, realizou-se um primeiro encontro de professores indígenas, proposto por professores Tikuna, e, das propostas aprovadas, constava “um projeto de escola autônoma, específica e diferenciada, adequada às necessidades socioculturais de cada povo, nas quais os indígenas fossem protagonistas e autores dos processos tendo por base suas experiências.” (Bendazzoli, *Op. Cit.*, 146). Havia ainda outras propostas que versavam sobre a capacitação de professores indígenas, sobre o ensino bilíngue, etc. Nos encontros que ocorreram nos anos subsequentes, entre 1989 e 1995¹⁷, houve novas pautas que se somavam às anteriores e que tratavam de questões sobre currículo, gestão das escolas dentre outras reivindicações a serem incluídas na Lei de Diretrizes e Bases em tramitação.

Dos encontros referidos anteriormente, foram criadas: a Comissão de Professores Indígenas do Amazonas e Roraima (COPIAR), em 1989; o Movimento dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre; a Declaração de Princípios dos Professores Indígenas do Amazonas, Roraima e Acre, em 1994. Nesse mesmo período, a coordenação da Educação Escolar Indígena passa da Funai para o MEC, o que acontece em 1991 pelo Decreto No. 26/91 (Bendazzoli, *Op. Cit.*, 148).

O processo de fortalecimento do movimento indígena e, mais especificamente, da luta pelo direito à educação diferenciada vai se ampliar em toda a década de 1990 e nas duas primeiras décadas dos anos 2000. Além da homologação das Terras Indígenas e do direito à saúde, vai se caracterizar pela inserção da população indígena no sistema de Educação formal brasileiro, reconhecido como um subsistema, o da Educação Escolar Indígena (EEI). O processo de implantação, amadurecimento e reconhecimento da EEI é marcado pela formação gradativa de indígenas na Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no Ensino Superior.

¹⁷ A autora refere-se aos encontros prévios para a elaboração da LDBEN, que só foi publicada em 1996.

No caso específico dos Tikuna, a formação dos professores foi uma das conquistas da OGPTB. Ela foi responsável pela formação de professores em magistério indígena¹⁸ (Bendazzoli, *Op. Cit.*, 184). As ações desenvolvidas no Projeto Educação Ticuna¹⁹ tornaram-se referência para a construção de políticas de EEI no Brasil e levaram a uma formação massiva de professores indígenas Tikuna nos níveis fundamental e médio.

Segundo Bendazzoli, a formação de indígenas Tikuna em nível médio leva a uma demanda por formação em nível superior, o que acabou sendo atendido pela criação de uma Licenciatura para Formação de Professores Indígenas, aprovada pela UEA, no âmbito do PROLIND²⁰ em 2005, com autorização e realização do vestibular em 2006 e realização da sua primeira etapa nesse mesmo ano.

A primeira turma do projeto inicial da OGPTB – composta predominantemente por indígenas Tikuna – formou-se em 2012, sendo considerada a maior turma de indígenas já graduada no país²¹. Há ainda outros indígenas Tikuna que têm conseguido graduar-se como alunos regulares ou como cotistas em universidades do estado do Amazonas²² ou fora dele. Registra-se ainda um número crescente de indígenas Tikuna em curso de Pós-Graduação, mas sobre os quais ainda não há um levantamento detalhado.

1.3. Síntese do capítulo

No presente capítulo, apresentou-se um panorama sobre o povo Tikuna, com foco em sua história. Após situar o leitor com dados demográficos contemporâneos, foi realizada uma historicização do processo de contato desse povo com a sociedade envolvente, tendo se concentrado nos relatos sobre os Tikuna que vivem no Brasil. De forma geral, o que se pode ver é uma mudança de uma situação de exploração para uma situação de cidadania, ainda que com muitas dificuldades, marcada pela homologação dos seus territórios e pela conquista do direito à educação. Essa nova situação, semelhante ao que ocorre com os Tikuna no Peru e na Colômbia, evidencia a intensificação do contato linguístico entre Tikuna e Português, no Brasil, e entre Tikuna e Espanhol, no Peru e na Colômbia.

¹⁸ Magistério Indígena é uma formação, com regulamentação própria, em nível médio que habilita para a atuação como professor nas séries iniciais em comunidades indígenas.

¹⁹ Segundo Gruber (2003 apud Bendazzoli, 2011, 185), as ações do projeto incluíam “saúde e meio ambiente, direitos indígenas e cidadania, arte e cultura, linguística, gestão escolar, produção de materiais didáticos, acompanhamento das escolas, construção da proposta curricular e do projeto político-pedagógico das escolas”.

²⁰ O Programa de Formação Superior e Licenciaturas Indígenas (PROLIND), vinculado ao MEC, foi criado para fornecer e ampliar o acesso de professores indígenas ao ensino superior.

²¹ <https://noticias2.uea.edu.br/noticia.php?notId=50942>

²² Nesse caso, destaca-se a Universidade do Estado do Amazonas: <http://www.amazonas.am.gov.br/2011/12/uea-promove-maior-formatura-de-indios-do-pais-na-triplice-fronteira/>

No capítulo 6, em que se realiza a análise de dados, fica evidenciado que o contato Tikuna com as línguas nacionais do Brasil, do Peru e da Colômbia, deixa marcas na língua Tikuna, sobretudo empréstimos que são mais abundantes e mais facilmente verificáveis como de origem nas línguas portuguesa e espanhola. No entanto, além dessas duas fontes, serão apresentadas evidências também de outras fontes como a Língua Geral Amazônica, o Kokama e, possivelmente, uma língua Aruák, que podem se relacionar ao período histórico posterior a chegada não indígena na região, mas que podem também relacionar-se a períodos anteriores.

2. REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA LINGUÍSTICA SOBRE O TIKUNA

Neste capítulo, faz-se um levantamento da produção científica sobre a língua Tikuna na área da linguística, sobretudo os trabalhos que tratam do contato e do empréstimo linguístico. São inseridos aqui todos os trabalhos encontrados e lidos, mas ressalta-se que não foi feito um levantamento exaustivo. A busca foi realizada primeiramente no *Diccionario Etnolingüístico y Guía Bibliográfica de los Pueblos Indígenas Sudamericanos* e posteriormente em cinco bases de dados eletrônicas: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, Dialnet, Google Acadêmico, Periódicos Capes, SciELO. Alguns trabalhos foram repassados pelo meu orientador ou pela Profa. María Emilia Montes Rodríguez.

2.1. Revisão bibliográfica

Entre as primeiras publicações que podemos considerar como especificamente linguísticas sobre a língua Tikuna²³, podemos citar os de Lambert Anderson e os de Doris Anderson. Lambert Anderson (1959) descreve e analisa o sistema vocálico tikuna que compreende, segundo os resultados de sua pesquisa, “seis segmentos vocálicos modificados para incluir traços fonêmicos de tom, nasalização e laringalização” (p. 76) elencando os contrastes em ambientes idênticos e análogos assim como suas variações sub-fonêmicas. No que concerne aos tons, seu trabalho é de grande relevância para os estudos da tonologia desta língua, por ser o primeiro a expor sua complexidade tonal. Doris Anderson (1962) publicou o método de ensino de língua Tikuna, intitulado *Conversational Ticuna*, voltado ao ensino-aprendizagem desta língua a pessoas não-indígenas. Nesse manual de conversação, a linguista apresenta, além de excertos de fala, diálogos, algumas informações sobre a sintaxe e a fonologia da língua e um vasto vocabulário. Há ainda um dicionário publicado por ambos os autores, intitulado *Diccionario Ticuna-Castellano* (Anderson e Anderson, 2016). A obra é composta de prólogo – que traz informações gerais da língua e do povo, os objetivos da obra e da sua organização – e notas explicativas de utilização e compreensão desse material incluindo sua codificação, aspectos ortográficos, o alfabeto Tikuna e as categorias gramaticais presentes na língua. Quanto à sua organização, os autores registram no prólogo que o

²³ Antes desses trabalhos, há outros como o de Alviano (1944: 3-194) e do Nimuendajú (1952: 155-164), mas que consideramos que não utilizam métodos especificamente linguísticos de descrição e análise. Há ainda outras listas de palavras que não consideramos aqui.

dicionário é dividido em duas partes, sendo a primeira Tikuna-Castelhano com cerca de 6.000 entradas e a segunda Castelhano-Tikuna e com cerca de 4.000 verbetes.

A primeira tese defendida sobre a língua Tikuna é de Marília Lopes da Costa Facó Soares (2002 [1992]), intitulada *O Suprasegmental em Tikuna e a Teoria Fonológica*. O primeiro volume de sua tese, subtítulo *Investigação de Aspectos da Sintaxe Tikuna*, centra-se na análise da ordem das palavras que, conforme a autora, apresenta uma “aparente flexibilidade”, bem como na análise de construções nominais, entre outras características sintáticas e relações sintagmáticas no sistema da língua Tikuna. Soares afirma que este trabalho objetiva uma “reflexão sobre as relações existentes entre níveis linguísticos” (p. 2). No segundo volume, dedicado ao *ritmo*, Soares (1992) analisa os padrões rítmicos presentes em grupos rítmicos mediante a fragmentação de três textos de tipologias distintas: político, mítico e narrativo, textos esses escritos e produzidos por falantes nativos (19-20). As diferentes fragmentações realizadas geraram os dados analisados em nível segmental e suprasegmental. No plano suprasegmental, observou-se a altura, a duração e a intensidade.

Três anos após a defesa da tese de Soares, que trabalhou com indígenas Tikuna do lado brasileiro, María Emilia Montes Rodríguez defendeu tese sobre a língua Tikuna com base em trabalho de campo do lado colombiano. Os resultados de sua pesquisa de doutorado foram posteriormente publicados no livro *Morfossintaxis de la lengua tikuna* (Montes, 2004 [1994]), com a descrição do sistema tonal tikuna, com outros aspectos da fonologia da língua e com aspectos gramaticais, privilegiando a morfossintaxe, como representado no título do trabalho. Ademais, a autora apresenta uma síntese de tendências tipológicas observadas em cada um dos aspectos analisados nesse trabalho.

Após essas teses, há um conjunto de publicações de ambas as autoras, mas que não incluiremos nessa revisão, apenas quando tratarmos de aspectos específicos da língua e na medida que esses trabalhos sejam relevantes para algum tópico específico em discussão.

Passamos então ao primeiro trabalho linguístico realizado por um indígena Tikuna, intitulado *Hacia una dialectología tikuna del trapecio amazónico colombiano* e escrito por Abel Antonio Santos Angarita (2005). Nesta dissertação de mestrado, o autor estuda as diferenças dialetais presentes nas variedades Tikuna faladas em comunidades localizadas em diferentes áreas do trapézio amazônico colombiano, com dados coletados nessa região que o autor divide em duas grandes zonas (A e B) ambas contendo duas subzonas (A1 e A2, B1 e B2) onde estão localizadas as comunidades Tikuna estudadas. Segundo Santos (*Op. Cit.*, 9), a zona A “corresponde ao setor da reserva indígena Tikuna rio Cotuhé e Putumayo, jurisdição

do município de Tarapacá, ao norte do trapézio amazônico” e a zona B “corresponde ao setor do rio Amazonas, que vai desde Leticia até Atacuari” (*Op. Cit.*, 59). Quanto às suas subdivisões, o autor explica que a subzona A1 situa-se a nordeste do trapézio amazônico e é composta pelas comunidades Buenos Aires, Caña Brava e pelas malocas de Pupuña. Na subzona A2, localizada no extremo norte do trapézio, encontram-se as comunidades Nueva Unión, Santa Lucia e San Ventura. Na subzona B1, composta pelas comunidades do município de Puerto Nariño, foram visitadas as aldeias de Puerto Nariño, San Francisco e Boyahuasu; e na subzona B2, área rural do município de Leticia, as aldeias de Arara, Macedonia e San Martín. Em relação ao contato linguístico e interétnico, o linguista enfatiza e observa essa questão pois, nas suas palavras, (*Op. Cit.*, 14) “além de registrar as variações do tikuna é necessário observar suas mudanças e o grau de contato que teve através de sua história”²⁴. Na descrição de cada comunidade das áreas/zonas geográficas que compuseram seus *loci* de pesquisa, Santos (2005, *Op. Cit.*) pontua o tipo e o grau de contato e quais línguas estão presentes nesse contato a partir do que se tem registro até os dias atuais. As subzonas B1 e B2, segundo pontua o autor, “têm maior contato com o idioma espanhol, o português, o tupi²⁵ e o inca²⁶, entre outros” (2005, *Op. Cit.*, 11). Para um melhor tratamento dos dados, o autor leva em consideração questões históricas na formação dessas comunidades e o grau de contato que cada uma dessas subdivisões apresenta, uma vez que, (2005, 9-10) considerando “sua história de formação e o grau de contato, merecendo tratamentos distintos para a análise linguística”²⁷, ou seja, os dados de cada dialeto estudado foram tratados levando em consideração esses aspectos na realização de uma análise mais acurada. O autor apresenta as áreas dialetais estudadas e a denominação em Tikuna dos dialetos analisados assim como o dialeto predominante em cada uma delas, como por exemplo, *Kutiuga*, variação predominante na zona A, *Daukega* na subzona B1 e *Tawaamaga* na subzona B2. Apresenta ainda dados lexicais de vários campos semânticos que se diferenciam nestas zonas, bem como as caracteriza em nível fonético, sintático e tonológico e mapas linguísticos dos fenômenos evidenciados. As conclusões de Santos (*Op. Cit.*) mostram que a dispersão geográfica ao longo dos séculos e o contato linguístico com outros povos em especial as línguas espanhola e portuguesa, línguas veiculares e de formação educacional escolar, são alguns dos fatores das mudanças ocorridas nessas variações da língua Tikuna dentre as quais o autor evidencia duas

²⁴ No original: Además de registrar las variaciones del tikuna es necesario observar sus cambios y el grado de contacto que ha tenido a través de su historia.

²⁵ Provavelmente, Santos refere-se à Língua Geral Amazônica.

²⁶ Santos refere-se à língua Quéchua, mas utilizando o nome do povo Inca.

²⁷ No original: su historia de formación y el grado de contacto, mereciendo tratamientos distintos para el análisis lingüístico.

variedades bem distintas, o *Kutiuga* (Zona A) e o *Tatüga* (Zona B). O autor afirma ser o seu trabalho pioneiro na análise e registro de variações dialetais na língua Tikuna.

Um artigo importante para os estudos sobre a língua Tikuna e de especial interesse para a presente pesquisa é o de Fernando Orphão de Carvalho (2009). Nele, o autor retoma a possível relação genética entre a língua Tikuna – considerada até então como uma língua isolada (Rodrigues, 1986, 94) – e a língua Yuri. Ele compara listas de palavras da língua Yuri registradas por Spix, Martius e Wallace no século XIX com dados de primeira mão da língua Tikuna e observa indícios de uma relação genética entre ambas. O autor apresenta uma revisão das propostas de relações genéticas da língua Tikuna, anteriores ao seu trabalho. Entre essas propostas, podemos mencionar Yukuna-Uri-Tikuna, Tikuna-Jê, Tikuna-Arawák²⁸. Além das relações genéticas, o autor apresenta vários comentários sobre possíveis contatos e sobre possíveis léxicos resultantes de empréstimo identificados por autores anteriores. A única língua citada como possível fonte de empréstimos é a língua Múra, embora o autor cite que essa hipótese tenha sido refutada por Nimuendajú. Na maioria dos casos, são citadas famílias linguísticas – Arawák, Karíb, Tukáno – ou o tronco Tupi. Nesse último caso, apesar do uso do nome do tronco, a referência deve ser interpretada como à família Tupi-Guarani e mais especificamente à Língua Geral Amazônica (LGA), pois, nessa época não havia uma diferenciação entre tronco Tupi e família Tupi-Guarani e a discussão em Carvalho sempre menciona a LGA. Cabe mencionar ainda que o autor cita contato interétnico entre Tikuna e Yágua.

Carvalho defendeu ainda a dissertação intitulada *Estruturas fonéticas da língua tikúna: um estudo acústico preliminar* (Carvalho, 2010), na qual apresenta uma descrição da expressão acústica de contrastes e oposições fonológicas na língua Tikuna cujo aporte teórico ancora-se na Teoria Acústica da Produção de Fala²⁹. Em suas considerações finais, o autor apresenta algumas reflexões em torno dos resultados das análises realizadas nesse estudo e a comparação e o contraste deste com trabalhos de análises fonéticas não-instrumentais anteriormente, em especial, aos “resultados dos estudos sobre as representações fonéticas da língua Tikuna” obtidos por Soares (1984, 1992) apontando, como afirma Carvalho (*Op. Cit.* 2010) concordâncias que evidenciam padrões atestados por Soares bem como discordâncias, sendo estas uma característica inerente à produção do conhecimento científico. O autor chama

²⁸ Para simplificar a questão, apresentamos as propostas simplesmente relacionando o agrupamento citado ao Tikuna, mas algumas relações são apresentadas mais claramente que outras em Carvalho (2009) e algumas estão comentadas.

²⁹ A teoria referida pelo autor consta nas obras de Fant (1960, 1973), Ainsworth (1976), Fry (1979) e Fujimura e Erickson (1997), mas tais obras não foram consideradas para a produção desta dissertação.

a atenção para o fato de os trabalhos utilizados na comparação serem compostos por dados produzidos por falantes provenientes de diferentes aldeias apresentando, portanto, variedades dialetais do Tikuna.

Avançando questões propostas por Soares (1992), Rafael Saint-Clair Xavier Silveira Braga (2010) analisa, em sua dissertação de mestrado, estruturas interrogativas de conteúdo na língua Tikuna. Na pesquisa intitulada *As interrogativas em Ticuna: propondo o movimento encoberto*, o autor discute a questão com base na gramática gerativa “minimalista do modelo de fases” de Chomsky e, ao analisar seus dados a partir das propostas elaboradas por Richards (1997, 2001), Ginsburg (2009)³⁰ e da “tese clássica de Huang (1982)” sobre “palavras *Wh-/Qu- in-situ*”, palavras estas que em LT são formadas pelo morfema *t-*. O autor conclui que assim como o japonês e o chinês-mandarim padrão, o Tikuna apresenta restrições semelhantes no que tange a escopos possíveis de interrogativas e de quantificadores. Em capítulo sobre sintaxe LF em Tikuna, Braga (*Op. Cit.*, 127) apresenta os exemplos³¹ adiante reproduzidos de frases interrogativas nessas três línguas nas quais podem-se observar os deslocamentos das interrogativas “não ocorridos em sintaxe aberta” na sintaxe de forma lógica (LF) que, segundo o autor, trata-se de “uma sintaxe mais abstrata em que as *mesmas operações* obedecidas em sintaxe aberta também ocorrerão; e é nesta interface que os três tipos de línguas focalizadas obedecerão às *mesmas restrições* quanto à determinação de escopos possíveis.” (*Ibidem*).

<i>Japonês</i> (RICHARDS 2001)	<i>Chinês-Mandarim Padrão</i> (HUANG 1982)	<i>Ticuna</i> (FACÓ SOARES 2000)
(106)	(107)	(108)
Taroo-ga <i>dare-ni nani-o</i> ageta no? <i>Taroo NOM quem-DAT o quê-ACC dar Q</i> ‘A quem Taroo deu o quê?’	Ni shuo Zhangsan qule <i>nali-ne</i> ? <i>You say Zhangsan went where-Q</i> ‘Onde você disse que Zhangsan foi?’	Peduru <i>te’e-’ũ</i> na-dau? <i>Pedro quem-’DAT’ 3P-ver</i> ‘Quem Pedro viu?’
LF: <i>dare-ni_i nani-o_j</i> Taroo-ga <i>t_i t_j</i> ageta no?	LF: <i>nali-ne_i</i> ni shuo Zhangsan <i>t_i</i> ageta no?	LF: <i>te’e-’ũ</i> Peduru <i>t_i</i> nadau?

No prospecto de sua tese, intitulado *Phonology and nominal morphology of Cushillococha*, Amalia Skilton (2017) apresenta uma descrição dos aspectos fonológicos e morfológicos dos substantivos na variedade Tikuna falada em Cushillococha – uma comunidade indígena localizada no departamento de Loreto no Peru – e seus arredores. Nesse trabalho, a autora menciona o contato entre variedades dialetais do Tikuna ocasionado pela “migração e centralização” de membros da etnia oriundos de outras localidades ocorrido no

³⁰ Tanto a obra de Richards (1997, 2001) quanto a de Ginsburg (2009) não foram consultadas para essa dissertação e estão citadas apenas para evidenciar os referenciais de Braga (2010).

³¹ Os exemplos foram reproduzidos em conformidade com o original. Nos exemplos do Chinês-mandarim padrão, acredito que a sentença em sintaxe LF apresenta a expressão em língua japonesa “ageta no” empregada no lugar de “qule”, como figura na mesma sentença em sintaxe aberta.

período em que os linguistas e missionários do *Summer Institute of Linguistics-SIL*, Doris Anderson e Lambert Anderson, atuaram nessa região. Os Andersons, segundo relata a autora, foram responsáveis por mudanças sociais e políticas que impactaram não somente a vida dos Tikuna dessa região como possivelmente influenciaram sua variedade linguística moderna (p. 5). A autora (*Op. Cit*, 13-14) descreve uma mudança em curso no dialeto de *Cushillococha* e a atribui a um contato com migrantes falantes de línguas indígenas andinas como Quéchua e Yanéscha. Este contato teria contribuído para a mudança /ŋ/ > /k/, embora ela informe que “as sementes da mudança são provavelmente não induzidas por contato: Santos (2004, 85) informa que /ŋ/ está desvozeando-se para /k/ em todos os ambientes em alguns dialetos do interflúvio”³². A autora, além dessas colocações sobre o contato linguístico, dedica um item para tratar da tonologia das palavras emprestadas (p. 20) que abordaremos mais adiante, no capítulo 5 dedicado às características da língua Tikuna. Em uma seção sobre classes formais e semântica, a autora observa e confirma uma das três predições de Aikhenvald sobre termos alienáveis e não alienáveis, Skilton indica que “muitos termos de parentesco alienáveis são empréstimos do Tupi e de línguas ibéricas” e que isso demonstra que termos emprestados tendem a ser alienáveis (p. 73).

Em sua tese *Spatial and non-spatial deixis in Cushillococha Ticuna*, Skilton (2019) estuda o significado dos demonstrativos em Tikuna que, segundo a autora, possui seis demonstrativos nominais que se traduzem em inglês por *this/that*³³ e seis demonstrativos locativos que se traduzem em inglês por *here/there*³⁴. Sua pesquisa centra-se nos demonstrativos exofóricos e evidencia que esse tipo de demonstrativo na língua tikuna não transmite a noção de distância entre o referente e os participantes do discurso, mas apresenta informação perceptual e espacial.

Embora não seja um trabalho em Linguística Descritiva ou que analise dados da língua Tikuna sob o ponto de vista do contato, o trabalho de Ana Leticia Ferreira de Carvalho (2017), *Atitudes linguísticas de universitários Tikuna: uma análise da situação do contato português/tikuna*³⁵, é importante por apresentar situações contemporâneas de contato de falantes de Língua Tikuna com a Língua Portuguesa em um ambiente universitário.

³² No original: the seeds of the change are probably not contact-induced: Santos (2004:85) reports that /ŋ/ is devoicing to /k/ in all environments in some interfluvial dialects.

³³ Optamos por manter os termos conforme o texto original, em inglês, pois os demonstrativos em português compreendem o masculino (sing./pl.), o feminino (sing./pl.) e o neutro, numa quantidade maior de termos, e que não possuem correspondência/equivalência com a língua Inglesa e, provavelmente, nem com a língua Tikuna.

³⁴ Em português: aqui/aí, ali, lá.

³⁵ Posteriormente publicado como o livro *Usos linguísticos dos Tikuna em situação de contato: uma análise do contato português/tikuna em diversos domínios/âmbitos* (Carvalho, 2020).

Um importante trabalho sobre o contato linguístico entre os Tikuna é o de Ligiane Pessoa dos Santos Bonifácio (2019), mas que se centra no Português falado por esses indígenas. Na tese, *Contato linguístico tikuna-português no Alto Solimões-Amazonas: um estudo sobre a variedade de português falada por professores Tikuna*, a autora trata das situações que envolvem o contato do português brasileiro, enquanto segunda língua, com as línguas indígenas brasileiras. O seu texto trata ainda da questão das variedades do português étnico resultantes desse contato, hoje referidos como “Português Indígena”. Em sua pesquisa, a linguista investigou dados de fala de professores da etnia Tikuna – que vivem em comunidades do município de São Paulo de Olivença, no Alto Solimões, e que atuam na educação básica local. Ela teve como o seu principal objetivo realizar o registro, a análise e a caracterização do português usado por esses professores e, a partir disso, determinar o estágio de aquisição e a fluência linguísticas desses falantes. Em seus resultados, a autora apresenta algumas características presentes no português Tikuna, desencadeadas pelo contato entre os falantes nativos de português e os membros dessa etnia.

A última tese doutoral defendida sobre a língua Tikuna é de Denis Bertet (2020), *Aspects of Tikuna grammar (San Martín de Amacayacu variety, Colombia)*. Como mencionado em seu título, a pesquisa foi realizada com falantes nativos habitantes de San Martín de Amacayacu, em território Colombiano. Dentre os aspectos gramaticais analisados, nessa pesquisa, destaca-se o sistema fonológico, a morfossintaxe e a semântica da frase predicativa, assim como aspectos da frase nominal e a expressão da negação. O autor dedica uma seção da sua tese à “fonologia do fenômeno do contato” em que apresenta um histórico cronológico das situações de contato e uma lista de empréstimos antigos e suas respectivas possíveis origens (cf. seção 5.5.).

Osias Guedes Alberto (2021) é o último trabalho a que tivemos acesso. Na sua dissertação, intitulada *Análise da adaptação fonológica e prosódica de empréstimos lexicais da língua portuguesa na língua tikuna*, se propôs a descrever e analisar a “gramática de empréstimos” provenientes da língua portuguesa na língua Tikuna, discriminando os processos de adequação e acomodação fonológica dos itens lexicais emprestados ao sistema da língua estudada. Como resultado de sua investigação, Alberto descarta a possibilidade de crioulização da língua e sugere a existência de uma nova gramática tonal própria do empréstimo³⁶. É importante ressaltar que Alberto é da etnia Tikuna e um dos primeiros

³⁶ Na seção 5.3 são apresentadas as análises das questões prosódicas, sobretudo com base em Montes (1994, 2004), Skilton (2017) e Bertet (2020).

pesquisadores de sua etnia a analisar sua língua, sendo o primeiro a tratar dos empréstimos especificamente.

2.2. Síntese do capítulo

Este capítulo apresentou uma breve revisão da bibliografia realizada no âmbito da presente pesquisa em que apresentamos os trabalhos linguísticos anteriores que foram desenvolvidos sobre a língua Tikuna. Inicialmente, esta revisão tinha como objetivo observar o que os autores falam sobre contato, mas, o que se observou é que há poucos estudos que tratam de questões relativas ao contato e menos ainda em relação aos empréstimos linguísticos. Algumas questões específicas sobre empréstimo e que foram desenvolvidas nos trabalhos mencionados neste capítulo serão retomadas no capítulo 5.

3. CONTEXTOS DE CONTATO LINGUÍSTICO

Neste capítulo, apresentamos alguns dos estudos que discutem o contato linguístico e os fenômenos a ele relacionados dentro do campo da linguística histórica, da sociolinguística e da linguística de contato. Os pressupostos teóricos concernentes ao contato linguístico e ao empréstimo, que servem de embasamento para este trabalho, estão ancorados nos referenciais que apresentamos neste capítulo.

3.1. O contato linguístico

Segundo Appel e Muysken (2005, 6-7), os estudos sobre línguas em situação de contato tiveram início no fim do século XIX, período com uma forte tradição histórico-comparativa, e têm como precursores William Dwight Whitney, que em 1881 discutiu o papel do empréstimo na mudança linguística, e Hugo Schuchardt que, a partir de 1880, documentou e publicou estudos sobre situações complexas de contato linguístico, tendo sido o fundador do ramo da linguística de contato que se ocupa de línguas crioulas, a crioulística. Os mesmos autores relatam ainda que, a partir desses estudos, outros estudiosos como Hessling (1899, 1905) e Turner (1949) ampliaram as pesquisas sobre o fenômeno do contato linguístico e consolidaram o ramo da crioulística. No entanto, eles consideram que foram as obras dos linguistas Uriel Weinreich, *Languages in Contact*, de 1953, e Einar Haugen, *The Norwegian Language In America*, também de 1953, que apresentaram um panorama mais abrangente e detalhado deste fenômeno e que forneceram as bases teóricas para o surgimento de uma nova disciplina, a Sociolinguística.

Este breve histórico da área indica as vertentes sincrônica e diacrônica que os estudos de contato linguístico podem conter, ou seja, tanto uma abordagem sociolinguística, quanto histórico-comparativa podem ser utilizadas no estudo de contato linguístico. Na presente pesquisa, busca-se entender o contato linguístico Tikuna ocorrido em fases anteriores de sua história e, portanto, será privilegiado o estudo diacrônico do fenômeno.

Campbell (2013, 298) define o contato linguístico e o apresenta pela perspectiva da linguística histórica e por sua abrangência no campo da linguística de contato:

Falamos de *contato linguístico* quando duas ou mais línguas (ou variedades de línguas) interagem uma com a outra. Quando linguistas históricos falam de contato linguístico, geralmente querem dizer mudança nas línguas provocada por esta interação entre línguas, e alguns preferem falar de *mudança linguística induzida pelo contato*. Alguns chamam ao estudo do contato linguístico “linguística de contato”. Isto normalmente inclui empréstimo, multilinguismo, linguística areal,

línguas *pidgin* e crioulas, mudança e manutenção de línguas, línguas em perigo, línguas mistas em particular e, por vezes, também outros tópicos.³⁷

Thomason (2001, 60) elenca os resultados e processos que o contato linguístico pode manifestar em decorrência do tipo e do grau de interferência: 1. Mudança linguística induzida pelo contato; 2. Mistura extrema de línguas e 3. Morte de uma língua. Ela propõe então tipologias hierárquicas dos fenômenos ligados a cada um desses estágios e enfatiza que tal categorização é uma tentativa de abstração de uma realidade bastante confusa e complexa. Para a mudança linguística, a autora sugere uma tipologia dos indicadores do tipo e grau da mudança, dos efeitos da estrutura na língua recipiente e dos mecanismos da mudança induzida pelo contato. A primeira tipologia compreende fatores sociais (intensidade do contato; presença ou ausência de aprendizagem imperfeita; atitude dos falantes) e linguísticos (marcas distintivas universais; grau dos traços integrados ao sistema linguístico; distância tipológica entre as línguas fonte e receptora); a segunda engloba a perda, a adição e a substituição de traços; e a última tipologia trata da mudança e alternância de código, familiaridade passiva, “negociação”, estratégias de aquisição de segunda língua, efeitos da aquisição de primeira língua e decisão deliberada.

Ainda quanto à mudança linguística induzida pelo contato, Thomason e Kaufman (1988, 35) afirmam que a interferência linguística é condicionada por fatores sociais e não por fatores linguísticos e que a direção e a extensão dessa interferência são socialmente determinadas. Os linguistas esclarecem que embora defendam a prevalência dos fatores sociais, o trabalho deles se atém aos fatos linguísticos e a uma sistematização desses fatos. Nesse sentido, os autores enfatizam que, embora o contato seja socialmente motivado, ele deixa marcas que são estruturais, ou seja, especificamente linguísticas e que podem, portanto, ser estudadas sob esse prisma.

Segundo estes autores, os dois mecanismos básicos da mudança linguística são o empréstimo e a interferência de substrato. O primeiro diz respeito à “incorporação de características estrangeiras na língua materna de um grupo por falantes dessa língua: a língua materna é mantida, mas é alterada pela adição das características incorporadas”, (*Op. Cit.*, 1988, 37); o segundo trata de “um subtipo de interferência que resulta da aprendizagem

³⁷ We speak of *language contact* when two or more languages (or varieties of languages) interact with one another. When historical linguists speak of language contact, they usually mean change in languages caused by this interaction among languages, and some prefer to speak of *contact-induced language change*. Some call the study of language contact ‘contact linguistics’. This usually includes borrowing, multilingualism, areal linguistics, pidgin and creole languages, language shift and maintenance, language endangerment, and mixed languages in particular, and sometimes also other topics.

imperfeita do grupo durante um processo de mudança de língua”. No caso da “aprendizagem imperfeita” mencionada pelos autores, é uma referência ao aprendizado como segunda língua e que resulta em línguas mistas, pidgins, crioulos, etc.

Thomason e Kaufman (1988, 74-76) apresentam uma escala que correlaciona a intensidade de contato aos tipos de fenômenos linguísticos esperados. Como se pode ver no quadro abaixo, o empréstimo lexical é o mais comum e mais fácil de ocorrer em uma situação de contato, não implicando em contato intenso entre os povos falantes das línguas envolvidas.

QUADRO I - ESCALA DE EMPRÉSTIMO³⁸		
ESTÁGIO	LÉXICO	ESTRUTURA
(1) Contato casual: empréstimo lexical apenas	Palavras de conteúdo. Por razões culturais e funcionais (ao invés de tipológicas), o vocabulário não-básico será emprestado antes do vocabulário básico.	
(2) Contato levemente mais intenso: leve empréstimo estrutural	Palavras funcionais: conjunções e várias partículas adverbiais.	Pequenas características fonológicas, sintáticas e semânticas lexicais. É provável que o empréstimo fonológico aqui esteja confinado ao aparecimento de novos fonemas com novos fonemas, mas somente em palavras emprestadas. As características sintáticas emprestadas nesta fase provavelmente serão restritas a novas funções (ou restrições funcionais) e novas ordenações que causem pouca ou nenhuma ruptura tipológica.
(3) Contato mais intenso: um pouco mais de empréstimo estrutural	Palavras funcionais: adposições (preposições e posposições). Afixos derivacionais potencialmente abstraídos das palavras emprestadas e adicionados ao vocabulário nativo; Afixos inflexionais podem entrar na língua emprestada anexados aos itens de vocabulário emprestado e permanecerão confinados a eles. Pronomes pessoais e demonstrativos e numerais baixos pertencentes ao vocabulário básico mais propensos a serem emprestados.	Um pouco menos de características estruturais menores do que na categoria (2). Em fonologia, o empréstimo provavelmente incluirá a fonemização, mesmo em vocabulário nativo, de alternâncias alofônicas anteriores. Isto é especialmente verdadeiro para aqueles que exploram características distintivas já presentes na língua receptora/importadora, e também facilmente tomam emprestadas características prosódicas e de estrutura de sílabas, tais como regras de acentuação e a adição de consoantes em fim de sílaba (apenas em palavras emprestadas). Na sintaxe, uma mudança completa de, digamos, SOV para SVO não ocorrerá aqui, mas alguns aspectos de tal mudança podem ser encontrados, como, por exemplo, posposições emprestadas em uma língua preposicional contrária/diferente (ou vice versa).

³⁸ Todo o conteúdo deste quadro é de autoria de Thomason e Kaufman (1988), mas a forma de exposição está adaptada.

(4) Forte pressão cultural: empréstimo estrutural moderado		Principais características estruturais que causam relativamente pouca mudança tipológica. O empréstimo fonológico nesta fase inclui a introdução de novas características distintivas em conjuntos contrastivos que são representados no vocabulário nativo, e talvez perda de alguns contrastes; novas restrições estruturais de sílabas, também no vocabulário nativo; e algumas regras alofônicas naturais e morfofonêmicas automáticas, tais como palatalização ou desvozeamento de obstruente final. Mudanças de ordem de palavras bastante extensas que causam pouca alteração categórica. Em morfologia, os afixos e categorias inflexionais emprestados (por exemplo, novos casos) serão adicionados às palavras nativas, especialmente se houver um bom ajuste tipológico tanto na categoria quanto no ordenamento.
(5) Pressão cultural muito forte: empréstimo estrutural intenso		Características estruturais maiores que causam uma ruptura tipológica significativa: adição de regras morfofonêmicas; mudanças fonéticas (ou seja, mudanças subfonêmicas nos hábitos de articulação, incluindo alternâncias alofônicas); perda de contrastes fonêmicos e de regras morfofonêmicas; mudanças nas regras de estrutura de palavras (por exemplo adição de prefixos em uma língua que era exclusivamente sufixante ou uma mudança da morfologia flexional para aglutinativa); mudanças categóricas, bem como mudanças mais extensas de ordenação na morfossintaxe (por exemplo, desenvolvimento de morfossintaxe ergativa); e adição de regras de concordância, incluindo elementos pronominais ligados.

Extraído e livremente traduzido de Thomason e Kaufman (1988, 74-76).

Sobre a escala apresentada acima, cabe apenas mencionar que ela pode ser observada em muitos casos, segundo os autores, mas ela não é determinística e é possível que alguns fenômenos linguísticos ocorram sem a relação direta com a situação social do contato.

O empréstimo linguístico, sobretudo o empréstimo lexical, é o foco desta dissertação e tratamos especificamente dele no próximo item, ou seja, considerando-o como o primeiro e mais evidente resultado do contato.

3.2. Os empréstimos

O objeto deste estudo é o fenômeno que ocorre em todas as línguas naturais existentes: o empréstimo. Deroy (1956), ao conceituar este fenômeno, esclarece que

‘Empréstimo’ é muitas vezes entendido como significando apenas o empréstimo de palavras ou empréstimo lexical. Esse é, de fato, o mais frequente, o mais aparente, o mais conhecido. No entanto, não devemos esquecer que as línguas também se apropriam dos sons, das maneiras de acentuar, dos traços morfológicos, dos sentidos, dos torneios sintáticos. Mas é do empréstimo de palavras que procedem, na realidade, todos os outros, exceto talvez certas influências sintáticas. A palavra emprestada traz consigo elementos gramaticais que secundariamente se desenvolvem de maneira autônoma. É por isso que um estudo sobre o empréstimo é e deve ser, acima de tudo, lexicológico.³⁹

Deroy (*Op. Cit.*) salienta, no excerto acima, a prevalência do empréstimo lexical em relação aos demais tipos de empréstimo e é justamente o léxico o ponto de partida para cumprirmos os objetivos deste estudo. O autor apresenta ainda uma classificação tipológica de empréstimos ao afirmar que “é possível distingui-los em quatro tipos de indícios: históricos, fonéticos, morfológicos e semânticos”.

Para Câmara Jr. (1972, 192) o empréstimo compreende “o conjunto de mudanças que uma língua sofre em contacto com outras” e acrescenta, citando Bloomfield, “a adoção de traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional”. Ele o define como “um fato linguístico com a função principal de renovar o vocabulário de uma língua”.

Carvalho (2009, 48-49) afirma ser Bloomfield o responsável por divulgar o termo empréstimo e expõe a classificação que este linguista propôs. Na tipologia bloomfieldiana (1961 *apud* Carvalho, 2009, 49), os empréstimos podem ser 1) íntimos, isto é, os que pressupõem um território bilíngue onde duas línguas convivem em uma relação assimétrica; podem ser 2) culturais ou externos, ou seja, oriundos de relações políticas, sociais e militares entre povos onde há dominância de um povo sobre os demais; ou 3) dialetais, que são aqueles que ocorrem dentro da mesma língua, entre suas variedades regionais, sociais etc.

Apresentaremos mais adiante a perspectiva de outros teóricos que tratam desta temática. Mas antes, faz-se necessária uma breve explanação do que se entende por léxico. Conforme a aceção apresentada por Aronoff e Anshen (2001, 237)⁴⁰,

[...] o léxico de uma língua é uma lista de itens existentes na língua, aqueles que o falante tem que conhecer porque são signos arbitrários: imprevisíveis de certo modo. A maioria dos itens dessa lista são palavras, embora o léxico também contenha

³⁹ On entend souvent par « emprunt » le seul emprunt de mot ou emprunt lexical. Il est, en effet, le plus fréquent, le plus apparent, le plus largement connu. On ne doit cependant pas oublier que les langues s'approprient aussi des sons, des façons d'accentuer, des traits morphologiques, des sens, des tours syntaxiques. Mais c'est de l'emprunt de mot que procèdent, en réalité, tous les autres, sauf peut-être certaines influences syntaxiques. Le mot emprunté apporte avec lui des éléments grammaticaux qui secondairement se développent de façon autonome. C'est pourquoi une étude de l'emprunt est et doit être, avant tout, lexicologique.

⁴⁰ Trata-se da aceção de léxico no campo da morfologia ou, como explicam os autores, no sentido “herdado da gramática tradicional e de Bloomfield” (Bloomfield 1933, Zwicky 1989, Aronoff 1994 *apud* Aronoff e Anshen 2001, 237). Para os autores, morfologia e léxico são “entidades separadas” porém “interdependentes” (*ibidem*).

unidades maiores como expressões idiomáticas e talvez também unidades menores como afixos.⁴¹

De acordo com Sandalo (2003, 192), no campo da “Fonologia Lexical”, isto é, do “estudo da interação entre Morfologia e Fonologia”, léxico é compreendido como “[...] um local de armazenamento de irregularidades memorizadas”. Essa visão de léxico se opõe à sintaxe, cujas regras são mais regulares e universais, uma vez que são generalizáveis dentro de uma língua.

Carvalho (2009, 19) apresenta alguns outros sentidos para o termo léxico, dentre os quais, o de que este constitui “um conjunto virtual, onde se pode identificar como unidade básica o morfema, ou unidade significativa mínima”. A autora enfatiza a distinção entre as duas categorias de morfemas: os lexicais (lexemas) e os gramaticais (gramemas), estando a primeira “em permanente renovação”, enquanto que a segunda é mais restrita nesse sentido. Carvalho (*Op. Cit.*, 20) adiciona ainda a visão de linguistas como Martinet (1964) e Ulmann (1964) sobre léxico: o primeiro o define como “o conjunto de morfemas lexicais” e o segundo enquanto “um conjunto de palavras lexicais”. Ambos contrastam léxico, que diz respeito às “unidades significativas”, e gramática, que se refere às “regras combinatórias”. Carvalho traz ainda a perspectiva de Crystal (1985), para quem léxico opõe-se à gramática no tocante ao uso porquanto nesta encontram-se as regras e no léxico, os termos. Por fim, a autora explica que “o léxico é uma parte do conjunto da língua, da mesma forma que o sistema fonológico, a flexão, a construção da frase e os processos de formação de palavras”.

Sobre a questão do empréstimo, Campbell (2013, 56) pontua a diferença entre *loanword* e *borrowing*⁴², nos quais este indica o processo de incorporação de elementos linguísticos e aquele do item lexical propriamente dito. Esta diferenciação é necessária uma vez que esse processo, como visto anteriormente em Deroy (1956) e agora em Campbell, pode englobar outros níveis além do lexical e, conforme este autor, “[...] qualquer material linguístico – sons, regras fonológicas, morfemas gramaticais, padrões sintáticos, associações semânticas, estratégias discursivas ou o que quer que seja”⁴³ é passível de empréstimo. O autor apresenta os fatores envolvidos nesse complexo fenômeno. Para ele, as razões primárias que levam uma língua a incorporar vocábulos alógenos são a necessidade e o prestígio,

⁴¹ No original: [...] the lexicon of a language is a list of existing items in the language, those that a speaker has to know because they are arbitrary signs: unpredictable in some way. Most of the items on this list are words, though the lexicon also contains larger units like idoms, and maybe also smaller units like affixes.

⁴² Ambos os termos são traduzidos como empréstimo em português, o que dificulta a distinção em nossa língua.

⁴³ No original: [...] any linguistic material – sounds, phonological rules, grammatical morphemes, syntactic patterns, semantic associations, discourse strategies or whatever – can be borrowed [...].

geralmente relacionados à aquisição de itens ou conceitos. Tomemos como exemplo o advento de computadores na nossa sociedade, que trouxe consigo uma série de termos, sobretudo da língua inglesa, que foram adaptados à nossa (*e. g. mouse* ['maw.z], *notebook* [n (o).t i.'bu.k] etc.). Quanto à segunda razão, esta diz respeito à substituição de palavras vernáculas por equivalentes provenientes de uma língua de maior prestígio político e social (como termos do francês no passado e alguns anglicismos contemporâneos). Uma última razão, porém menos comum, é a depreciação, o que significa a incorporação de palavras de outras línguas para serem empregadas na língua receptora com conotação negativa, diferente da conotação original na língua provedora (Campbell, 2013, 58-59).

Em relação aos processos inerentes ao empréstimo linguístico, Campbell (2013, 59) explica que em estágios iniciais de contato ou interferência linguística “as palavras emprestadas são geralmente remodeladas para se encaixarem na estrutura fonológica e morfológica da língua receptora”⁴⁴⁻⁴⁵. O autor salienta que se a palavra emprestada apresenta sons inexistentes na língua receptora, por ação da “*interferência fonética*”, estes serão substituídos por sons foneticamente equivalentes que se aproximem daqueles da língua doadora em um processo chamado “*adaptação ou substituição de fonema*”. Ele acrescenta ainda que “padrões fonológicos não-nativos passam por um processo de *acomodação* em que são modificados para enquadrar as combinações fonológicas permitidas na língua receptora por meio de *deleção, adição ou recombinação* de segmentos”⁴⁶ (2013, 59). Como exemplo, podemos pensar no que aconteceu às palavras da língua inglesa que apresentam consoantes oclusivas como /p/ e /t/ em coda silábica e que ao serem incorporadas à língua portuguesa receberam vogais epentéticas, ressilabificando estas consoantes. Palavras cuja estrutura em língua inglesa eram CVC, CVC.CV passam, respectivamente, a uma estrutura CV.CV e CV.CV.CV em Língua Portuguesa, como é o caso de *laptop* [l .p .t .p], que recebeu um [] na segunda e na última sílaba, acomodando-se dessa forma ao sistema fonológico da língua portuguesa falada no Brasil.

⁴⁴ No original: Borrowed words are usually remodelled to fit the phonological and morphological structure of the borrowing language, at least in early stages of language contact.

⁴⁵ Como será visto na seção 6.5., classificamos os dados em “empréstimos com alguma adaptação” e “empréstimos sem adaptação”, pois esta diferença pode evidenciar empréstimos mais antigos e empréstimos mais recentes na Língua Tikuna. Montes (c.p.) observa que o termo kapé ‘café’ ocorre na variedade de Amacayacu, mas que em falares de pessoas mais jovens ou em variedades mais expostas ao português ou ao espanhol, esta palavra poderia conter um fone fricativo labiodental [f].

⁴⁶ No original: Non-native phonological patterns are also subject to *accommodation*, where loanwords which do not conform to native phonological patterns are modified to fit the phonological combinations which are permitted in the borrowing language. This is usually accomplished by deletion, addition or recombination of certain sounds to fit the structure of the borrowing language.

Uma questão pertinente que Campbell (2013, 61-63) levanta é sobre como identificar empréstimos não tão óbvios e como determinar a direção do processo de empréstimo. Ele estabelece alguns critérios para isso e o critério fonológico se sobrepõe aos demais. O autor afirma que a análise do padrão fonológico de uma língua e da história do seu desenvolvimento fonológico – no caso de línguas que possuam registro das mudanças ocorridas em estágios anteriores – fornece pistas que permitem reconhecer possíveis empréstimos. Para Campbell, palavras que não condizem com o padrão considerado como historicamente herdado ou que violam padrões fonológicos típicos – isto é, “as formas canônicas, a estrutura dos morfemas, a estrutura das sílabas e a fonotática” – podem ser consideradas como resultantes de empréstimos. No caso, caberia pensar no padrão acentual da língua portuguesa.

Empréstimos podem gerar padrões específicos ou incomuns em uma língua, como é o caso do acento “proparoxítono” da Língua Portuguesa. Como podemos ver, na tabela abaixo, as palavras proparoxítonas da Língua Portuguesa foram, em sua maioria⁴⁷ ou a) formadas a partir de morfemas emprestados de outras línguas, ou b) tomadas de empréstimo do Grego ou do Latim, inclusive empréstimos tardios.

Quadro II - Proparoxítonas em Língua Portuguesa⁴⁸	
Palavra	Origem
1. Autônomo	Grego (Datação: 1836)
2. Catástrofe	Grego (D.: 1679)
3. Catálogo	Grego (D.: 1532)
4. Empréstimo	Arcaico (D.: séc. XIV)
5. Fantástico	Latim ← Grego (D.: 1836)
6. Fonética	Francês ← grego (D.: 1877)
7. Helicóptero	Grego pelo francês (D.: 1932)
8. Hélice	Grego (D.: 1789)

⁴⁷ Referimo-nos à maioria, por não termos um levantamento exaustivo sobre a questão. No entanto, não encontramos palavras proparoxítonas que não fossem afetadas, de alguma forma, por empréstimos (lexicais ou morfológicos).

⁴⁸ As origens dos termos foram pesquisadas no Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (Houaiss, 2009). Quadro elaborado pela autora a partir dos dados retirados de Houaiss (2009).

9. Indígena	Latim (D.: 1552)
10. Libélula	Latim científico ← latim clássico (D.: 1899)
11. Mágico	Grego pelo latim (D.: séc. XIV)
12. Pânico	Grego (D.: 1572)

Ainda sobre esse ponto, é importante notar que Alberto (2021, 55), ao analisar os empréstimos de origem portuguesa em Tikuna também encontra um padrão de marcação tonal diferente para essas palavras. Segundo o autor, as “palavras originais” da língua Tikuna possuem marcação tonal imprevisível, já as palavras tomadas de empréstimo do Português apresentam um “contorno tonal previsível” cujos níveis de altura seguem sempre a sequência médio-médio-baixo (ML)⁴⁹.

Retomando Campbell (*Op. Cit.*, 63-66), os outros critérios que o autor estabelece para a identificação de empréstimos estão relacionados à complexidade morfológica da língua analisada, a termos cognatos de uma família linguística encontrados em línguas de outras famílias, a termos cuja origem sinaliza uma distância geográfica e ecológica do território da língua analisada e, por fim, pistas envolvendo o campo semântico de termos suspeitos de empréstimo.

Além dos critérios tratados acima, o linguista (*Op. Cit.*, 71) expõe ainda o processo denominado calque – tradução literal e empréstimo semântico – em que somente o sentido é incorporado na língua importadora. O autor exemplifica tal processo com a expressão *black market*, tradução do termo em alemão *Schwarzmarkt*, palavra composta do adjetivo *schwarz* ‘preto, negro’ e do substantivo *markt* ‘mercado’, que corresponde a ‘mercado negro’, igualmente uma tradução literal em língua portuguesa. Na língua Tikuna, encontramos alguns termos introduzidos no seu repertório por meio desse processo, como é o caso de *ñaxëëruxĩ*, que é traduzido por “piloto, chofer” (Anderson e Anderson, 2016, 196). Apesar de alguns termos dessa natureza constarem nos nossos dados, não iremos abordar essa questão neste trabalho.

3.3. Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos o referencial teórico adotado na presente pesquisa e elencamos os conceitos de contato e empréstimo linguístico sob diferentes perspectivas dentro

⁴⁹ Como mencionado, as questões prosódicas são tratadas na seção 5.3.

das áreas da ciência da linguagem em que tais fenômenos constituem-se como objeto. Perpassamos as abordagens possíveis em direção aos postulados específicos, isto é, partimos de um enfoque geral para aquele a que nosso estudo está vinculado e, na sequência, expomos os pressupostos relativos ao tema e ao objeto deste estudo.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve os passos metodológicos que seguimos no processo de desenvolvimento desta pesquisa. Antes de passarmos ao aporte teórico-metodológico que nos direcionou nesse processo e fundamentou nossas análises, faremos uma breve exposição dos eventos pessoais e acadêmicos que motivaram este estudo. Para tanto, será feita uma narrativa em primeira pessoa, pois essa primeira etapa – que diz respeito a um período anterior ao ingresso no mestrado e à condução da pesquisa em conjunto com meu orientador – está mais relacionada à minha formação enquanto pesquisadora.

O interesse pelo tema desta pesquisa surgiu durante a disciplina “Língua e Cultura”, cursada em 2008, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM. Em uma das aulas, tratou-se do contato linguístico e esse assunto me despertou curiosidade à época. Por razões diversas, só consegui retomá-lo em 2015 após entrar em contato com a professora Ana Carla Bruno, que havia ministrado, juntamente com o saudoso professor Frantomé Pacheco, a disciplina mencionada anteriormente. A professora Ana Carla Bruno, na ocasião, me orientou em algumas questões e me passou material para aprofundar-me sobre o assunto. Passei a cursar outras disciplinas, com o intuito de ampliar minha compreensão de questões linguísticas e indígenas – como, por exemplo, Etnolinguística, ministrada pela Profa. Raynice Silva no PPGL da UFAM – e a procurar autores que tratassem do contato linguístico e de outros assuntos relacionados para escrever o projeto inicial que veio a se tornar a presente pesquisa. Selecionei alguns trabalhos sobre a temática, dos quais destaco a dissertação de Mesquita (2009), que analisa a questão do contato e dos empréstimos linguísticos junto aos indígenas da etnia Xerente Akwẽ e que foi a base para o primeiro projeto.

Após o ingresso no PPGL, o projeto foi revisado e pensou-se em desenvolver um trabalho de campo na comunidade de Umariçu, no município de Tabatinga. Inicialmente, previa-se realizá-lo no segundo semestre de 2020. Infelizmente, por conta da pandemia do novo coronavírus, foi impossível viajar e estar em contato direto com os indígenas. Assim, optou-se por uma reconfiguração do trabalho com a retirada dessa etapa e, após uma nova organização no planejamento, a pesquisa tornou-se integralmente bibliográfica e foi realizada por meio de dados extraídos de textos escritos e/ou orais publicados em língua Tikuna. Nesse caso, privilegiou-se a identificação de empréstimos no *Diccionario Tikuna-Castellano* e realizou-se uma caracterização estrutural das adaptações observadas.

Esta pesquisa insere-se no campo da linguística de contato (Thomason e Kaufman, 1988; Thomason, 2001; Campbell, 2013) e por isso faremos uso de métodos que nos permitam analisar o fenômeno do contato linguístico e dos empréstimos, para investigarmos por que via adentraram os itens oriundos de empréstimo incorporados, principalmente, ao léxico da língua Tikuna. Além do evidente caso do português e do espanhol, há a hipótese de que parte dos empréstimos lexicais em Tikuna provém da Língua Geral Amazônica, o Nheengatu (cf. Carvalho, 2009, Bertet, 2020). Uma outra possível fonte de empréstimos seria o Kambeba (Omágua ou Kokama⁵⁰), que é uma língua mista com grande parte do vocabulário de origem Tupinambá. Há ainda uma possibilidade de contribuições de línguas Aruák (cf. Bertet, 2020) para o léxico Tikuna. O trabalho considerará, portanto, todas essas possíveis origens e a possibilidade de contextos diversos de contato para a entrada de léxicos de diferentes origens. Ressaltamos que a base metodológica deste trabalho de pesquisa é, sobretudo, a escala de empréstimos de Thomason e Kaufman (1988) que apresenta os tipos de empréstimos e fenômenos que ocorrem em cada um dos cinco estágios de contato linguístico, como visto no Quadro I exposto no capítulo 3.

Para verificar a existência de potenciais empréstimos, inicialmente, fizemos o levantamento do léxico com probabilidade de ser emprestado, levando em consideração alguns critérios fonológicos, sobretudo o de que as palavras herdadas na língua Tikuna geralmente são compostas de uma ou duas sílabas (Montes, 1994, 52; 2004, 47); portanto, palavras que apresentam um número maior de sílabas são consideradas, em nosso levantamento, suspeitas de serem léxico de contato⁵¹. A semelhança com palavras da Língua Portuguesa⁵² ou da Língua Espanhola⁵³ também foi considerada em alguns casos. Para tanto, retiramos e organizamos uma lista com todos os termos que possuem tais características do *Diccionario Ticuna-Castellano* compilado pelos linguistas Doris e Lambert Anderson (2016). Encontrou-se, nesta primeira triagem, um total de 418 itens lexicais que foram analisados, considerando as adaptações fonológicas e as possibilidades de estabelecimento de critérios que identifiquem a origem desses possíveis empréstimos.

Após o estabelecimento inicial da base de dados, foram encontrados novos critérios que permitiram a inclusão de outras palavras, mudando de 418 para 423, o total de palavras analisadas na presente pesquisa. Houve, entretanto, a exclusão de palavras que não

⁵⁰ Embora atualmente, Kambebas (Omáguas) e Kokamas não se reconheçam como o mesmo povo, linguisticamente são considerados variedades da mesma língua (Cabral, 1995).

⁵¹ Sobre a estrutura das palavras tikuna, ler a seção 5.4 e 5.3 desta dissertação.

⁵² Doravante LP.

⁵³ Doravante LE.

consideramos como empréstimo ou que não nos pareciam pertinentes para a análise das adaptações de empréstimos como apresentado em 6.1., 6.2., 6.3 e 6.4.

A leitura do trabalho de Skilton (2017) nos forneceu critérios adicionais para a identificação de empréstimos. A autora realizou uma criteriosa análise da melodia tonal dos empréstimos da LT e identificou alguns padrões tonais que apresentamos na seção 5.4. Tomando como modelo a análise de Skilton (2017), observamos os tons presentes na transcrição fonêmica realizada por Anderson e Anderson (2016). Na sequência, agrupamos os padrões tonais identificados que exporemos no capítulo 6. Tal análise possibilitou a identificação dos empréstimos não tão óbvios e auxiliou a posterior identificação e exclusão dos dados polimorfêmicos, ou seja, dos termos próprios da LT que figuravam na primeira compilação de dados. Após a exclusão dos termos polimorfêmicos, o quantitativo dos nossos dados passou de 423 para 321 itens lexicais possivelmente alógenos⁵⁴.

4.1. Procedimentos de análise de dados

Por tratar-se de um estudo que visa investigar as possíveis origens do léxico oriundo de empréstimo de línguas doadoras (Kambeba, LGA, Português e Espanhol) à língua receptora, o Tikuna, empregaremos critérios de análise da linguística de contato, com vistas a observar possíveis padrões que nos ajudem a identificar as possíveis origens dos itens lexicais.

Os dados aos quais tivemos acesso durante a primeira fase da pesquisa foram extraídos de um dicionário mencionado anteriormente, que apresenta os verbetes grafados conforme a ortografia de uma variedade da língua Tikuna falada no Peru e apresenta, na sequência, a transcrição de cada verbete conforme o modelo de transcrição fonêmica adotada pelos autores que o compilaram. A respeito dessa questão, Campbell (2013, 373-400) discute o papel da escrita e da filologia em estudos de linguística histórica, nos quais a filologia desempenha um papel importante, uma vez que, dentre as várias acepções apresentadas pelo autor, “a filologia é entendida como a atividade acadêmica que tenta obter informações sistemáticas sobre uma língua a partir de registros escritos” (*Op. Cit.*, 391) e, dentre seus vários usos histórico-linguísticos, convém à investigação de quais informações pode-se extrair de documentos escritos, como consegui-las e o que fazer com tais informações. No que diz respeito às muitas contribuições para este campo do conhecimento, principalmente à reconstrução e à classificação de línguas, ressaltamos que a aplicação de noções filológicas,

⁵⁴ Os 320 dados aqui mencionados compõem o Apêndice 1 deste trabalho.

conforme aponta Campbell (*Op. Cit.*, 391-392), possibilita distinguir material herdado de material resultante de empréstimo, como também datar mudanças sonoras e empréstimos.

Voltando à análise dos dados, propriamente, como mencionado acima, o que nos guia na identificação de empréstimos é o número de sílabas e a semelhança fonética com palavras de outras línguas. Nesse caso, foi ainda feita uma primeira triagem do material com o orientador e com a professora María Emilia Montes Rodríguez, quem pôde sugerir possíveis origens para alguns casos que não haviam sido identificados inicialmente, principalmente de origem na LGA. Em um segundo momento, tenta-se estabelecer critérios que nos ajudem a identificar mais precisamente a origem, como é o caso das palavras abaixo:

Quadro III - Exemplos de Empréstimos em Tikuna ⁵⁵		
EMPRÉSTIMO	ORIGEM	
	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS
13. chabura (<i>cha³bu³ra⁵</i>)		cebola
14. cowaru (<i>co³wa³ru⁵</i>)		cavalo
15. seyu (<i>se²yu⁵</i>)	<i>sello</i>	
16. cáye (<i>ca²³ye⁵</i>)	<i>calle</i>	
17. chanaória (<i>cha³na³o²ri³a⁵</i>)	<i>zanahoria</i>	
18. cuadernu (<i>cua³der²nu⁵</i>)	<i>cuaderno</i>	
19. iscuera (<i>is³cue²ra⁵</i>)	<i>escuela</i>	

No Quadro III acima, as palavras *chabura* ‘cebola’ e *cowaru* ‘cavalo’ estão identificadas como de origem portuguesa devido à adaptação de /l/, que em Tikuna resulta em /r/. Nesse caso, afasta-se a possibilidade de ter origem em espanhol ‘cebolla’ /se.bo.d a/, pois o som /d / é adaptado ao Tikuna como /dz/, grafado <y> no *Diccionario*⁵⁶. Os exemplos de cáye ‘rua’ e seyu ‘selo’ confirmam nossa análise e estão no quadro para demonstrar que a adaptação de /d / => /dz/ é bastante comum em Tikuna. É possível notar que a fricativa /s/, comum à LP e a LE, foi sistematicamente adaptada como uma africada /tʃ/ (chábura ‘cebola’, chanaória ‘cenoura’), ortograficamente <ch>, embora haja casos como /s/ em coda, exemplificado no quadro acima pela palavra *iscuera* ‘escola’. As palavras *cuadernu* ‘caderno’, *chanaória* ‘cenoura’ e *iscuera* ‘escola’ ilustram casos de identificação devido a sequências vocálicas observáveis em LE, mas não em LP.

⁵⁵ Quadro elaborado pela autora.

⁵⁶ Refere-se ao *Diccionario Ticuna-Castellano* dos Andersons (2016).

Metodologia semelhante deve ser empregada também para identificar empréstimos das outras possíveis fontes, embora tenhamos mais dificuldades para estabelecer critérios e até mesmo para encontrar materiais que viabilizem esse tipo de análise. Cabe ressaltar, que os critérios são sempre descritivos e partem da observação dos dados para a generalização. Há ainda a possibilidade de uso de critérios morfológicos, mas esta questão ainda está em desenvolvimento.

Uma maior dificuldade metodológica é a de determinar possíveis materiais para a comparação com uma possível fonte Arawak, uma vez que não há um registro claro de qual seria a língua que esteve em contato com o Tikuna. Ademais, mesmo que houvesse o registro sobre qual foi a língua, não é possível precisar se teríamos material adequado (um bom dicionário com uma quantidade grande de verbetes) para uma comparação do tipo almejado na presente pesquisa.

4.2. Síntese do capítulo

Neste capítulo expusemos o percurso metodológico desta pesquisa e listamos suas etapas e os procedimentos empregados em cada fase, desde sua idealização. Este processo implicou, dentre outras coisas, na busca e seleção de materiais sobre o tema, a língua e o povo, etc. assim como na escolha de um arcabouço teórico que se alinhasse às nossas escolhas metodológicas para a seleção e análise linguística dos dados.

5. REVISÃO DE ASPECTOS DA LÍNGUA TIKUNA

Este capítulo reúne os aspectos da língua Tikuna que entendemos essenciais ao desenvolvimento deste trabalho. Para tanto, retomamos aqui alguns dos estudos descritivos desta língua já mencionados no capítulo 2. Os estudos considerados para essa revisão foram os de Soares (1986, 1992, 2000), Montes (1994, 2004), Skilton (2017) e Bertet (2020).

5.1. Aspectos linguísticos e tipológicos

Embora não haja unanimidade entre os pesquisadores da língua Tikuna, ela é considerada por muitos pesquisadores como pertencente à família linguística Yuri-Tikuna⁵⁷, embora tenha sido considerada, por muito tempo, como isolada e, ainda hoje, encontre pesquisadores que mantenham essa posição (Cf. Soares, 2017). A hipótese de uma relação entre as línguas Yuri e Tikuna (Greenberg, 1987; Kaufman, 1994; Campbell, 1997) teve pouco reconhecimento até a publicação do trabalho de Carvalho (2009), que apresentou correspondências sonoras e correspondências entre formas pronominais para ambas as línguas. Desde então, as línguas Tikuna e Yuri – embora esta possa ser uma língua extinta⁵⁸ – passaram a ser referidas como membros da família Yuri-Tikuna por alguns pesquisadores da Língua Tikuna (Goulard e Montes, 2013; Montes, 2013; Seifart e Echeverri, 2014) e por Campbell (2012)⁵⁹, especialista em linguística Histórica das Américas.

Segundo Anderson e Anderson (2016, vii), a Língua Tikuna (LT) é polissintética, ou seja, uma única palavra nessa língua pode ser composta de vários morfemas que expressam valores semânticos e sintáticos equivalentes a uma frase completa em línguas como o Português. Outra característica da LT sob a qual se debruçaram os pesquisadores dessa língua é o seu sistema tonal. Evidenciada por L. Anderson (1959), a tonologia da LT será apresentada mais adiante, no item 5.3, de acordo com seus postulados e ainda os de Soares (1996), Montes (2004) e Bertet (2020). Quanto ao alinhamento, Montes (2004, 168) afirma que a LT possui um sistema de tipo acusativo, no entanto, “a incorporação nominal mostra uma sensibilidade ergativa”.

⁵⁷ Campbell (2012:106) e Montes (2013) referem-se a esta família como Tikuna-Yurí.

⁵⁸ A língua Yuri era falada entre os rios Putumayo e Caquetá na Colômbia, nas proximidades da fronteira com o Brasil. Atualmente, há um grupo de indígenas em isolamento nessa região e cuja língua acredita-se que possa ser a língua Yuri (Cf. MONTES e GOULARD, 2013).

⁵⁹ Em seu artigo intitulado *Classification of the indigenous languages of South America*, o linguista apresenta a família Tikuna-Yuri e considera a proposta de Carvalho (2009) como promissora, apesar de que em outro artigo da mesma publicação, ele refere-se à língua Tikuna como isolada.

5.2. Sobre grafemas e fonemas segmentais

O alfabeto apresentado por Anderson e Anderson (2016) é composto de 22 letras pertencentes ao sistema linguístico Tikuna <a, b, c, ch, d, e, g, i, m, n, ng, ñ, o, p, q, r, t, u, ü, w, x, y>⁶⁰ acrescido das letras <f, j, k, l, s, v, z>, que aparecem na grafia de empréstimos do espanhol.

Abaixo, apresenta-se um quadro síntese com as correspondências entre a ortografia utilizada em Anderson e Anderson (2016) e os fonemas propostos nas análises de Soares (1986), Montes (1994, 2004), Skilton (2017) e Bertet (2020).

Quadro IV - Grafemas consonantais Tikuna e seus valores fonéticos, segundo os autores				
GRAFEMA	SOARES (1986)	MONTES (1994, 2004)⁶¹	SKILTON (2017)	BERTET (2020)
<p>	/p/ [p]	/p/ [p, p ^v , p ^ʔ]	/p/ [p]	/p/ [p, m]
	/b/ [b]	/b/ [b, b ^v , ^m b, m]	/b/ [b, v]	/b/ [b, m]
<m>	/m/ [m]		/m/ [m]	
<t>	/t/ [t]	/t/ [t, t ^v , t ^ʔ]	/t/ [t]	/t/ [t]
<d>	/d/ [d]	/d/ [d, d ^v , ⁿ d, n]	/d/ [d]	/d/ [d ^h , n, r,]
<n>	/n/ [n, n]		/n/ [n]	
<r>	/r/ [r]		/r/ [r]	
<c>	/k/ e /k ^w / [k, q, k ^h] e [k ^w , ϕ, ϕ ^w]	/k/ [k, k ^ʔ]	/k/ [k, k ^w , f, ϕ, m]	/k/ e /k ^w / [k] e [k ^w , ϕ ^w , ϕ, w̃]
<q> ⁶²				
<g> ⁶³	/g/ [g, g ^w , β ^w]	/g/ [g, ⁿ g, ŋ, γ]	/g/ [g]	/g/ [g, γ]
<ng>	/ŋ/ [ŋ]		/ŋ/ [ŋ, ʎ]	/Ø/ [ŋ, n]

⁶⁰ A partir da observação de textos escritos no Brasil, pude perceber que há leves diferenças entre a proposta ortográfica de Anderson e Anderson (2016) e a praticada no Brasil. Por exemplo, enquanto o casal missionário propõe o <x> como representação da glotal, os textos a que tive acesso grafam o mesmo som com <ʔ>.

⁶¹ Os fonemas e suas respectivas realizações fonéticas foram extraídos da tese da autora (1994) que confrontamos com o livro resultante da tese (Montes, 2004) e, a partir dessa comparação, acrescentamos algumas representações constantes no livro.

⁶² Embora o grafema apresentado pelos autores seja <q>, de fato, eles grafam <qu>, sempre diante de <e> e <i>. Antes de <a>, <o> e <u>, eles usam o <c>.

⁶³ Assim como no caso do <q>, o <g> também é grafado seguido de <u> diante de <e> e <i>.

<x> ⁶⁴	/ʔ/ [ʔ]	/ʔ/ [ʔ]	/ʔ/ [ʔ]	/ʔ/ [ʔ]
<ch>	/tʃ/ [tʃ, ʃ]	/c/ [c, ʃ]	/tʃ/ [ʃ]	/tɕ/ [tɕ, ɲ, ɕ]
<y>	/dz/ [dz, z]	/j/ [j, j, dʒ, ʝ, ɲ]	/j/ [j, j, ʒ]	/dz/ [dz, j, ɲ]
<ñ>	/ɲ/ [ɲ]			/ɲ/ [ɲ]
<w>	/w/ [w, β]	/w/ [w, β]	/w/ [w]	/w/ [w, w̃]

Quadro V - Grafemas vocálicos Tikuna e seus valores fonéticos, segundo os autores ⁶⁵				
GRAFEMA	SOARES (1986)	MONTES (1994, 2004)	SKILTON (2017)	BERTET (2020)
<a>	/a/	/a/	/a/ [a, a, ă, ă]	/a/ [a, a, ă, ă]
<a̲> e <a̲x>	[a, ă, ă, ă]	[a, a, aɸ]		
<â>	/ã/	/ã/		
<â̲> e <â̲x>	[ã]	[ã, ă]		
<e>	/e/ [ɛ, ɛ, ẽ, ẽ]	/e/	/e/ [e, ɛ, ẽ]	/e/ [e, ɛ, ẽ]
<e̲> e <e̲x>		[e, ɛ, ɛɸ]		
<ê>			--	--
<ê̲> e <ê̲x>			--	--
<i>	/i/ [i, ĩ, ɨ]	/i/	/i/ [i, j, ɨ, ɨ]	/i/ [i, ɨ, ɨ]
<i̲> e <i̲x>		[i, j, iɸ]		--
<î>		/ĩ/	/ĩ/	--
<î̲> e <î̲x>		[ĩ, ɨ]	[ɨ]	--
<o>	/o/ [ɔ, ɔ]	/o/	/o/ [o, o, õ]	/o/ [o, o, õ]
<o̲> e <o̲x>		[o, ɔ, ɔɸ]		--
<ô>		/õ/	/õ/	--
<ô̲> e <ô̲x>		[õ, õ]	[ɔ]	--
<u>	/u/	/u/	/u/	/u/

⁶⁴ Os autores utilizam o grafema <x> para representar, além da glotal, a laringalização das vogais, que, neste caso, também são sublinhadas.

⁶⁵ As representações fonético-fonológicas aqui listadas foram extraídas das tabelas de sistematização dos sons e fonemas da LT presentes nos trabalhos desses autores, entretanto, algumas dessas representações que não constam nessas tabelas foram encontradas nos textos das análises fonológicas e nos dados desses trabalhos.

<u> e <ux>	[u, ʊ, o, ɔ, y, ã, õ, õ, õ]	[u, ʊ, w, uɣ]	[u, w, y, ã]	[u, y, ã, ã]
<ũ>		/ũ/ [õ]		
<ũ> e <ũx>		--	--	
<ü>	/i/ [i, ə, ĩ, ə, ĩ]	/w/ [w, i, ŋ, wɣ]	/i/ [i, ĩ, ĩ]	/w/ [w, ũ, N]
<ü> e <üx>				--
<ĩ>	/ĩ/ [ĩ]	/w̃/ [ĩ]		--
<ĩ> e <ĩx>	--	--	--	--

Quadro VI - Grafemas utilizados apenas em empréstimos, segundo Anderson e Anderson (2016)				
GRAFEMA	SOARES (1986)	MONTES (1994, 2004)	SKILTON (2017)	BERTET (2020)
<f>	--	--	--	--
<j>	--	--	--	--
<k> ⁶⁶	--	--	--	--
<l>	--	--	--	--
<s>	--	--	--	--
<v>	--	--	--	--
<z>	--	--	--	--

5.3. Alguns aspectos prosódicos

Em relação a aspectos prosódicos, o Tikuna apresenta acento de altura, enquanto a Língua Portuguesa apresenta acento de intensidade. A língua Tikuna difere também de outras línguas tonais, como o mandarim, pois esta apresenta tons de contorno enquanto aquela apresenta tons de nível (Callou; Leite, 2009, 32)⁶⁷. O primeiro estudo a identificar e atestar a presença de tons na língua Tikuna foi conduzido por Anderson (1959) junto a indígenas desta etnia habitantes de uma pequena comunidade em Loreto, no Peru. Anderson os classificou em

⁶⁶ Em algumas ortografias em uso, como a do Brasil, o <k> é usado em lugar de <c> e <qu> na grafia de Anderson e Anderson (2016).

⁶⁷ Montes (c.p.) observa que Anderson (1959), Montes (1994, 2004), Skilton (2017) e Bertet (2020) registram tons de contorno (descendente e ascendente) e que alguns autores consideram esses tons de contorno como fonêmicos. No entanto, ela observa ainda que não há muita clareza quanto ao *status* desses tons de contorno, mas que seguramente ocorrem a nível fonético.

cinco níveis fonêmicos de altura (*pitch*), e, a despeito de outras línguas tonais, é a primeira língua da América do Sul a apresentar um intrincado sistema de tons (*Op. Cit.*, 77).

Em seus estudos sobre esta língua, Montes (2004, 18 e 29) apresenta uma proposta de tonologia compreendendo três tonemas no nível fonológico – alto, médio e baixo – e seis tons pontuais e dois tons modulados (ascendente e descendente) no nível fonético. Em sua proposta, portanto, a língua pode apresentar os seguintes tons fonéticos: super-alto, alto, baixo-alto, médio, médio-alto, baixo, alto-baixo, super-baixo. Ao confrontar sua proposta tonológica da variedade da LT de Amacayacu com as postuladas por Anderson – que atuou no Peru por várias décadas a partir dos anos 1950 – e por Soares – que estudou a LT falada no Brasil –, Montes menciona uma possível coexistência de subsistemas tonais resultantes de processos de mudança e variações dialetais geográficas e geracionais (p. 29). Soares (1996) considera os contrastes, no nível da altura, entre os tons alto e baixo da LT e analisa o tom médio como um tom *default*. No que concerne à realização desses tons fonológicos, ela considera que o tom alto apresenta altura meio-alta e que o tom baixo apresenta altura meio-baixa dentre suas possíveis realizações.

Bertet (2020) postula a existência de 10 tonemas na LT compostos por 8 tons e 2 “*phonationemes*”⁶⁸. Esses tonemas, segundo a análise do autor, ocorrem em sílabas acentuadas e apresentam sequências tonais complexas, enquanto em sílabas não acentuadas, os tonemas se reduzem a 6 e apresentam menor complexidade.

5.4. Características estruturais dos empréstimos

A respeito da estrutura silábica em Tikuna, Montes (1994, 52) afirma que nessa língua, palavras monomorfêmicas contendo uma ou duas sílabas são mais comuns enquanto polissílabos monomorfêmicos não o são. Essa afirmação nos sugere que as palavras que apresentam tal estrutura podem ser ou polimorfêmicas ou empréstimos (Montes, comunicação pessoal). Em sua pesquisa, Skilton (2017, 20) corrobora a afirmação de Montes ao afirmar que “quase todas as palavras do TC⁶⁹ de mais de duas sílabas são ou morfologicamente complexas ou empréstimos”⁷⁰.

Ainda sobre esta questão, Montes (2004, 13) afirma que na LT “empréstimos Tupi e quechuísmos são facilmente identificáveis” e aponta algumas características dos empréstimos. Do ponto de vista segmental, a autora observa que a consoante /g/ ocorre diante das vogais

⁶⁸ O autor explica tratar-se de “fonações de contorno que iniciam com voz modal e terminam com laringalização” e vice-versa.

⁶⁹ Tikuna de Cushillococha

⁷⁰ No original: Almost all CT words of more than two syllables are either morphologically complex or loans.

orais /e/ e /i/ apenas em empréstimos do espanhol e do português (p. 39-40). Do ponto de vista da prosódia, Montes (*Op. Cit.*, 30-31) apresenta esquemas de realização tonal das palavras monomorfêmicas, polimorfêmicas, compostas e empréstimos na LT. Para a autora, há esquemas básicos de marcação do tom, que ela resume da seguinte forma:

Quadro VII - Esquemas de marcação tonal em palavras monomorfêmicas⁷¹	
Palavras Mossilábicas	Palavras Bissilábicas
B	AB
M	MA
A	BA

Como se pode observar, qualquer um dos 3 tons fonológicos postulados por Montes pode ocorrer em uma palavra monossilábica. No entanto, a combinação entre tons não ocorre livremente em palavras bissilábicas, pois não se registra sequências como MB, BM ou AM ou ainda sequências com tons iguais como AA, MM ou BB, no esquema apresentado por Montes (2004, 30).

No caso de palavras trissilábicas ou tetrassilábicas, a autora afirma que “repetem os esquemas dos bissílabos”⁷², mas é importante observar que há sequências não observadas para palavras com 2 sílabas. De fato, diferentemente dos bissílabos, pode-se observar sequências apenas de tom alto ou apenas de tom médio em sequências trissilábicas, assim como é possível observar que as palavras de 4 sílabas permitem tanto 2 sílabas contíguas com tons iguais quanto 3 sílabas contíguas com tons iguais.

Quadro VIII - Esquemas de marcação tonal em palavras monomorfêmicas			
Trissilábicas			Tetrassilábicas
Conjunto 1	Conjunto 2	Conjunto 3	Conjunto 4
AAB	AAA	ABB	AABB
*MMA	MMM	MAA	MAAA
BBA	BBB	BAA	BAAA

⁷¹ Adaptado de Montes (2004).

⁷² No original: repiten los esquemas de los bisílabos.

Aparentemente, ao mencionar que as palavras trissilábicas e tetrassilábicas repetem os padrões das palavras bissilábicas, Montes (2004) deve referir-se aos padrões em negrito na Quadro VIII. Nota-se que esse padrão bissilábico pode estar tanto à esquerda quanto à direita em palavras trissílabas, o que sugere que a organização tonal pode ser iniciada tanto em uma direção quanto na outra. Em 2 dos padrões tetrassilábicos, também é possível observar que são construídos a partir da esquerda, no entanto, em 1 dos padrões, a sequência do padrão bissílabo ocorre no meio da palavra. Cabe ainda mencionar que o conjunto 2 não repete nenhum padrão das palavras bissilábicas.

Embora a autora não detalhe, é possível conjecturar que as sequências de tons iguais podem ocorrer não dentro de uma mesma raiz, mas em palavras polimorfêmicas. Esta observação é convergente com a afirmação de Skilton (2017) acima, que observou que “quase todas as palavras do TC⁷³ de mais de duas sílabas são ou morfologicamente complexas ou empréstimos”. No entanto, Montes afirma que BAB e ABA, que não estão nos esquemas acima, “são esquemas próprios de palavras polimorfêmicas”⁷⁴.

Cabe ainda observar que Montes (2004, 30) menciona de forma específica os empréstimos de Língua Geral (Nheengatu), afirmando que “eles também repetem os esquemas dos bissílabos”. Embora a autora não os apresente de forma específica, ela observa que os empréstimos de LGA incluem palavras tetra e pentassilábicas.

Embora não esteja claro, do ponto de vista da estrutura fonológica, é possível aventar que palavras com mais de 2 sílabas seriam possíveis empréstimos. Ademais, é ainda possível que as sequências tonais dessas palavras sejam distintas das palavras polimorfêmicas, ou seja, algumas sequências tonais podem ser típicas dos empréstimos em Tikuna. Nesse sentido, Skilton (2017, 20) afirma que “as palavras tomadas de empréstimo podem ser quase categoricamente identificadas como tal por sua melodia tonal”⁷⁵. Por outro lado, cabe observar que palavras bissilábicas emprestadas da LGA se conformaram aos padrões gerais da LT, o que também sugere que são empréstimos relativamente antigos.

Em consonância com as observações apresentadas acima, Skilton (*ibidem*) identificou empréstimos da LP, da LE, de línguas TG⁷⁶ e do Quéchuá. Em sua análise, as palavras dissilábicas que são oriundas de empréstimo apresentam geralmente a sequência de

⁷³ Tikuna de Cushillococha

⁷⁴ No original: son esquemas propios de palabras polimorfemicas.

⁷⁵ No original: loanwords can be almost categorically identified as such by their tone melody.

⁷⁶ Segundo Skilton (2017, 20, nota de rodapé) as línguas TG às quais pertencem os empréstimos constatados e analisados pela pesquisadora são: Nheengatú, Tupinambá, Kokama e Omágua.

tons, em suas palavras, a “melodia tonal” 31 e 35⁷⁷. A melodia observada nas trissilábicas é tipicamente 331, 334, ou 335 enquanto nas tetrassilábicas observa-se a sequência 3331. A autora chama a atenção para o fato de que alguns empréstimos trissilábicos e tetrassilábicos apresentam uma melodia tonal distinta das anteriormente mencionadas. Nesse tipo de empréstimo, a distribuição tonal ocorre da seguinte forma: 341 ou 342 e, no caso das tetrassilábicas, repete-se o último tom, que é o mais baixo. A autora explica ainda que

Essa melodia pode ser vista como uma adaptação acento-para-tom, uma vez que a segunda sílaba – que recebe o tom 4 – é sempre a sílaba acentuada na palavra da língua fonte. Os empréstimos que têm essa melodia tonal são provavelmente mais recentes do que empréstimos que iniciam com dois tons 3, uma vez que (a) a maioria deles são de línguas ibéricas e não do Tupi-Guaraní ou Quechua e (b) eles são geralmente mais fiéis aos segmentos da língua fonte.⁷⁸

Em seus dados, Skilton não encontrou empréstimos pentassilábicos ou maiores. Na sequência, apresentamos os empréstimos, atestados e exemplificados por Skilton (2017, 20-21), com suas respectivas melodias tonais e as línguas fontes à que a pesquisadora relaciona cada um deles.

Melodia 31: *wo³ka¹* ‘vaca’ (< Espanhol ou Português *vaca*)

Melodia 35: *ma³ma⁵* ‘mãe’ (< Espanhol ou Português *mamá*)

Melodia 331: *di³ẽ³ru¹* ‘dinheiro’ (< Espanhol *dinero*)

Melodia 334: *pu³ra³ki⁴* ‘trabalho’ (< Omágua *ipuraka*)

Melodia 335: *ku³ru³ru⁵* ‘sapo, termo genérico’ (TG, ~ Omágua e Kokama *kururu*)

Melodia 3331: *a³ra³po³i¹* ‘arpão’ (< Espanhol *harpón*)

Melodia 341: *pa³ne⁴ra¹* ‘panela’ (< Português [pa'nela])

Melodia 342: *i³ti⁴tu²* ‘Iquitos (nome de cidade)’ (< Espanhol [i.'ki.tos])

Melodia 3422: *di³ti⁴ti²a²* ‘Leticia (nome de cidade)’ (< Espanhol [le.'ti.sja])

Do ponto de vista morfossintático, há algumas observações sobre os empréstimos nominais em Tikuna que podem guiar a sua caracterização também. Conforme explica Montes (*Op. Cit.*, 51), na LT o determinante de alguns nomes pode ser marcado

⁷⁷ Skilton (2017, 15) informa que sua representação dos tons de nível é feita por numerais de 1 a 5 em que este último corresponde ao tom mais alto.

⁷⁸ No original de Skilton (2017, 21): This melody can be seen as stress-to-tone adaptation, since the second syllable – bearing the 4 tone – is always the syllable that is stressed in the source-language word. Loanwords that have this tone melody are likely more recent than loanwords beginning with two 3 tones, since (a) most of them are from Iberian languages rather than from Tupi-Guaraní or Quechua and (b) they are generally more faithful to the segments of the source language.

morfologicamente por meio de um prefixo, enquanto outros nomes não recebem essa marcação. Portanto, os nomes da língua devem ser classificados como alienáveis ou inalienáveis conforme possam ou não se combinar com esses prefixos. Nas seguintes tabelas, apresenta-se exemplos de nomes inalienáveis (que recebem prefixos para marcar o seu determinante) e de nomes alienáveis (que podem ocorrer livremente sem qualquer marcação morfológica):

Quadro IX - Nomes Inalienáveis segundo Montes (2004)	
20. na-kùã ou na:-kùã	“clã”
21. na-nátü	“pai dele”
22. kù-é	“tua mãe”
23. kù-èrú	“tua cabeça”
24. pé-èrú	“suas cabeças (?) /cabeça de vocês”

Quadro X - Nomes Alienáveis segundo Montes (2004)	
25. gure	“curare”
26. nuta	“pedra”
27. tàú	“tucano”
28. kuaina	“colmilho, presa”
29. kónú	língua

Sobre os empréstimos (*Op. Cit.*, 59-60), a autora apresenta distintos cenários, conforme sua origem e o campo semântico ao qual se vincula. Ela explica que os empréstimos nominais que denominam objetos pessoais próximos ao corpo podem ser tanto alienáveis quanto inalienáveis. No entanto, a autora observa que esta distinção pode ter relação com o período do empréstimo, em suas palavras: “objetos introduzidos em fases de contato tendem a seguir o padrão dos nomes inalienáveis, conservando assim uma diferenciação que há sido substancial para a gramática e a semântica dos nominais na língua tikuna”. No entanto, os empréstimos de origem espanhola e portuguesa tendem a ser assimilados como alienáveis, mas a autora afirma que são fonologicamente adaptados. Ela apresenta os seguintes exemplos desta classificação dos empréstimos entre ambas as categorias nominais mencionadas:

30. **na-chiru** < “roupa” (< sirura da LGA)
 31. **anera** < “anel” Espanhol (objeto de introdução recente)

32. chapàtù < “sapato”
 33. ngirü ngürükaré < “mosquiteiro dela” (forma possessiva + nome substantivo)
 34. chorü chàpátú < “meu sapato” (forma possessiva + nome substantivo)

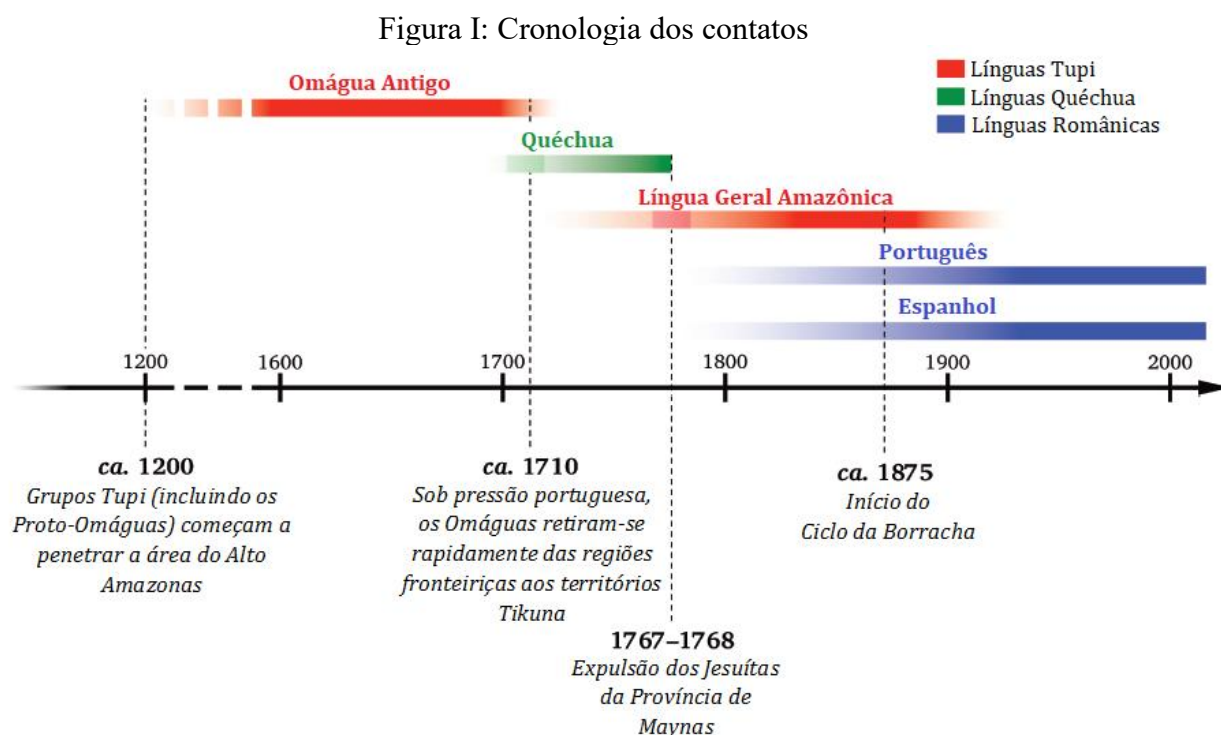
5.5. Sobre a possível cronologia dos empréstimos

Conforme vimos no histórico da etnia Tikuna apresentado no capítulo 1, a primeira menção feita sobre este grupo indígena que se tem registro data do século XVII, também o primeiro relato sobre o contato deste povo com a sociedade envolvente remonta a esse período. É evidente que o contato interétnico ocorre há mais tempo e isto pode ser evidenciado por meio de traços deixados em seu repertório linguístico. De acordo com Campbell (2013), a partir da análise do léxico e de outras estruturas de uma língua, é possível datar, de forma aproximada, a influência de outras línguas sobre essa. Sobre o contato entre os Tikuna e outras línguas, Bertet (2020, 143-146) traça um histórico cronológico sublinhando os períodos, os povos e as línguas presentes nas suas possíveis interações com os Tikuna, línguas estas que “deixaram traços significantes em sua língua” (p. 143).

De acordo com Bertet, a língua que mais influenciou o Tikuna em períodos mais remotos de sua história é o Omágua Antigo, que foi seguido do Quéchuá e de “variedades não identificadas” da LGA. O Omágua Antigo esteve presente no Alto Amazonas, onde encontravam-se os Tikuna por cerca de 6 séculos, entre o fim do século XII até o início do século XVIII (Eriksen, 2011, 28; Michael, 2014; 321-325 *apud* Bertet, 2020, 143). Com a chegada dos europeus na região, cujo contingente português se intensificou a partir do século XVIII, a língua que serviu de ponte na comunicação destes com a população indígena local foi a LGA tornando-se a língua franca à época. Ambas as influências são verificáveis no Tikuna falado atualmente. Segundo Bertet (*Op. Cit.*, 145), outra língua que influenciou o Tikuna, em menor grau, foi o Quéchuá, língua de colonização dos Espanhóis que eram predominantes na região nos séculos XVI e XVII. Conforme observa o linguista, o Quéchuá⁷⁹ revela-se no nome de algumas comunidades Tikuna das margens do Rio Amazonas em territórios colombiano e peruano, mas não na LT em si. Os dados apresentados em Bertet (*Op. Cit.*, 145) sugerem uma influência indireta na toponímia e não uma influência via contato direto entre Quéchuá e LT, embora outros autores (cf. Montes, 2004, 13) falem da influência Quéchuá na LT. As línguas com as quais o Tikuna tem maior contato na atualidade são a LP e a LE. O contato dessas línguas com a LT, como afirma Bertet (*Op. Cit.*), ainda era muito

⁷⁹ Língua veicular nos assentamentos missionários jesuítas próximos aos territórios Tikuna.

escasso no fim do século XVIII intensificando-se apenas no fim do século XIX durante o Ciclo da Borracha. O autor (*Op. Cit.*, 146) menciona ainda um possível contato entre falantes de línguas Arawak e o povo Tikuna uma vez que na variante da LT que investigou há uma palavra, /ʔo³³pu³dza¹/ [ʔo³³pu³dza¹]⁸⁰ ‘cateto’, “obviamente emprestada de uma língua Arawak do noroeste amazônico” (*Op. Cit.*, 146, nota de rodapé)⁸¹. Bertet sintetiza o histórico do contato linguístico Tikuna na Figura I abaixo⁸².



Fonte: Reprodução com tradução livre da **Figura 18. Cronologia dos contatos principais entre os Tikuna e outras línguas faladas em seu entorno** (Bertet, 2020, 144).

Não podemos precisar com exatidão as datas de entrada dos empréstimos de cada um dos grupos linguísticos na LT, mas podemos relacioná-los aos períodos acima apresentados.

⁸⁰ Bertet (*Op. Cit.*, *ibidem*) explica tratar-se de “um sinônimo raro para /~u²¹~u¹/ [ŋũ:u²¹ŋ¹] ‘Cateto’ (*Pecari tajacu*)”.

⁸¹ Goulard e Montes (2013) apresentam uma comparação de dados da LT com dados das línguas Cauixana, Mariaté, Passé, Yumana, Uainumá e Curetu disponíveis em Spix e Martius. No mesmo trabalho, são inseridos dados da língua Yuri, mas esta última seria membro da mesma família Tikuna conforme Carvalho (2009).

⁸² Mantivemos as datas propostas por Bertet (2020), mas é importante observar que Cabral (1995, 253-259) considera que os Kokama são resultados de uma leva migratória para a Amazônia ocidental que se estabeleceu antes da chegada dos europeus, que falavam uma língua muito próxima ao Tupinambá, mas que “sofreram forte influência estrangeira antes da chegada de Portugueses e Espanhóis”. A mesma autora ainda observa que a língua Kokama passou a ser usada como língua geral naquela região no período colonial e que muitas línguas foram então extintas em favor da língua Kokama. Por fim, cabe ressaltar que para esta autora no final do período colonial jesuítico a língua Kokama “é bastante diferente das línguas Tupi-Guarani e muito similar à língua Kokama dos presentes dias”. Nesse caso, seria possível que o Kokama não tivesse se estabelecido na região ainda no século XIII, como proposto por Bertet e, sem sombra de dúvidas, a língua não seria como é hoje. Em todo caso, é importante pontuar ainda que há evidências arqueológicas da chegada dos Kokama-Omágua e que Bertet (*Op. Cit.*), se baseia nessas evidências para realizar sua periodização.

Assim sendo, embora a Figura 01 mostre o contato Omágua-Tikuna entre 1200 e 1700, os empréstimos de origem Omágua podem ter entrado mais massivamente em um período específico da história, em que as duas etnias podem, ocasionalmente, ter tido maior contato (Bertet, *Op. Cit.*). Na segunda metade do século XVIII, a língua veicular e de instrução era, como mencionado anteriormente, a LGA, o que nos permite afirmar que datam desse período histórico os empréstimos do Nheengatu encontrados na LT. A questão pode ser um pouco mais complicada, pois pode haver léxicos originários da LGA que entraram por meio da Língua Portuguesa. Quanto aos empréstimos da LP e da LE, embora não se possa datar suas entradas, os pesquisadores (Montes, 2004, Skilton, 2017, Bertet, 2020) da LT observaram que os empréstimos que apresentam mais adaptações em vários níveis foram assimilados em momentos mais remotos enquanto os que mantêm os sons nativos adentraram no léxico da LT mais recentemente.

5.6. Síntese do capítulo

Neste capítulo, como mencionado anteriormente, elencamos algumas das características linguísticas e tipológicas da LT que serviram como base para a identificação dos empréstimos. Primeiramente, fizemos a correspondência entre os grafemas da ortografia utilizada pelos Andersons e os fonemas e suas possíveis realizações a partir dos trabalhos dos principais linguistas pesquisadores da LT tanto no Brasil quanto na Colômbia. Apresentamos ainda os padrões tonais que podem ocorrer em palavras herdadas e nos empréstimos. Por fim, reproduzimos a cronologia dos empréstimos de Bertet (2020) na qual o autor apresenta os povos e, conseqüentemente, as línguas com as quais o povo Tikuna esteve em contato no decorrer dos séculos.

6. RESULTADO DA ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresenta-se a análise dos dados extraídos do dicionário de Anderson e Anderson (2016)⁸³, que foram considerados como empréstimos a partir de 2 critérios básicos, a saber: a) o número de sílabas em palavras consideradas monomorfêmicas e b) padrões divergentes de tons. Para esses critérios, como explicado na seção 5.4, foram consideradas informações iniciais da Profa. Maria Emília Montes Rodrigues e a revisão dos trabalhos sobre língua Tikuna, especialmente Montes (1994, 2004) e Skilton (2017).

Antes de analisar os dados que foram considerados empréstimos, foi importante excluir da análise todos os dados que, em um primeiro momento foram considerados, mas que após análise mais detida, considerou-se como não sendo empréstimos, mas que possivelmente eram a) palavras polimorfêmicas; b) palavras inusuais em Tikuna e que podem ter sido incorporadas ao dicionário apenas para atender interesses de seus autores; c) empréstimos semânticos; e d) hibridismos⁸⁴.

6.1. Palavras polimorfêmicas excluídas da análise

A partir do conhecimento adquirido sobre a língua e da leitura de outros autores, foi possível evidenciar um conjunto de palavras que eram trissilábicas ou até com mais sílabas, mas que, de fato, eram formadas por mais de um morfema. Apresenta-se abaixo as palavras que foram retiradas do banco de dados inicial e que não foram consideradas como empréstimos na Língua Tikuna, a partir das nossas análises. Muitas das análises apresentadas privilegiam-se de sugestões de Montes, em comunicação pessoal.

<p>35. ĩchicü [ĩ²tʃĩ²kĩ⁵] ĩ-chicü casa-SIMIL⁸⁵ ‘capoeira (campo de cultivo abandonado)’</p>	<p>37. máeta [ma¹e⁴ta⁵] má-e-ta matar-PL-COL ‘assassinato, homicídio’</p>
<p>36. ĩpata [ĩ²pa²ta³] ĩ-pata maloca-? ‘casa, local, edifício’</p>	<p>38. tünüta [ti²ni³ta³] tü-nüta algodão-corda ‘envira, corda’</p>

⁸³ No dados da Língua Tikuna não se apresentam fontes, pois todos os dados são tomados do *Diccionario*.

⁸⁴ Para se chegar a esses critérios de exclusão, agradecemos a sugestão dos membros da banca de qualificação da dissertação, especialmente do Prof. Jean-Pierre Goulard.

⁸⁵ A análise é baseada em Montes (2001a), no qual a autora analisa o morfema *-chicü* como ‘rastrojo’ ou ‘silvestre’ e o composto como ‘casa caduca’. O morfema *-chicü* é semelhante ao morfema *-rana* de algumas línguas da família Tupi-Guarani.

39. **choreta** [tʃo²re²ta²]
choreta
?
'guelra, brânquia'
40. **ãëxgacü** [ãëʔ³⁵ga³ki³]
ãëx-ga-cü
alma-palavra-NMLZ
'autoridade, chefe, oficial'
41. **turaeparacü** [tu⁵ra⁵e³pa³ra³ki³]
tura-e-para-cü
tremar-PL-perna-NMLZ
'paralítico'
42. **ãnegü** [ã²ne³gi⁴]
ãne-gü
?-PL
'sono, sonho'
43. **ore-gü** [o²re²gi⁵]
ore-gü
palavra-PL
'fofoca'
44. **oregümare** [o²re²gi⁵ma³re³]
ore-gü-mare
palavra-PL-ASPEC
'rumores, fofoca'
45. **gabü-chica** [ga⁵bi⁵tʃi¹ka⁴]
gabü-chica
tragar-lugar
'garganta'
46. **guchica** [gu⁵tʃi¹ka⁴]
gu-chica
queimar-lugar
'forno, cozinha'
47. **cuxechinü** (kuʔ³e¹tʃi³ni³)
cuxe-chinü
?-CL
'coador'
48. **nguxüchiga** [ŋuʔ³ʔ⁵tʃi⁵ga⁵]
nguxü-chiga
?-festa⁸⁶
'clausura'
49. **poeguãchi** [po³e⁵gu⁵ã²tʃi²]
poegu-ãchi
?-ASPEC
'curva (no caminho ou no rio) esquina'
50. **tüxünexü** [tiʔ²i²neʔ⁴i³]
tüx-ünex-ü
?-corpo-?
'armadura'
51. **waemaxü** [wa¹e³maʔ⁵i³]
wa-emax-ü
?-fumo-?⁸⁷
'fumo (negro)'
52. **cateane** [ka⁴te²a⁵ne⁵]
cate-ane
?-terra
'fosso'
53. **ñãixchinü** [ñãi[~]ʔ⁵tʃi³ni³]
ñãix-chinü⁸⁸
?-CL
'cigarra'
54. **puxtietü** [puʔ²ti⁴e²ti⁴]
puxti-etü
?-olho
'terçol'

⁸⁶ Montes (c.p.) observa que esta é uma palavra polissêmica que tem o significado de 'palavra, história, significado', mas que pode ser usada para uma festividade. Talvez a palavra se relacione à clausura da moça nova.

⁸⁷ Montes (c.p.) observa que -ema é um nome polissêmico que pode significar 'fumo, cheiro, neblina'. Para referência sobre sabores e odores, veja Montes (2001b) ou Goulard (2013).

⁸⁸ Montes (2014), analisa -chinü como um classificador com o significado 'plano' e o composto como 'o plano das árvores'.

55. **oégaãẽ** [o⁵e¹ga⁵ã¹ẽ⁴]
oéga-ãẽ
?-alma
'angustia, preocupação'
56. **ĩmachixũchicünaḡã** [ĩ²ma⁴tʃĩ²ĩ⁴tʃĩ⁵ki³na²ʔ⁵ã³]
ĩx-machixũ-chicünaḡã
casa-?-imagem
'plano (de uma casa)'
57. **taxtũne** [ta²ʔ⁵ti²ne⁵]
tax-tũ-ne
grande-água-suporte⁸⁹
'amasisa (espécie de árvore)'

Além das palavras acima, em que se identifica pelo menos uma parte como um possível morfema ou como um vestígio histórico de um composto ou mesmo de um morfema; há ainda um outro conjunto para o qual não se conseguiu apontar uma análise, mas que foi excluído por apresentar um padrão tonal que não era comum as palavras consideradas empréstimos. Em muitos casos há formas ou terminações semelhantes as identificadas no conjunto acima.

58. **auxãchi** [aw²ã²tʃĩ²] 'inveja'
59. **caxixũ** [ka²i²ʔ⁵ĩ³] 'fumo'
60. **chorachi** [tʃo²ra²tʃĩ²] 'Martim-pescador (espécie de ave)'
61. **choruxũ** [tʃo²ru²ʔ⁵ĩ⁵] 'cabide, gancho'
62. **chotaxũ** [tʃo²ta²ʔ⁵ĩ⁴] 'aldrava (para fechar a porta)'
63. **cuxneta** [ku²ʔ⁵ne²ta⁵] 'empurrão'
64. **dagachi** [da⁴ga⁵tʃĩ⁵] 'desvio (no caminho)'
65. **daixachata** [daj²ʔ⁵a²tʃa³ta⁵] 'misturador, batedeira (de mão)'
66. **dixeguruxũ** [di²ʔ³e⁵gu⁴ru²ʔ⁵ĩ⁵] 'polia'
67. **gauḡchipeta** (gaw²ʔ⁵tʃĩ²pe⁴ta³) 'sombra'
68. **guruxũ** [gu⁵ru²ʔ⁵ĩ⁵] 'forno, cozinha, altar'
69. **ĩāchinaxã** [ĩ³ã³tʃĩ¹na²ʔ⁵ã³] 'tesoura, asna (do teto de uma casa)'
70. **ĩtamü** [ĩ²ta²mi³] 'rua'
71. **ĩxacü** [ĩ²ʔ²³a³ki⁵] 'cabana, tambo'
72. **ĩxtapüḡ** [ĩ²ʔ²³ta³pi²ʔ⁵] 'parede'
73. **menecü** [me³ne⁵ki³] 'guacamayo caspi (esp. de árvore)'
76. **murenü** [mu⁴re¹ni³] 'mosca'
75. **ñaberaxũ** [ña²be⁵ra²ʔ⁵ĩ⁵] 'falca (de canoa)'

⁸⁹ Para esta análise, veja Montes (2001a, 544)

76. ñaxcuchiruxũ [ɲaʔ²ku³tʃi²ruʔi⁵]	‘goma, cola’
77. nguruxũ (ɲu³ruʔi⁵)	‘balança, fita (para medir), régua, metro’
78. õchimü [õ²tʃi⁵mi³]	‘carrapato’
79. õgümüanemare [õ⁵gi²mi⁵a⁵ne⁵ma³re³]	‘superstição’
80. õmüta [õ²mi³ta²]	‘viga (de casa)’
81. putana [pu²ta²na³]	‘banana-maçã’
82. taruma [ta²ru³ma⁵]	‘veia, tendão, artéria’
83. tüpexeruxũ [ti³peʔ⁵e³ruʔi⁵]	‘avental’
84. tüpürica [ti²pi²ri¹ka⁵]	‘vórtice, redemoinho’
85. uchuma [u⁴tʃu¹ma⁵]	‘piranha (esp. de peixe)’
86. ũgachi [ũ²³ga⁵tʃi⁵]	‘desvio’
87. wacuaneruxũ [wa⁵ku⁵a⁵ne⁵ruʔi⁵]	‘ancinho, rastelo’
88. wexa [ɛʔ⁵a¹] ou [wɛʔ⁵a¹]	‘trapo’
89. chapere [tʃa⁴pe⁴re⁴]	‘cacau’
90. chorune [tʃo⁵ru¹ne⁵]	‘mingau’
91. chowiri [tʃo² i²ri²] ou [tʃo²wi²ri²]	‘pichico (esp. macaco pequeno de cor preta)’
92. woweru [wo³⁵ e³ru⁵] ou [wo³⁵we³ru⁵]	‘flauta, quena’
93. Cowena [ko² e²na⁵] ou [ko²we²na⁵]	‘Caballococha (cidade da Colômbia)’

6.2. Palavras que foram inseridas no dicionário, mas que não parecem ser usuais entre os Tikuna

Há um conjunto de palavras no dicionário de Anderson e Anderson (2016) que não parecem ser de uso comum aos Tikuna e que poderiam ter sido inseridas para atender aos propósitos religiosos dos autores, haja vista que são membros do *Summer Institute of Linguistics*, instituição missionária mencionada no capítulo 1 deste trabalho. Como esta instituição tem como seu principal objetivo a tradução da Bíblia, é possível que os autores tenham induzido a adaptação de termos não usuais e registrado em seu dicionário, mas com o objetivo de criar vocabulário para a sua versão da Bíblia. Em todo caso, cabe ressaltar que mesmo induções artificiais desse tipo podem gerar empréstimos usuais, como é o caso do que se chama de latinismos tardios em Língua Portuguesa, que, geralmente, entraram pela língua escrita. Como não tínhamos um parâmetro claro para decidir sobre o uso dessas palavras, optamos por excluí-las da análise dos empréstimos.

94. berchícuru [ber ³ tʃi ² ku ³ ru ⁵] ⁹⁰	‘versículo’
95. bínu [bi ² nu ⁵]	‘vinho’
96. capíturu [ka ³ pi ² tu ⁵ ru ⁵]	‘capítulo’
97. chacherdóte [tʃa ³ tʃer ³ do ² te ⁵]	‘sacerdote, cura’
98. diesmu [di ² es ³ mu ⁵]	‘dízimo’
99. Equítuanecüãx [e ³ ki ² tu ⁵ a ⁵ ne ⁵ kiã ² ʔ ⁵]	‘egípcio (pessoa)’
100. pecadu [pe ³ ka ² du ⁵]	‘pecado, maldade’
101. úba [u ² ba ⁵]	‘uva’
102. yudíu [dʒu ³ di ² u ⁵]	‘judeu, judia (pessoa)’
103. decrétu [de ³ kre ² tu ⁵]	‘decreto’
104. caméyu [ka ³ me ² dʒu ⁵]	‘camelo’
105. caũgúru [kaĩ ³ gu ² ru ⁵]	‘canguru’
106. oribu [o ³ ri ² bu ⁵]	‘oliveira’
107. cornalina [kor ³ na ³ li ³ na ⁵]	‘cornalina (pedra preciosa)’
108. crisólitu [kri ³ so ² li ⁵ tu ⁵]	‘crisólito (pedra preciosa)’
109. erecuáũte [e ³ re ³ kwaĩ ² te ⁵]	‘elefante’

6.3. Empréstimos semânticos

Há um terceiro conjunto de palavras que parecem ser formadas a partir do seu significado em Língua Portuguesa ou Espanhola, processo que chamamos de “calque” ou “tradução literal”. Cabe, entretanto, fazer uma observação, pois, em muitos casos, não se trata exatamente de uma tradução da Língua Portuguesa ou Espanhola, mas de termos que parecem ser descritivos. Em todo caso, cabe salientar que os elementos que formam as palavras são inteiramente de origem Tikuna. Nesta seção, todas as observações e análises apresentadas em notas são de Montes (c.p.).

110. baeru [ba ³ e ⁴ ru ²] ⁹¹	‘batismo (por aspersão)’
111. cuxgütae [kuʔ ⁴ gi ⁵ ta ⁵ e ³] ⁹²	‘partida (de futebol)’

⁹⁰ Montes (c.p.) chama a atenção para a sequência <rch> que não obedece ao padrão CV da LT.

⁹¹ Esta palavra originalmente está relacionada com o costume de arrancar cabelos da cabeça (-erú), no ritual da moça nova. Caberia entender por que este termo é tomado de um ritual tão específico da cultura Tikuna.

⁹² Esta palavra pode ser construída com base em ‘permanecer rindo, divertindo-se’ ou com base em ‘permanecer chutando’.

112. *ñaxēeruxũ* [naʔ³ẽẽ²³ruʔ^ĩ5]⁹³ ‘piloto, motorista’
 113. *ngúepataũ* [ŋu¹e⁴pa²taĩ³⁵] ‘escola, aula’
 114. *naweũ* [na²e^ĩ5] ou [na²we^ĩ5]⁹⁴ ‘embarcação, veículo, avião’
 115. *naxpaweru* [naʔ²³pa²e³ru⁵] ou [naʔ²³pa²we³ru⁵]⁹⁵ ‘mastro (de bandeira, de barco)’
 116. *orepane* [o²re²pa³ne³] ‘livro’
 117. *tauemacũ* [taw⁴e³ma⁵ki³]⁹⁶ ‘lua, mês’
 118. *üãcuruxũ* [i⁴ã³ku⁴ruʔ^ĩ5]⁹⁷ ‘carregador (de bateria)’
 119. *yoerupataũ* [dʒo⁴e⁴ru²pa²taĩ³⁵]⁹⁸ ‘cabeleireiro’

6.4. Hibridização

Por fim, há um grupo de palavras que optamos por não inserir nas análises sobre empréstimos por serem formas híbridas e que, embora apresentem uma palavra emprestada, estão combinadas com morfemas da LT. Nas notas dessa seção, todas as informações são de Montes (c.p.).

120. *motuarü üxēeruxũ* [mo²tu⁵a⁵ri³ũʔ²³ẽẽ²³ruʔ^ĩ5] ‘piloto (de moto), motociclista’
 121. *Españacüãx*⁹⁹ [es³pa²na⁵kiã^ʔ5] ‘espanhol, espanhola’
 122. *Európacüãx* [e³u³ro²pa⁵kiã^ʔ5] ‘europeu’
 123. *Perúane* [pe³ru²a⁵ne⁵]¹⁰⁰ ‘Peru (território)’
 124. *casteyánuga* [kas³te³dʒa²nu⁵ga⁵] ou [kas³te³ja²nu⁵ga⁵] ‘castelhano (língua)’
 125. *probíchiaarü üye* [pro³bĩ²tĩ⁵a⁵a⁵ri³i⁴dʒe²]¹⁰¹ ‘província’
 126. *Estaduxuníducüãx* [es³ta³duʔ³u³ni²du⁵kiã^ʔ5] ‘estadunidense’
 127. *autuchicu* [aw²³tu⁵tĩ¹ku⁵] ‘roda, aro (de carro)’
 128. *cocatexe* [ko²ka⁴tẽ^ʔ5e³] ‘cocaína’
 129. *ngaxãechiru* [ŋa^ʔ5ã¹ẽ⁴tĩ¹ru⁵] ‘roupa (de luxo)’

⁹³ Pode ser analisada como ‘o que faz correr’ e conter uma nominalização com o aplicativo.

⁹⁴ Este é um termo abstrato que significa ‘transporte’ e que pode ser utilizado para qualquer meio de transporte.

⁹⁵ É uma extensão a partir do nome para ‘vara de pescar’ ou ‘suporte vertical fino’.

⁹⁶ É um composto que faz referência a cor ‘branco-luminoso’ e que é constituída de um nome inalienável e um nominalizador. No caso, considera-se como uma extensão o uso para mês.

⁹⁷ Formado com o sufixo -ruxũ, presente também na palavra para ‘motorista’.

⁹⁸ A palavra é formada por um verbo mais a palavra cabeça e este primeiro composto se combina com a palavra -pata ‘casa’ modificada pelo nominalizador -ũ.

⁹⁹ É possível identificar o morfema -cüãx nas palavras *Európacüãx*, *Españacüãx* e *Estaduxuníducüãx*. Este morfema tem seu significado estendido nesses casos, pois é utilizado originalmente para indicar o pertencimento clânico.

¹⁰⁰ O morfema -ane ‘terra, tempo’ é utilizado nessa construção.

¹⁰¹ O genitivo -arü e a palavra uye, tentativamente traduzida como ‘limite’, são utilizados para essa construção.

130. **oraarü cuaxruxü** [o²ra⁵a⁵ri³kwa²ru²i⁵]¹⁰² ‘relógio’
131. **oribuarü o** [o³ri²bu⁵a⁵ri³o⁴]¹⁰³ ‘azeitona, oliva’
132. **orapane** [o²ra⁵pa³ne³] ‘horário’
133. **tupananeta**¹⁰⁴ [tu³pa³na⁵ne²ta⁵] ‘imagem (de um deus), ídolo’
134. **weramü** [e²³ra⁵mi⁵] ou [we²³ra⁵mi⁵]¹⁰⁵ ‘parafina’
135. **wexachiru** [ɛ²a¹tʃi¹ru⁵] ou [wɛ²a¹tʃi¹ru⁵]¹⁰⁶ ‘roupa (usada ou velha)’
136. **wonerapaweru** [wo³ne³ra⁵pa¹ e³ru⁵] ou [wo³ne³ra⁵pa¹we³ru⁵]¹⁰⁷ ‘mastros (de bandeira)’

6.5. Análise das adaptações fonológicas provenientes das línguas latinas

Excluídos os conjuntos de palavras comentados em 6.1., 6.2., 6.3. e 6.4., passou-se então a observação de como a LT adapta os sons nos empréstimos observados. Nesse caso, foi realizada uma análise fonema por fonema, até mesmo nos casos em que se considerou que a LT e a língua fonte tinham o mesmo fonema (ou fone). A ideia principal é observar adaptações fonológicas que possibilitassem rastrear a origem do empréstimo a partir da generalização das adaptações de um determinado som.

Importante observar que este processo é algo tautológico, ou seja, ao mesmo tempo em que se identifica a possível origem de um som, postula-se uma possível adaptação. Não obstante é a recorrência da adaptação o que valida a análise, embora, generalizações absolutas sejam impossíveis. Analisemos o caso da adaptação de [b] e de [v]. Em muitos casos, considera-se que um empréstimo tem origem na LP porque apenas esta língua tem [v] e os dados sugerem que [v] se adaptou para [w] ou [] em LT. Os casos em que o Espanhol e o Português apresentam um <v> ortográfico, considera-se que o Espanhol Amazônico tem uma realização fonética mais oclusiva (cf. Ramírez, 2003) e, portanto, teria que seguir a adaptação de [b] que resulta em [b] em Tikuna.

As possíveis fontes de um empréstimo são identificadas não necessariamente pelo som sob análise, mas, geralmente, por adaptações específicas que estão relacionadas a um determinado som específico que só possa ser atribuído a uma das possíveis línguas fonte. Há empréstimos em que as adaptações não permitem a identificação da origem e, nesses casos,

¹⁰² Nessa construção, observa-se a presença de *arü* + *kuarüü* = genitivo + saber-nominalizador agentivo ‘o que faz saber a hora’

¹⁰³ Assim como no caso anterior, há a presença do ‘genitivo’ *-arü*, no caso, seria ‘fruto da oliveira’.

¹⁰⁴ Cf. Bertet (2020, 342, 356), o sufixo *-nétà* significa superficial.

¹⁰⁵ *-mü* é o classificador para massa.

¹⁰⁶ *wexa* seria a raiz para ‘velho, usado’.

¹⁰⁷ *Paweru* é o nome classificador.

optou-se por elencar as possíveis fontes e/ou por apenas considerar como “origem indeterminada”. Os empréstimos ilustrativos de uma determinada adaptação estão relacionados em grupo de acordo com uma possível fonte e com a sua numeração de acordo com o Apêndice 1. Além dos exemplos, são inseridas as numerações de outros empréstimos que ilustram a adaptação observada.

Os itens designados como “*Origem LGA ou Kokama ou Omágua*” apresentam termos que têm sua origem na Língua Geral Amazônica ou nas outras duas, podendo ter entrado no repertório da LT por contato direto com falantes dessas línguas ou por contato com os falantes de Língua Portuguesa e/ou Língua Espanhola, uma vez que também estão presentes nas referidas línguas. Devido à impossibilidade de determinar se os dados analisados provêm da LGA, da Língua Kokama ou da Omágua, optamos por agrupá-los em um mesmo item.

Uma outra explicação necessária, no que diz respeito à nomenclatura empregada nas análises, está relacionada aos itens “empréstimos com alguma adaptação” e “empréstimos sem adaptação”. Como vimos no capítulo 5, empréstimos com mais adaptações indicam que sua entrada ocorreu há mais tempo enquanto os que apresentam pouca ou nenhuma adaptação podem ser ou recentes ou artificiais. Este último caso trata dos vocábulos inseridos na língua importadora para cumprir algum objetivo, seja pedagógico, evangelizador dentre outros.

Nas seções seguintes, são realizadas as análises para cada som, apresentando a adaptação identificada e, sempre que possível, sinalizando a língua fonte de cada empréstimo. Apenas os dados mais relevantes são apresentados e, sempre que for o caso, aponta-se os demais dados que apresentam o mesmo fenômeno. Cada dado é apresentado segundo a ortografia em Anderson & Anderson (2016), seguido de uma interpretação fonética segmental realizada por mim e com os tons observados nos autores; na sequência apresenta-se a possível origem do termo e uma glosa, mesmo que o termo seja de origem em Língua Portuguesa. Os termos de origem espanhola, Kokama, omágua e LGA são sempre escritos em itálico.

6.5.1. Consoantes

Nesta seção, são apresentadas todas as adaptações das consoantes, subgrupadas segundo suas possíveis fontes.

6.5.1.1. Oclusivas

/p/ Consoante oclusiva bilabial surda

O fone [p] manteve-se [p] em língua Tikuna, não sofrendo alteração independente do ambiente.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

210.	panera	[pa ³ ne ² ra ⁵]	panela	‘panela’
213.	paritu	[pa ³ ri ² tu ⁵]	palito	‘fósforo’
217.	paũderu	[paĩ ³ de ² ru ⁵]	pandeiro	‘pandeiro, padeiro’

Outros exemplos: 214

V_V

68.	charapu	[tʃa ³ ra ³ pu ⁵]	sarampo	‘sarampo’
291.	wapuru	[wa ³ pu ² ru ⁵]	vapor	‘barco, lancha’

A2) Empréstimos sem adaptação:

#_V

209.	pai	[paj ³⁵]	pai	‘padre, sacerdote etc.’
227.	piru	[pi ³ ru ⁵]	peru	‘peru’

Outros exemplos: 208

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

237.	poxpayu	[po ² pa ³ dzu ⁵]	<i>papaya</i>	‘mamão’
221.	peruta	[pe ³ ru ² ta ⁵]	<i>pelota</i>	‘bola, futebol’
229.	pitu	[pi ²³ tu ⁵]	<i>pito</i>	‘apito’
232.	pochíyu	[po ³ tʃi ² dzu ⁵]	<i>pocillo</i>	‘poço’
240.	purichía	[pu ³ ri ³ tʃi ² a ⁵]	<i>policía</i>	‘polícia’

Outros exemplos: 219, 222, 228

V_V

8. arapoũ [a³ra³po³ũ⁵] *arpón* ‘arpão’

Outros exemplos: 108, 237

B2) Empréstimos sem adaptação:

#_V

224. pila [pi²la⁵] *pila* ‘pilha, bateria’

#_C

230. plasa [pla²sa⁵] *plaza* ‘praça’

C_V

13. árpa [ar²pa⁵] *arpa* ‘harpa’¹⁰⁸

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

212. para [pa²³ra⁵] *pala* ‘pala’

216. paũ [paũ²⁵] *pan/pão* ‘pão’

236. poratu [po³ra³tu⁵] *plato/prato* ‘prato’

V_V

66. chapatu [tʃa³pa³tu⁵] *zapato/sapato* ‘sapato’

46. capitáũ [ka³pi³ta²ĩ⁵] *capitán/capitão* ‘capitão, chefe’

148. lapi [la²pi⁵] *lápiz/lápis* ‘lápis’

56. caũpu [kaĩ²³pu⁵] *campo* ‘campo (de cultivo, de futebol)’

C2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

215. patu [pa³tu⁵] *pato* ‘pato, pata’

¹⁰⁸ A ocorrência de sequência CC evidencia empréstimos menos adaptados, uma vez que a LT não permite este tipo de sequência e apresenta um padrão CV.

218. pepínu [pe ³ pi ² nu ⁵]	<i>pepino</i>	‘pepino’
223. piánu [pi ³ a ² nu ⁵]	<i>piano</i>	‘piano, teclado’
234. poéma [po ³ e ² ma ⁵]	<i>poema</i>	‘poema, poesia, verso’

#_C

231. plásticu [plas ² ti ⁵ ku ⁵]	<i>plástico</i>	‘plástico’
---	-----------------	------------

V_V

97. copa [ko ² pa ⁵]	<i>copa</i>	‘troféu, copo’
218. pepínu [pe ³ pi ² nu ⁵]	<i>pepino</i>	‘pepino’

D) Origem em LGA:

#_V

235. popera [po ³ pe ³ ra ⁵]	<i>papéra</i>	‘papel’
---	---------------	---------

V_V

235. popera [po ³ pe ³ ra ⁵]	<i>papéra</i>	‘papel’
---	---------------	---------

/t/ Consoante oclusiva alveolar surda

O fone [t] manteve-se [t] em língua Tikuna, não sofrendo alteração independente do ambiente.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

269. tiyuru [ti ² dzu ² ru ⁵]	<i>tijolo</i>	‘tijolo’
276. tuiru [tu ² i ³ ru ⁵]	<i>toiro</i>	‘touro’

A palavra *tuiru* é considerada como de origem em LP por haver registros de *toiro* (Houaiss, 2009), que seria então a origem do empréstimo.

V_V

183. nataru [na ³ ta ² ru ⁴]	<i>natal</i>	‘natal’
---	--------------	---------

139. *ideũtidáye* [i³deĩ³ti³da²dze⁵] identidade ‘carteira de identidade’
 43. *caniwetu* [ka³ni³ e³tu⁵] ou [ka³ni³we³tu⁵] canivete ‘canivete’
 318. *deti* [de²³ti⁵] leite ‘leite (na fala infantil)’
 213. *paritu* [pa³ri²tu⁵] palito ‘fósforo’¹⁰⁹

Tanto o <t> em *deti* quanto o <t> em *ideũtidáye* sugerem que o dialeto de contato com o Tikuna não palatalizaria o /t/ precedendo [i] ou [] na mesma sílaba. Esse fato sugere um possível contato antigo com nordestinos que migraram para a região. No entanto, o <y>, e a sua transcrição [dʒ], em *ideũtidáye* sugere uma palatalização de /d/ que não estaria de acordo com um dialeto nordestino como fonte do empréstimo. O dado abaixo também não palataliza o /t/ da fonte, como seria esperado se o dialeto de origem o fizesse.

No caso de *nataru*, o empréstimo deve ter entrado em LT por meio de algum intermediário, podendo ser uma língua ou um indivíduo. Nesse último caso, pode ter havido adaptação da palavra da LP por missionários, calcada na sua escrita, pois dificilmente haveria contato entre falantes de LT e de variedades de LP que pronunciem o <l> como [l] e não como [w]. No caso de uma língua intermediária, é possível observar os casos de *anera*, *curucha* e *popera*, que estão registradas como *anéra* ‘anel’, *cruçá* ‘cruz’ e *papéra* ‘papel, carta’ no dicionário organizado por Barros e Lessa (2015) e *curusá* ‘cruz’ e *papéra* ‘papel’ no dicionário de Stradelli (1929), ambos da LGA.

C_V

214. *pastú* [pas³tu²] pastor ‘pastor (de igreja)’

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

257. *tacha* [ta²tʃa⁵] *taza* ‘xícara’
 260. *tarapa* [ta³ra²pa⁵] *tarrafa* ‘tarrafa’
 268. *tiyerina* [ti³dʒe³ri²na⁵] *tejelina* ‘tigela’ (recipiente us. na coleta da seiva da seringueira)
 270. *torniyu* [tor³ni²dʒu⁵] *tornillo* ‘parafuso’
 278. *tumáte* [tu³ma¹te⁵] *tomate* ‘tomate’

¹⁰⁹ Montes (c.p.) observou que os Tikuna de Amacayacu, em 1984, diziam ‘paritu’ sem ter tido contato direto com a língua portuguesa naquela época, o que evidencia que a palavra entrou para a LT antes do contato permanente com a sociedade envolvente. Segundo Montes, a palavra com origem na língua espanhola seria algo como *popuru* ‘fósforo’.

V_V

116. datu [da ²³ tu ⁵]	<i>dato</i>	‘dado, informação (pessoal)’
47. caretéra [ka ³ re ³ te ² ra ⁵]	<i>carretera</i>	‘estrada, rodovia’
136. guitarra [gi ³ ta ³ ra ⁵]	<i>guitarra</i>	‘violão’
170. motácha [mo ³ ta ² tʃa ⁵]	<i>mostaza</i>	‘mostarda’
35. butúũ [bu ³ tu ² ũ ⁵]	<i>botón</i>	‘botão’
17. autu [aw ²³ tu ⁵]	<i>auto</i>	‘automóvel, carro’
25. bēte [bē ² te ⁵]	<i>veinte</i>	‘vinte’
91. cõfite [kõ ³ fi ² te ⁵]	<i>confite</i>	‘bala, bombom’
26. beũtána [beũ ³ ta ² na ⁵]	<i>ventana</i>	‘janela’

Outros exemplos: 34, 48, 73, 120, 131, 137, 161, 221, 229, 278.

C_V

124. eramiēnta [e ³ ra ³ mi ³ ēn ² ta ⁵]	<i>herramienta</i>	‘ferramenta’
157. martíyu [mar ³ ti ² dzu ⁵]	<i>martillo</i>	‘martelo’
54. casteyánu [kas ³ te ³ dza ² nu ⁵] ou [kas ³ te ³ ja ² nu ⁵]	<i>castellano</i>	‘castelhano’

Outros exemplos: 189

B2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

263. te [te ²]	<i>té</i>	‘chá’
----------------------------	-----------	-------

V_V

133. gayéta [ga ³ dʒe ² ta ⁵]	<i>galleta</i>	‘bolacha, biscoito’
30. bitamína [bi ³ ta ³ mi ² na ⁵]	<i>vitamina</i>	‘vitamina’
255. siete [si ³ e ² te ⁵]	<i>siete</i>	‘sete’

C_V

127. éste [es ²³ te ⁵]	<i>este</i>	‘leste’
195. oéste [o ³ es ² te ⁵]	<i>oeste</i>	‘oeste’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

266. tita [ti²ta⁵] tinta ‘tinta’
 267. tituru [ti²tu⁵ru⁵] título ‘título (documento)’

V_V

10. aricate [a³ri³ka²te⁵] alicate ‘alicate’
 155. maréta [ma³re²ta⁵] maleta ‘maleta’
 5. alfabétu [al³fa³be²tu⁵] alfabeto ‘alfabeto’
 121. dutúru [du³tu²ru⁵] doctor/doutor ‘médico, doutor’

Outros exemplos: 28, 46, 66, 69, 180, 236, 266, 267, 316.

C2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

264. tia [ti²a⁵] tia/tia ‘tia (materna)’
 272. tuaya [tu³a³dza⁵] ou [tu³a³ja⁵] toalla/toalha ‘toalha’

Outros exemplos: 273

#_C

271. trígu [tri²³gu⁵] trigo ‘trigo’

V_V

215. patu [pa³tu⁵] pato ‘pato, pata’
 102. cornéta [kor³ne²ta⁵] corneta ‘corneta, buzina, trombeta, flauta’
 168. minutu [mi³nu²tu⁵] minuto ‘minuto’

V_C

165. métru [me²tru⁵] metro ‘metro’
 59. centímetru [sen³ti²me⁵tru⁵] centímetro ‘centímetro’

C_V

51. carta [kar²ta⁵] carta ‘carta’
 59. centímetru [sen³ti²me⁵tru⁵] centímetro ‘centímetro’

104. Cristu [kris²tu⁵] *Cristo* ‘Cristo’

Outros exemplos: 53, 231.

/k/ Consoante oclusiva velar surda

O fone [k] manteve-se [k] em língua Tikuna, sendo que apenas um dado apresenta sonorização.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

43. caniwetu [ka³ni³ e³tu⁵] ou [ka³ni³we³tu⁵] canivete ‘canivete’

246. queruyínu [ke³ru³dzi²nu⁵] querosene ‘querosene’

103. cowaru [ko³wa³ru⁵] cavalo ‘cavalo’

115. cuyera [ku³dʒe³ra⁵]¹¹⁰ colher ‘colher’

Outros exemplos: 38

V_V

297. woca [wo²ka⁵] vaca ‘vaca’

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

52. caserúra [ka³se³ru²ra⁵] *cacerola* ‘caçarola, frigideira’

245. quechu [ke²tʃu⁵] *queso* ‘queijo’

96. conéyu [ko³ne²dʒu⁵] *conejo* ‘coelho’

100. córchu [kor²³tʃu⁵] *corcho* ‘cortiça’

105. cuadernu [kwa³der²nu⁵] *cuaderno* ‘caderno’

108. cupechu [ku³pe²tʃu⁵] *cupiso* ‘pitiú, iaçá (espécie de tartaruga)’

137. gurbáta [gu³ba²ta⁵] *corbata* ‘gravata’

Outros exemplos: 41, 47, 48, 54, 55, 91, 107.

¹¹⁰ Montes (c.p.) também identifica esta palavra na variedade tikuna falada em Amacayacu, sem contato conhecido com a língua portuguesa. Como mencionado acima, este empréstimo deve ser antigo, anterior a entrada massiva do castelhano no território amazônico.

V_V

172. *muneca* [mu³ne²ka⁵] *muñeca* ‘boneca’
 12. *armúnica* [ar³mu²ni⁵ka⁵] *armónica* ‘gaita’
 122. *ebaũgélicu* [e³baĩ³ge²li⁵ku⁵] *evangélico* ‘evangélico’

C_V

142. *iscuera* [is³kwe²ra⁵] *escuela* ‘escola’

A palavra *gurbáta* é o único caso em que houve a sonorização do som /k/ da língua de origem, embora o ambiente de início de palavra não seja o mais esperado para fenômenos de sonorização.

B2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

37. *cadéna* [ka³de²na⁵] *cadena* ‘corrente’
 249. *quiya* [ki²dʒa⁵] ou [ki²ja⁵] *quilla* ‘quilha’
 92. *colór* [ko³lor²⁵] *color* ‘cor’

Outros exemplos: 109

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

42. *canéra* [ka³ne²ra⁵] *canela* ‘canela’
 248. *quíru* [ki²ru⁵] *kilo/quilo* ‘quilo, quilograma’
 101. *córrera* [ko²³re⁵ra⁵] *cólera* ‘cólera’

Outros exemplos: 45, 46, 56.

V_V

3. *acáchia* [a³ka²tʃĩ⁵a⁵] *acácia* ‘acácia’
 10. *aricate* [a³ri³ka²te⁵] *alicate* ‘alicate’
 4. *achúcara* [a³tʃu²ka⁵ra⁵] *azúcar/açúcar* ‘açúcar’

Outros exemplos: 21, 63, 166.

V_C

28. bichicreta [bi³tʃi³kre²ta⁵] *bicicleta* ‘bicicleta’

C2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

36. cábra [ka²bra⁵] *cabra* ‘cabra’

89. cobre [ko²³bre⁵] *cobre* ‘cobre’

#_C

104. Cristu [kris²tu⁵] *Cristo* ‘Cristo’

V_V

154. máquina [ma²ki⁵na⁵] *máquina* ‘máquina’

231. plástico [plas²ti⁵ku⁵] *plástico* ‘plástico’

106. cuaquer [kwa²ker⁵] *quaker* ‘aveia’

C_V

125. escúdu [es³ku²du⁵] *escudo* ‘escudo’

Outros exemplos: 179

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

#_V

95. coneru [ko³ne³ru⁵] *kanéru* ‘candiru’

110. curua [ku³ru²a⁴] *curua* ‘lagarto (de quebrada)’

111. curucha [ku³ru³tʃa⁵] *curusá* ‘cruz’

/b/ Consoante oclusiva bilabial sonora

O fone [b] manteve-se [b] em língua Tikuna, na maioria dos casos, apresentando a adaptação [b] → [w] em apenas dois dados.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

18. **bachia** [ba³tʃi³a⁵] bacia ‘bandeja’
 300. **worachia** [wo³ra³tʃi³a⁵]¹¹¹ balancia ‘melancia’

As palavras *worachia* e *wonera* devem ter como origem as palavras *balancia* e *bandeira*, registradas para a LP no dicionário Houaiss (2009). No entanto, nota-se que são os únicos casos de adaptação de [b] → [w] em LT.

V_V

61. **chabura** [tʃa³bu³ra⁵] cebola ‘cebola’

A2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

20. **baú** [ba⁴u³] baú ‘baú’

B) Espanhol como fonte:

Para o som /b/, considera-se conjuntamente tanto o grafema quanto o grafema <v> em espanhol, uma vez que é atestado que a variedade amazônica tende a oclusão das consoantes bilabiais (cf. Escobar, 1978:135-36). A adaptação de <v> do espanhol como [b] em LT corrobora esta análise, uma vez que o <v> fricativo da LP é adaptado como [w] ou [] em LT.

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

19. **basu** [ba²su⁵] *vaso* ‘copo, vaso’
 26. **beũtána** [beĩ³ta²na⁵] *ventana* ‘janela’
 27. **bichágra** [bi³tʃag²ra⁵] *bisagra* ‘dobradiça’
 34. **butíya** [bu³ti²dʒa⁵] ou [bu³ti²ja⁵] *botella* ‘garrafa, frasco’

Outros exemplos: 25, 29, 31, 35.

#_C

32. **bróũche** [browĩ²tʃe⁵] *bronce* ‘bronze’

¹¹¹ Esta palavra também foi identificada na variedade do Amacayacu em 1984 (Montes, c.p.).

V_V

2. **abióũ** [a³bi³o²ũ⁵] *avión* ‘avião’
 71. **chebáda** [tʃe³ba²da⁵] *cebada* ‘cevada’
 198. **omnibu** [om²ni³bu⁵]¹¹² *ómnibus* ‘ônibus’
 78. **chibu** [tʃi²bu⁵] *chivo* ‘bode’

Outros exemplos: 122

V_C

128. **febréru** [fe³bre²ru⁵] *febrero* ‘fevereiro’
 151. **libru** [li²bru⁵] *libro* ‘livro’

B2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

23. **berdúra** [ber³du²ra⁵] *verdura* ‘verdura, legume’
 30. **bitamína** [bi³ta³mi²na⁵] *vitamina* ‘vitamina’

V_V

1. **abéna** [a³be²na⁵] *avena* ‘aveia’
 191. **nuebe** [nu³e²be⁵] *nueve* ‘nove’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

21. **báũcu** [ba^ũku⁵] *banco* ‘banco (objeto e instituição financeira)’
 28. **bichicreta** [bi³tʃi³kre²ta⁵] *bicicleta* ‘bicicleta’
 299. **wonera** [wo³ne³ra⁵] *bandera/bandeira* ‘bandeira’

V_V

60. **chábadu** [tʃa²ba⁵du⁵] *sábado* ‘sábado’

¹¹² Montes (c.p.) chama a atenção para a sequência <mn> que não se conserva nem mesmo no espanhol culto colombiano e que dificilmente seria pronunciada em tikuna. Este fato evidencia que esta é uma palavra artificial inserida por Anderson e Anderson (2016).

C2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

5. **alfabétu** [al³fa³be²tu⁵] *alfabeto* ‘alfabeto’
 273. **tubé** [tu³be¹] *tuberculosis/tuberculose* ‘tuberculose’

V_C

36. **cábra** [ka²bra⁵] *cabra* ‘cabra’
 89. **cobre** [ko²³bre⁵] *cobre* ‘cobre’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

V_V

225. **pirai**ba**** [pi³ra³i²ba⁵] *pirayua, pirahiba* ‘pirai**ba**, esp. de peixe (*Bagrus reticulatus*)’
 77. **chibé** [tʃi³be²] *cimé, cimbé, cibé, xibé, shivé* ‘xibé (bebida fermentada à base de farinha de mandioca)’

/d/ Consoante oclusiva alveolar sonora

De maneira geral, o fone [d] manteve-se [d] em língua Tikuna, não sofrendo alteração independente do ambiente. Há apenas um caso em que se registra a palatalização de <d>, mas que pode estar associado a uma pronúncia palatalizada na língua fonte, no caso, a Língua Portuguesa. No dado 298, ocorre a nasalização do segmento, o que pode se relacionar ao contexto nasal da língua fonte, mas pode ser reforçado pela possibilidade do fonema /d/ ser realizado tanto [d] quanto [n] (Cf. Montes, 1994, 2004; Bertet, 2020).

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

139. **ideũtidáye** [i³deĩ³ti³da²dze⁵] *identidade* ‘carteira de identidade’
 217. **paũderu** [paĩ³de²ru⁵] *pandeiro* ‘pandeiro, padeiro’

A2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

118. **diêru** [di³ẽ³ru⁵] dinheiro ‘dinheiro’

A palavra *diêru* é classificada como não adaptada por se considerar que pode estar baseada na pronúncia de alguns dialetos nordestinos do Português do Brasil, em que o som [] não ocorre especificamente nesta palavra (cf. PEDROSA, 2016:57). Uma vez mais, o cenário que explicaria essa origem para o empréstimo seria o da chegada de nordestinos à região, ainda no ciclo da borracha. Sobre isso, veja também o dado 86.

V_V

208. **pãdêru** [pã³de²ru⁵] pandeiro ‘pandeiro’

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

116. **datu** [da²³tu⁵] *dato* ‘dado, informação (pessoal)’

V_V

55. **caũdádu** [kaĩ³da²du⁵] *candado* ‘cadeado’

29. **bidôũ** [bi³do²ũ⁵] *bidón* ‘bidão, lata, barril’

126. **esmeráda** [es³me³ra²da⁵] *esmeralda* ‘esmeralda’

Outros exemplos: 71, 80, 250.

V_C

147. **ladríyu** [la³dri²dzu⁵]¹¹³ *ladrillo* ‘ladrilho, tijolo’

B2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

105. **cuadernu** [kwa³der²nu⁵] *cuaderno* ‘caderno’

252. **sedula** [se³du³la⁵] *cédula* ‘documento de identidade (Colômbia)’

Outros exemplos: 37

C_V

¹¹³ Montes (c.p.) chama atenção para a sequência <dr>, incomum na fonotática do tikuna.

23. ber**dú**ra [ber³du²ra⁵] *verdura* ‘verdura, legume’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

121. **du**túru [du³tu²ru⁵] *doctor/doutor* ‘médico, doutor’

V_V

60. chá**ba**du [tʃa²ba⁵du⁵] *sábado* ‘sábado’

72. che**da** [tʃe²³da⁵] *seda* ‘seda’

C2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

163. me**da**ya [me³da²dza⁵] ou [me³da²ja⁵] *medalla/medalha* ‘medalha’

125. escú**du** [es³ku²du⁵] *escudo* ‘escudo’

/g/ Consoante oclusiva velar sonora

O fone [g] manteve-se [g] em língua Tikuna, não sofrendo alteração independente do ambiente.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

321. diũ**gu**êcha [dʒi³gwẽ³tʃa⁵] *linguiça* ‘salsicha’

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

132. **ga**churína [ga³tʃu³ri²na⁵] *gasolina* ‘gasolina’

136. **gi**tara [gi³ta³ra⁵] *guitarra* ‘violão’

#_C

135. gramu [gra⁴mu⁵] *gramo* ‘grama (unidade de medida)’

V_V

160. maũgu [maĩ²gu⁵] *mango* ‘manga, mangueira’

V_C

27. bichágra [bi³tʃag²ra⁵] *bisagra* ‘dobradiça’

B2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

133. gayéta [ga³dʒe²ta⁵] *galleta* ‘bolacha, biscoito’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

83. chiríga [tʃi³ri²ga⁵] *shiringa/seringa* ‘seringueira, seringa’

C2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

134. goma [go²³ma⁵] *goma* ‘goma’

6.5.1.2. Africadas:

/t / Consoante africada alveopalatal surda

O fone [t] manteve-se [t] em língua Tikuna, não sofrendo alteração independente do ambiente. De forma geral, apenas o /t / do espanhol é adaptado como [t] em LT. O fone [t] da Língua Portuguesa não foi observado como fonte de [t] e o fonema /t/ da LP é sempre adaptado como [t] em LT (cf. seção 6.4.1.1.), o que não era esperado. Há outros fones das línguas fontes que foram adaptados como [t] em LT, mas que serão discutidos nas seções devidas.

A) Espanhol como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

78. **chibu** [tʃi²bu⁵] *chivo* ‘bode’

V_V

149. **lechi** [le²tʃi⁵] *leche* ‘leite’109. **curichi** [ku³ri³tʃi⁵] *curichi* ‘dindin, sacolé, geladinho’

B) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

Como mencionado acima, há outras fontes nas línguas de origem que resultaram em [t] em Tikuna. Nos casos abaixo, não é possível saber se a fonte é da Língua Espanhola /t / ou da Língua Portuguesa [].

#_V

79. **chicúri** [tʃi³ku²ri⁵] *achicoria* [atʃikorja]/*chicória* [ʃi'kɔɾjɐ] ‘coentro’81. **chinéra** [tʃi³ne²ra⁵] *chinela* [tʃinela]/[ʃi'nelɐ] ‘chinelo’

/d / Consoante africada alveopalatal sonora

As possíveis fontes para o [d] ou [j] dos empréstimos em LT, podem tanto ser o fonema /d / da Língua Espanhola como o fone [d] da Língua Portuguesa. Ademais, cabe mencionar que, segundo Doris Anderson (1962, xxi), na LT o grafema <y> pode ser pronunciado tanto [d] quanto [j] diante de [a]. Portanto, não consideramos que o fone [d] das línguas de origem sofreram adaptação, mas que em LT ocorrer a alofonia [d] ~ [j] no ambiente mencionado.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

139. **ideũtidáye** [i³deĩ³ti³da²dʒe⁵] *identidade* ‘carteira de identidade’

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

254. *seyu* [se²**dʒu**⁵] *sello* ‘selo’
 31. *biyóũ* [bi³**dʒo**²ĩ⁵] *billón* ‘bilhão’
 48. *caretíya* [ka³re³ti²**dʒa**⁵] ou [ka³re³ti²**ja**⁵] *carretilla* ‘carrinho de mão’
 251. *repóyu* [re³po²**dʒu**⁵] *repollo* ‘repolho’
 Outros exemplos: 34, 54, 131, 147, 157, 161, 232, 270.

B2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

58. *cáye* [ka²³**dʒe**⁵] *calle* ‘rua’
 133. *gayéta* [ga³dʒe²ta⁵] *galleta* ‘bolacha, biscoito’
 249. *quiya* [ki²**dʒa**⁵] ou [ki²**ja**⁵] *quilla* ‘quilha’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

Assim como no caso da africada surda, também não é possível determinar, nos casos abaixo, se o [d] da LT teria origem em um [d] da Língua Espanhola ou em um [] da Língua Portuguesa, pois, como será visto na seção 6.5.1.5, este último som também foi adaptado como [d] em LT.

C1) Empréstimos sem adaptação:

V_V

163. *medáya* [me³da²**dʒa**⁵] ou [me³da²**ja**⁵] *medalla/medalha* ‘medalha’
 272. *tuaya* [tu³a³**dʒa**⁵] ou [tu³a³**ja**⁵] *toalla/toalha* ‘toalha’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

#_V

314. *yuriya* [**dʒu**³ri²dʒa⁵] ou [**dʒu**³ri²ja⁵] *yulilla* ‘espécie de peixe fluvial’

V_V

314. *yuriya* [dʒu³ri²**dʒa**⁵] ou [dʒu³ri²**ja**⁵] *yulilla* ‘espécie de peixe fluvial’

6.5.1.3. Nasais (incluindo as vogais nasais da LP)

/m/ Consoante oclusiva bilabial sonora nasal

O som [m] manteve-se [m] em início de sílaba em todos os ambientes observados. Como as adaptações desse som em coda sofreram outros processos, trataremos das adaptações nesse ambiente de forma separada, dentro desta seção e em outras.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

164. **meráũ** [me³ra²ũ⁵] melão ‘melão’

A2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

7. **arámi** [a³ra²mi⁵] arame ‘arame’

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

161. **maũtequíya** [maĩ³te³ki²dza⁵] ou [maĩ³te³ki²ja⁵] *mantequilla* ‘manteiga, margarina’

162. **mecha** [me³tfa⁵] *mesa* ‘mesa’

170. **motácha** [mo³ta²tfa⁵] *mostaza* ‘mostarda’

173. **muneca** [mu³ne²ka⁵] *muñeca* ‘boneca’

Outros exemplos: 157, 160.

No caso de *muneca*, é possível que o [b] se adapte como [m], embora não seja o mais comum nos dados observados. Por outro lado, a adaptação de [] como [n] também não é esperada. Nesse caso, a consideração como de origem portuguesa é tentativa.

V_V

41. **camióũ** [ka³mi³o²ũ⁵] *camión* ‘caminhão’

135. **gramu** [gra⁴mu⁵] *gramo* ‘grama (unidade de medida)’

73. **cheméũtu** [tje³meĩ²tu⁵] *cemento* ‘cimento’

278. **tumáte** [tu³ma¹te⁵] *tomate* ‘tomate’

Outros exemplos: 124

C_V

219. permísu [per³mi²su⁵] *permiso* ‘permissão, favor’
 12. armúnica [ar³mu²ni⁵ka⁵] *armónica* ‘gaita’

B2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

153. **mama** [ma³ma¹] *mamá* ‘mamãe, mãe’

V_V

30. bitamína [bi³ta³mi²na⁵] *vitamina* ‘vitamina’
 153. **mama** [ma³ma¹] *mamá* ‘mamãe, mãe’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

155. **maréta** [ma³re²ta⁵] *maleta* ‘maleta’
 167. **micú** [mi³ku¹] *microbio/micróbio* ‘micróbio’
 180. **mutúru** [mu³tu²ru⁵] *motor* ‘motor’

V_V

320. **dima₂** [di³ma⁵] *lima* ‘lima (fruto)’
 15. **arumíniu** [a³ru³mi²ni⁴u⁵] *aluminio* ‘alumínio’

Outros exemplos: 319

C_V

126. **esmeráda** [es³me³ra²da⁵] *esmeralda* ‘esmeralda’

C2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

154. **máquina** [ma²ki⁵na⁵] *máquina* ‘máquina’
 163. **medáya** [me³da²dʒa⁵] ou [me³da²ja⁵] *medalla/medalha* ‘medalha’
 168. **minutu** [mi³nu²tu⁵] *minuto* ‘minuto’

179. **músculu** [mus²ku⁴lu⁵] *músculo* ‘músculo’

Outros exemplos: 165, 167.

V_V

234. **poéma** [po³e²ma⁵] *poema* ‘poema, poesia, verso’

134. **goma** [go²³ma⁵] *goma* ‘goma’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

#_V

158. **marupá** [ma³ru³pa²] *marupá* ‘marupá (espécie de árvore)’

159. **matupá** [ma³tu³pa²] *matapasto* ‘matapasto (espécie de erva daninha)’

169. **moniáca** [mo³ni³a²ka⁵] *manioca/maniaca* ‘mandioca’

Como mencionado acima, o [m] final de sílaba, merece atenção especial e só observado em um exemplo em que sua adaptação à LT é [m]. Há ainda casos de [m] em coda que têm adaptação semelhante ao de [n] ou de vogais nasais, o que será tratado em outra seção.

E) Espanhol como fonte:

V_C

198. **omnibu** [om²ni³bu⁵] *ómnibus* ‘ônibus’

/n/ Consoante oclusiva alveolar sonora nasal

O som [n] é adaptado como [n] no início de sílaba em todos os exemplos. No final de sílaba, este som sofre outros processos, semelhantes ao que ocorre com [m] e serão tratados separadamente.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

183. **nataru** [na³ta²ru⁴] *natal* ‘natal’

190. **nowaya** [no³wa³dza⁵] ou [no³wa³ja⁵] navalha ‘navalha’

V_V

43. **caniwetu** [ka³ni³ e³tu⁵] ou [ka³ni³we³tu⁵] canivete ‘canivete’

246. **queruyínu** [ke³ru³dzi²nu⁵] querosene ‘querosene’

Outros exemplos: 76, 210.

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

182. **naraña** [na³ra²ña⁵] *naranja* ‘laranja, laranjeira’

V_V

65. **chanaória** [tʃa³na³o²ri³a⁵] *zanahoria* ‘cenoura’

96. **conéyu** [ko³ne²dzu⁵] *conejo* ‘coelho’

107. **cuchina** [ku³tʃi³na⁵] *cocina* ‘cozinha, cabana onde se cozinha’

123. **enéru** [e³ne²ru⁵] *enero* ‘janeiro’

Outros exemplos: 54, 268.

C_V

198. **omnibu** [om²ni³bu⁵] *ómnibus* ‘ônibus’

105. **cuadernu** [kwa³der²nu⁵] *cuaderno* ‘caderno’

270. **torniuyu** [tor³ni²dzu⁵] *tornillo* ‘parafuso’

B2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

189. **nórte** [nor²te⁵] *norte* ‘norte’

191. **nuebe** [nu³e²be⁵] *nueve* ‘nove’

V_V

1. **abéna** [a³be²na⁵] *avena* ‘aveia’

37. <i>cadéna</i> [ka ³ de ² na ⁵]	<i>cadena</i>	‘corrente’
11. <i>arína</i> [a ³ ri ² na ⁵]	<i>harina</i>	‘farinha’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

69. <i>Chataná</i> [tʃa ³ ta ³ na ²]	<i>Satanás</i>	‘Satanás’
42. <i>canéra</i> [ka ³ ne ² ra ⁵]	<i>canela</i>	‘canela’
81. <i>chinéra</i> [tʃi ³ ne ² ra ⁵]	<i>chinela</i>	‘chinelô’

C2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

223. <i>piánu</i> [pi ³ a ² nu ⁵]	<i>piano</i>	‘piano, teclado’
218. <i>pepínu</i> [pe ³ pi ² nu ⁵]	<i>pepino</i>	‘pepino’

Outros exemplos: 167, 168, 220.

C_V

50. <i>carnéru</i> [ka ³ ne ² ru ⁵]	<i>carnero/carneiro</i>	‘carneiro, ovelha’
102. <i>cornéta</i> [ko ³ ne ² ta ⁵]	<i>corneta</i>	‘corneta, buzina, trombeta, flauta’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

V_V

6. <i>anera</i> [a ³ ne ³ ra ⁵]	<i>anéra</i>	‘anel’
95. <i>coneru</i> [ko ³ ne ³ ru ⁵]	<i>kanéru</i>	‘candiru’
275. <i>tucunari</i> [tu ³ ku ³ na ³ ri ⁵]	<i>tucunaré</i>	‘tucunaré’

Como mencionado acima, as adaptações de [n] em posição final de sílaba são distintas das adaptações ocorridas em início de sílaba. Ao se considerar os empréstimos cuja fonte é a Língua Portuguesa, é possível notar que as adaptações de [n] em final de sílaba são semelhantes às que ocorrem com vogais nasais nos empréstimos de origem na Língua Portuguesa. Dessa forma, apresenta-se uma única discussão para todas as adaptações cujas prováveis fontes são [n], [m] ou [Ń].

Infelizmente, a distinção das línguas fontes (embora sejam foneticamente distintas sobre a nasalidade em coda) não permite separar claramente as origens dos empréstimos a partir dos dados observados em Língua Tikuna. Ademais, as adaptações que sofreram [n], [m] e [Ń] também não são uniformes. Em alguns casos a adaptação resulta em uma vogal nasal extra (ou seja, uma vogal a mais que não ocorre no empréstimo na língua fonte, e.g. 217, 2, 31). No dado em 25, ocorreu a monotongação de um ditongo e sua nasalização. Os ditongos nasais da LP converteram-se em hiatos com nasalidade na vogal final (e.g. 38, 164). O dado em 299 é o único em que o fone [d] assimilou-se completamente quanto à nasalidade, desenvolvendo uma consoante nasal em *onset*. Fenômeno semelhante ocorre no dado 182, mas com resultado diverso, provavelmente devido à consoante [h] que sofre a nasalização. Há ainda casos de perda de nasalidade sem explicação aparente.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

A1a) Desenvolvimento de vogal nasal extra:

38. caichaũ [kaj ³ tʃa ³ ũ ⁵]	caixão	‘caixa, caixão’
164. meráũ [me ³ ra ² ũ ⁵]	melão	‘melão’
217. paũderu [paũ ³ de ² ru ⁵]	pandeiro	‘pandeiro, padeiro’
139. ideũtidáye [i ³ deũ ³ ti ³ da ² dze ⁵]	identidade	‘carteira de identidade’
321. diũguêcha [dĩũ ³ gwẽ ³ tʃa ⁵]	linguiça	‘salsicha’

No dado em 321, cabe mencionar que há um possível espriamento de nasalidade, uma vez que a vogal /e/ da sílaba seguinte também ocorre nasalizada e não há um contexto nasal nessa sílaba na língua fonte.

A1b) Nasalização da consoante seguinte:

299. wonera [wo ³ ne ³ ra ⁵]	bandera/bandeira	‘bandeira’
--	------------------	------------

A1d) Perda da nasalidade:

68. charapu [tʃa ³ ra ³ pu ⁵]	sarampo	‘sarampo’
300. worachia [wo ³ ra ³ tʃĩ ³ a ⁵]	balancia	‘melancia’
317. dechu [de ³ tʃu ⁵]	lenço	‘lenço’

A2) Empréstimo sem adaptação:

208. pãdêru [pã³de²ru⁵] pandeiro ‘pandeiro’

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

B1a) Desenvolvimento de vogal nasal extra:

160. maũgu [maũ²gu⁵] *mango* ‘manga, mangueira’

73. cheméũtu [tʃe³mẽ²tu⁵] *cemento* ‘cimento’

31. biyóũ [bi³dʒo²ũ⁵] *billón* ‘bilhão’

2. abióũ [a³bi³o²ũ⁵] *avión* ‘avião’

35. butúũ [bu³tu²ũ⁵] *botón* ‘botão’

Outros exemplos: 8, 26, 29, 32, 41, 55, 122, 161.

B1b) Nasalização da vogal precedente:

25. bẽte [bẽ²te⁵] *veinte* ‘vinte’

124. eramiẽnta [e³ra³mi³ẽn²ta⁵] *herramienta* ‘ferramenta’

91. cõfite [kõ³fi²te⁵] *confite* ‘bala, bombom’

B1c) Nasalização da consoante seguinte:

182. naraũa [na³ra²ũa⁵] *naranja* ‘laranja, laranja’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

C1a) Desenvolvimento de uma vogal nasal extra:

21. báũcu [baũ²³ku⁵] *banco* ‘banco (objeto e instituição financeira)’

56. caũpu [kaũ²³pu⁵] *campo* ‘campo (de cultivo, de futebol)’

46. capitáũ [ka³pi³ta²ũ⁵] *capitán/capitão* ‘capitão, chefe’

C1b) Perda da nasalidade:

83. chiríga [tʃi³ri²ga⁵] *shiringa/seringa* ‘seringueira, seringa’

266. tita [ti²ta⁵] *tinta* ‘tinta’

C2) Empréstimo sem adaptação:

C2a) Desenvolvimento de vogal nasal extra:

216. paũ [paũ²⁵] *pan/pão* ‘pão’

C2b) Manutenção da consoante nasal:

59. centímetru [sen³ti²me⁵tru⁵] *centímetro* ‘centímetro’

Nesse caso, seguimos a representação apresentada no trabalho de Anderson e Anderson (2016), mas não há qualquer motivo para se pensar que apenas esse dado manteve a pronúncia de uma consoante nasal em coda.

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

138. ĩchira [ĩ³tĩ²ra⁵] *insira* ‘insira (árvore de madeira dura)’

169. moniáca [mo³ni³a²ka⁵] *manioca/maniaca* ‘mandioca’

/ɲ/ Consoante oclusiva alveopalatal nasal

Este som teve adaptações muito diversas em LT. Em 118 e 86, ele foi apagado e manteve apenas a nasalidade nas vogais seguintes. No entanto, é possível que, em ambos os casos citados, o apagamento da consoante nasal tenha ocorrido na língua de origem (cf. Pedrosa, 2016). No dado 173, a consoante se anterioriza e perde sua característica palatal. Por fim, nos dados 53 e 226, o som se mantém como nas línguas fontes.

A) Português como fonte

118. diẽru [di³ẽ³ru⁵] *dinheiro* ‘dinheiro’

86. chiũra [tĩ³ũ³ra⁵] *senhora* ‘senhora’

Como mencionado anteriormente, em ambos os dados se pressupõe uma pronúncia em que o [] deixa de ser pronunciado e deixa apenas a nasalidade da vogal como vestígio. Essa interpretação consideraria a imigração nordestina na região, uma vez que não há registro de pronúncia semelhante no português regional.

B) Espanhol como fonte:

173. muneca [mu³ne²ka⁵] *muñeca* ‘boneca’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

53. casta³ña [kas³ta²ɲa⁵] *casta³ña/castanha* ‘castanha, castanheira’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

226. pira³ña [pi³ra³ɲa⁵] *piranha* ‘tesoura, asna (construção)’

6.5.1.4. Vibrante

// Consoante vibrante simples alveolar sonora

Este som manteve-se como uma vibrante simples [] em todos os casos, tanto em *onset* simples quanto como segundo segmento de um *onset* complexo ou ainda em coda. Nesse último ambiente, desenvolveu uma vogal epentética em alguns casos.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

68. charapu [tʃa³ra³pu⁵] *sarampo* ‘sarampo’

76. cherena [tʃe³re³na⁵] *sereno* ‘neblina, névoa’

Outros exemplos: 86, 217, 246, 276, 288.

_#

115. cuyera [ku³dze³ra⁵] *colher* ‘colher’

291. wapuru [wa³pu²ru⁵] *vapor* ‘barco, lancha’

A2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

7. arámi [a³ra²mi⁵] *arame* ‘arame’

118. diëru [di³ẽ³ru⁵] *dinheiro* ‘dinheiro’

227. piru [pi³ru⁵] *peru* ‘peru’

Outros exemplos: 208

B) Espanhol como fonte

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

8. arapoũ [a³ra³po³ũ⁵] *arpón* ‘arpão’
 52. caserúra [ka³se³ru²ra⁵] *cacerola* ‘caçarola, frigideira’
 128. febréru [fe³bre²ru⁵] *febrero* ‘fevereiro’
 65. chanaória [tʃa³na³o²ri³a⁵] *zanahoria* ‘cenoura’

Outros exemplos: 47, 48, 75, 123, 124, 136.

V_C

157. martíyu [mar³ti²dzu⁵] *martillo* ‘martelo’
 137. gurbáta [gur³ba²ta⁵] *corbata* ‘gravata’
 100. córchu [kor²³tʃu⁵] *corcho* ‘cortiça’

Outros exemplos: 12, 105, 219, 270.

C_V

128. febréru [fe³bre²ru⁵] *febrero* ‘fevereiro’
 32. bróũche [broũ²tʃe⁵] *bronce* ‘bronze’
 147. ladríyu [la³dri²dzu⁵] *ladrillo* ‘ladrilho, tijolo’
 27. bichágra [bi³tʃag²ra⁵] *bisagra* ‘dobradiça’

Outros exemplos: 135, 151.

B2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

11. arína [a³ri²na⁵] *harina* ‘farinha’
 109. curichi [ku³ri³tʃi⁵] *curichi* ‘dindin, sacolé, geladinho’

V_C

23. berdúra [ber³du²ra⁵] *verdura* ‘verdura, legume’

_#

92. colór [ko³lor²⁵] *color* ‘cor’
 256. súr [sur²⁵] *sur* ‘sul’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

83. chiríga [tʃi³ri²ga⁵]	<i>shiringa/seringa</i>	‘seringueira, seringa’
101. córera [ko²³re⁵ra⁵]	<i>cólera</i>	‘cólera’
126. esmeráda [es³me³ra²da⁵]	<i>esmeralda</i>	‘esmeralda’
299. wonera [wo³ne³ra⁵]	<i>bandera/bandeira</i>	‘bandeira’

Outros exemplos: 4, 79, 185, 220.

V_C

50. carnéru [ka³ne²ru⁵]	<i>carnero/carneiro</i>	‘carneiro, ovelha’
-------------------------	-------------------------	--------------------

C_V

236. poratu [po³ra³tu⁵]	<i>plato/prato</i>	‘prato’
271. trígu [tri²³gu⁵]	<i>trigo</i>	‘trigo’
165. métru [me²tru⁵]	<i>metro</i>	‘metro’

Outros exemplos: 59, 104.

A palavra *poratu* está inserida aqui, mas caso sua origem seja do Espanhol, teria como fonte uma lateral [l], que resulta no mesmo som [] em LT.

_#

121. dutúru [du³tu²ru⁵]	<i>doctor/doutor</i>	‘médico, doutor’
180. mutúru [mu³tu²ru⁵]	<i>motor</i>	‘motor’

C2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

200. ora [o²³ra⁵]	<i>hora</i>	‘hora’
-------------------	-------------	--------

V_C

51. carta [ka²ta⁵]	<i>carta</i>	‘carta’
102. cornéta [ko³ne²ta⁵]	<i>corneta</i>	‘corneta, buzina, trombeta, flauta’

Outros exemplos: 13.

C_V

36. cábra [ka²bra⁵] *cabra* ‘cabra’89. cobre [ko²³bre⁵] *cobre* ‘cobre’

#

106. cuaquer [kwa²ker⁵] *quaker* ‘aveia’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

D1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

67. characúra [tʃa³ra³ku²ra⁵] *saracura* ‘manacaraco (espécie de ave)’95. coneru [ko³ne³ru⁵] *kanéru* ‘candiru’84. chirimata [tʃi³ri³ma³ta⁵] *curimatá* (S¹¹⁴), *kirimata* (B¹¹⁵) ‘curimatã (espécie de peixe)’202. orawana [o³ra³wa²na⁵] *arahuana* ‘arahuana (espécie de peixe)’233. pocurí [po³ku³ri²] *pakuri* ‘bacuri’111. curucha [ku³ru³tʃa⁵] *curusá* ‘cruz’275. tucunari [tu³ku³na³ri⁵] *tucunaré* ‘tucunaré’

Outros exemplos: 99, 138, 192, 201, 275, 293, 304, 310.

D2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

57. cawára [ka³wa²ra⁵] *cahuara* ‘cahuara (espécie de peixe)’112. curupira [ku³ru³pi³ra⁵] *curupira* ‘curupira’

Outros exemplos: 110, 113, 156, 158, 225, 226, 290.

/r/ Consoante vibrante múltipla alveolar sonora

O /r/, que ocorre unicamente em Espanhol e em início de sílaba, adaptou-se como [] tanto no início de palavras quanto no meio.

A) Espanhol como fonte

¹¹⁴ Stradelli, 1929.¹¹⁵ Boudin, 1978.

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

250. rádiu [ra ³ di ³ u ⁵]	<i>radio</i>	‘rádio’
251. repóyu [re ³ po ² dzu ⁵]	<i>repollo</i>	‘repolho’
150. Ielú [le ³ lu ²]	<i>reloj</i>	‘relógio’

Apenas no dado 150, observa-se que o [r] adaptou-se como [l], o que talvez pudesse ser explicado pela consoante inicial da sílaba seguinte.

V_V

14. arúchu [a ³ ru ² tʃu ⁵]	<i>arroz</i>	‘arroz’
228. pisára [pi ³ sa ² ra ⁵]	<i>pizarra</i>	‘lousa’
130. fieru [fi ² e ³ ru ⁵]	<i>fierro</i>	‘ferro’

Outros exemplos: 75, 260.

6.5.1.5. Laterais

/l/ Consoante lateral alveolar sonora

O [l] das línguas de origem adaptou-se como [], intervocalicamente e no final de sílabas, mas resultou em [d], em alguns dados, no início de palavras. Em alguns dados, o fone [l] não sofre adaptação, sendo representado como na língua fonte. Nota-se ainda casos em que se desenvolve uma vogal epentética após o [l] em coda. Houve a supressão deste segmento em um dado (126).

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

317. dechu [de ³ tʃu ⁵]	lenço	‘lenço’
318. deti [de ²³ ti ⁵]	leite	‘leite (na fala infantil)’
321. diũguêcha [dʒi ³ gwẽ ³ tʃa ⁵]	linguiça	‘salsicha’

V_V

213. paritu [pa ³ ri ² tu ⁵]	palito	‘fósforo’
--	--------	-----------

103. cowaru [ko³wa³ru⁵] cavalo ‘cavalo’

164. merãũ [me³ra²ũ⁵] melão ‘melão’

Outros exemplos: 61, 269, 294, 300.

_#

183. nataru [na³ta²ru⁴] natal ‘natal’

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

147. ladriyu [la³dri²dzu⁵] *ladrillo* ‘ladrilho, tijolo’

149. lechi [le²tʃi⁵] *leche* ‘leite’

151. libru [li²bru⁵] *libro* ‘livro’

V_V

142. iscuera [is³kwe²ra⁵] *escuela* ‘escola’

132. gachurína [ga³tʃu³ri²na⁵] *gasolina* ‘gasolina’

150. lelú [le³lu²] *reloj* ‘relógio’

Outros exemplos: 52, 122, 221, 240, 268.

B2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

252. sedula [se³du³la⁵] *cédula* ‘documento de identidade (Colômbia)’

224. pila [pi²la⁵] *pila* ‘pilha, bateria’

92. colór [ko³lor²⁵] *color* ‘cor’

C_V

230. plasa [pla²sa⁵] *plaza* ‘praça’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

316. **data** [da²³ta⁵] *lata* ‘lata’
 319. **dima₁** [di³ma⁵] *lima* ‘lima (ferramenta)’
 148. **lapi** [la²pi⁵] *lápiz/lápis* ‘lápiz’

Outros exemplos: 120, 320.

V_V

101. **córrera** [ko²³re⁵ra⁵] *cólera* ‘cólera’
 212. **para** [pa²³ra⁵] *pala* ‘pala’
 248. **quíru** [ki²ru⁵] *kilo/quilo* ‘quilo, quilograma’

Outros exemplos: 10, 15, 42, 81, 155, 267.

V_C

126. **esmeráda** [es³me³ra²da⁵] *esmeralda* ‘esmeralda’

C_V

28. **bichicreta** [bi³tʃi³kre²ta⁵] *bicicleta* ‘bicicleta’
 236. **poratu** [po³ra³tu⁵] *plato/prato*¹¹⁶ ‘prato’

C2) Empréstimo sem adaptação:

V_V

179. **músculu** [mus²ku⁴lu⁵] *músculo* ‘músculo’

V_C

5. **alfabétu** [al³fa³be²tu⁵] *alfabeto* ‘alfabeto’
 40. **cálcui** [kal²si³u⁵] *calcio/cálcio* ‘cálcio’

C_V

231. **plásticu** [plas²ti⁵ku⁵] *plástico* ‘plástico’

_#

39. **cal** [kal²] *cal* ‘cal’

¹¹⁶ Como mencionado acima, não há como se definir se a palavra tem origem na Língua Portuguesa ou no Espanhol.

D) Origem em LP ou LGA:

V_V

6. anera [a ³ ne ³ ra ⁵]	<i>anéra</i>	‘anel’
235. popera [po ³ pe ³ ra ⁵]	<i>papéra</i>	‘papel’

Como mencionado anteriormente, *anera* e *popera* são considerados como empréstimos da LGA, por haver registro das formas *anéra* e *papéra* no dicionário de Barros e Lessa (2015) e *papéra* no dicionário de Stradelli (1929) e por ser mais razoável a explicação das formas em LT a partir das formas em LGA.

// Consoante lateral palatal sonora

Como explicado mais acima, o [] adaptou-se para [dʒ] ou [j], considerando-se que há uma variação condicionada do fonema /d / em LT.

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

115. cuyera [ku ³ dʒe ³ ra ⁵]	colher	‘colher’
190. nowaya [no ³ wa ³ dʒa ⁵] ou [no ³ wa ³ ja ⁵]	navalha	‘navalha’

B) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

163. medáya [me ³ da ² dʒa ⁵] ou [me ³ da ² ja ⁵]	<i>medalla</i> /medalha	‘medalha’
272. tuaya [tu ³ a ³ dʒa ⁵] ou [tu ³ a ³ ja ⁵]	<i>toalla</i> /toalha	‘toalha’

Como explicado em outra seção, tanto o [d] do espanhol quanto o [] do português são adaptados como [d] em LT, o que impossibilita determinar a origem das palavras em 163 e em 272.

6.5.1.6. Fricativas

[f] Consoante fricativa labiodental surda

O fone [f] adaptou-se para [p] em ambiente intervocálico em dois dados analisados, nos demais dados, não houve adaptação. Importante considerar que a LT apresenta [] como alofone de /k/, segundo Soares (1986), Skilton (2017) e Bertet (2020).

A) Espanhol como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

128. febréru [fe ³ bre ² ru ⁵]	<i>febrero</i>	‘fevereiro’
129. fidéu [fi ³ de ² u ⁵]	<i>fideo</i>	‘macarrão’
130. fieru [fi ² e ³ ru ⁵]	<i>fierro</i>	‘ferro’
131. foyétu [fo ³ dze ² tu ⁵]	<i>folleto</i>	‘folheto’

V_V

91. cõfite [kõ ³ fi ² te ⁵]	<i>confite</i>	‘bala, bombom’
260. tarapa [ta ³ ra ² pa ⁵]	<i>tarrafa</i>	‘tarrafa’

B) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

45. cape [ka ³ pe ²]	<i>café</i>	‘café’
---	-------------	--------

B2) Empréstimos sem adaptação:

C_V

5. alfabétu [al ³ fa ³ be ² tu ⁵]	<i>alfabeto</i>	‘alfabeto’
--	-----------------	------------

/v/ Consoante fricativa labiodental sonora

O fone [v] adaptou-se para /w/ cuja realização é [] diante de [e] e [i] e [w] diante das demais vogais. Como mencionado acima, o espanhol amazônico tende a oclusão de <v>, de forma que os dados em que o Tikuna apresenta <w> têm origem ou em LP ou em LGA.

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

294. wera [e ²³ ra ⁵] ou [we ²³ ra ⁵]	vela	‘vela’
297. woca [wo ² ka ⁵]	vaca	‘vaca’
291. wapuru [wa ³ pu ² ru ⁵]	vapor	‘barco, lancha’

Assim como a palavra *nataru*, a palavra *wapuru* pode ter contado com algum intermediário, pois a sílaba formada pela inserção da vogal epentética não é facilmente explicada pela pronúncia do português regional e nem mesmo do português nordestino dos migrantes do ciclo da borracha.

V_V

70. chawi [tʃa ³ i ⁵] ou [tʃa ³ wi ⁵]	chave	‘chave’
43. caniwetu [ka ³ ni ³ e ³ tu ⁵] ou [ka ³ ni ³ we ³ tu ⁵]	canivete	‘canivete’
103. cowaru [ko ³ wa ³ ru ⁵]	cavalo	‘cavalo’
190. nowaya [no ³ wa ³ dʒa ⁵] ou [no ³ wa ³ ja ⁵]	navalha	‘navalha’

B) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

99. copiwara [ko ³ pi ³ wa ³ ra ⁵]	<i>capiuára, kapi-war, capivara</i>	‘capivara’
310. Yowari [dʒo ³ wa ³ ri ⁵]	<i>iauary, iauari, Javari</i>	‘rio Javari’

/s/ Consoante fricativa alveolar surda

O [s] foi adaptado para [tʃ] em início de sílaba, mas não em todos os dados, e manteve-se [s] em final de sílaba. Há casos, especialmente em coda, em que o segmento foi suprimido sem alguma explicação aparente e há casos em que há a inserção de uma vogal epentética no final de palavra (dados n^{os} 14, 184).

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

64. chaiya [tʃaj³ja⁵]	saia	‘saia’
76. cherena [tʃe³re³na⁵]	sereno	‘neblina, névoa’
86. chiūra [tʃi³ũ³ra⁵]	senhora	‘senhora’

Outros exemplos: 61, 68.

V_V

18. bachia [ba³tʃi³a⁵]	bacia	‘bandeja’
300. worachia [wo³ra³tʃi³a⁵]	balancia	‘melancia’
317. dechu [de³tʃu⁵]	lenço	‘lenço’
321. diũguêcha [dʒi³gwẽ³tʃa⁵]	linguiça	‘salsicha’

C2) Empréstimo sem adaptação:

C_V

214. pastú [pas³tu²]	pastor	‘pastor (de igreja)’
-----------------------------	--------	----------------------

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

65. chanaória [tʃa³na³o²ri³a⁵]	<i>zanahoria</i>	‘cenoura’
71. chebáda [tʃe³ba²da⁵]	<i>cebada</i>	‘cevada’
87. chiya [tʃi²dʒa⁵] ou [tʃi²ja⁵]	<i>silla</i>	‘cadeira’
75. chera [tʃe³ra⁵]	<i>sierra, serra</i>	‘serra’

Outros exemplos: 73, 80.

V_V

132. gachurína [ga³tʃu³ri²na⁵]	<i>gasolina</i>	‘gasolina’
245. quechu [ke²tʃu⁵]	<i>queso</i>	‘queijo’
232. pochíyu [po³tʃi²dʒu⁵]	<i>pocillo</i>	‘poço’
107. cuchina [ku³tʃi³na⁵]	<i>cocina</i>	‘cozinha, cabana onde se cozinha’
19. basu [ba²su⁵]	<i>vaso</i>	‘copo, vaso’
222. pesu [pe²su⁵]	<i>peso</i>	‘peso (moeda colombiana)’
228. pisára [pi³sa²ra⁵]	<i>pizarra</i>	‘lousa’
14. arúchu [a³ru²tʃu⁵]	<i>arroz</i>	‘arroz’

Outros exemplos: 27, 32, 52, 107, 108, 162, 184, 219, 240, 254, 257.

V_C

54. <i>casteyánu</i> [kas ³ te ³ dʒa ² nu ⁵] ou [kas ³ te ³ ja ² nu ⁵]	<i>castellano</i>	‘castelhano’
170. <i>motácha</i> [mo ³ ta ² tʃa ⁵]	<i>mostaza</i> [mos ¹ tasa]	‘mostarda’

B2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

252. <i>sedula</i> [se ³ du ³ la ⁵]	<i>cédula</i>	‘documento de identidade (Colômbia)’
255. <i>siete</i> [si ³ e ² te ⁵]	<i>siete</i>	‘sete’
256. <i>súr</i> [sur ²⁵]	<i>sur</i>	‘sul’

V_V

230. <i>plasa</i> [pla ² sa ⁵]	<i>plaza</i>	‘praça’
---	--------------	---------

V_C

127. <i>éste</i> [es ²³ te ⁵]	<i>este</i>	‘leste’
195. <i>oéste</i> [o ³ es ² te ⁵]	<i>oeste</i>	‘oeste’
142. <i>iscuera</i> [is ³ kwe ² ra ⁵]	<i>escuela</i>	‘escola’

_#

198. <i>omnibu</i> [om ² ni ³ bu ⁵]	<i>ómnibus</i>	‘ônibus’
---	----------------	----------

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

63. <i>chacu</i> [tʃa ² ku ⁵]	<i>saco</i>	‘saco, bolsa’
72. <i>cheda</i> [tʃe ²³ da ⁵]	<i>seda</i>	‘seda’

Outros exemplos: 60, 66, 69.

V_V

4. <i>achúcar</i> [a ³ tʃu ² ca ⁵ ra ⁵]	<i>azúcar/açúcar</i>	‘açúcar’
--	----------------------	----------

Outros exemplos: 3, 28, 120.

#

69. Chataná [tʃa³ta³na²] *Satanás* ‘Satanás’

C2) Empréstimo sem adaptação:

#_V

59. centímetru [sen³ti²me⁵tru⁵] *centímetro* ‘centímetro’253. seis [sejs²⁵] *seis* ‘seis’

V_C

53. castaña [kas³ta²ɲa⁵] *castaña/castanha* ‘castanha, castanheira’125. escúdu [es³ku²du⁵] *escudo* ‘escudo’104. Cristu [kris²tu⁵] *Cristo* ‘Cristo’179. músculu [mus²ku⁴lu⁵] *músculo* ‘músculo’

Outros exemplos: 126, 231.

C_V

40. cálciu [kal²si³u⁵] *calcio/cálcio* ‘cálcio’

#

148. lapi [la²pi⁵] *lápiz/lápis* [‘lapis] ‘lápis’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

D1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

67. characúra [tʃa³ra³ku²ra⁵] *saracura* ‘manacaraco (espécie de ave)’

V_V

201. oracha [o³ra³tʃa⁵] *arasá* ‘goiaba’¹¹⁷138. ñchira [ĩ³tʃi²ra⁵] *insira* ‘insira (árvore de madeira dura)’111. curucha [ku³ru³tʃa⁵] *curusá* ‘cruz’¹¹⁷ A palavra fonte deve ser araçá, que é da mesma família da goiaba.

E) Provável origem Quéchua

E1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

62. **chachacuna** [tʃa²tʃa⁴ku²na³] *sach'akuna* 'demonio'

No caso desta palavra, consideramos a informação do Prof. Jean Pierre Goulard, quem, na defesa de qualificação apontou que poderia ser uma palavra de origem Quéchua. Durante minha pesquisa, encontrei apenas o termo *sach'akuna* 'árvores' (Diccionario Quechua-Español-Quechua, 2005:536).

/z/ Consoante fricativa alveolar sonora

Nesse caso, há apenas um dado em que foi possível registrar que [z] foi adaptado como [dʒ].

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

246. **queruyínu** [ke³ru³dʒi²nu⁵] *querosene* 'querosene'

// Consoante fricativa alveopalatal surda

O [] foi adaptado para a africada palatal surda [tʃ] nos empréstimos cuja fonte são a LP e a LGA.

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

70. **chawi** [tʃa³ i⁵] ou [tʃa³wi⁵] *chave* 'chave'

V_V

38. **caichaũ** [kaj³tʃa³ũ⁵] *caixão* 'caixa, caixão'

B) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

#_V

79. **chicúri**¹¹⁸ [tʃi³ku²ri⁵] *achicoria* [atʃikoria]/*chicória* [ʃi'kɔriɐ] ‘coentro’
 81. **chinéra** [tʃi³ne²ra⁵] *chinela* [tʃinela]/[ʃi'nelɐ] ‘chineló’
 83. **chiríga** [tʃi³ri²ga⁵] *shiringa* [ʃiringa]/*seringa* ‘seringueira, seringa’

C) Origem em LP ou LGA:

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

77. **chibé** [tʃi³be²] *cimé, cimbé, cibé, xibé, shivé* ‘xibé (bebida fermentada à base de farinha de mandioca)’

V_V

274. **tucuchi** [tu³ku³tʃi²] *tucuxí* ‘boto tucuxi’

// Consoante fricativa alveopalatal sonora

Assim como as demais fricativas apresentadas anteriormente, o [] também converteu-se em africada palatal e manteve o traço sonoro. Por tratar-se de um som inexistente na variedade amazônica da LE, consideramos que essa adaptação ocorre apenas em termos oriundos da LP.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_V

269. **tiyuru** [ti²dʒu²ru⁵] *tijolo* ‘tijolo’

/h/ Consoante fricativa glotal surda

Nos dados de que dispomos, o fone [h] tornou-se a africada palatal sonora [dʒ] em ambiente intervocálico nos dados 96 e 268. Em ambiente em que este segmento é precedido de consoante nasal, a adaptação foi para [ɲ], como se observa em 182. Em início de palavra a adaptação observada foi [h] → [ɲ], em 184.

A) Espanhol como fonte:

¹¹⁸ A palavra tomada de empréstimo deve ser *chicória*.

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_V

184. Ngechuchu [ŋe³tʃu²tʃu⁵] *Jesús* ‘Jesus’

V_V

96. conéyu [ko³ne²dʒu⁵] *conejo* ‘coelho’

268. tiyerina [ti³dʒe³ri²na⁵] *tejelina* ‘tigela’ (recipiente us. na coleta da seiva da seringueira)

N_V

182. naraña [na³ra²ɲa⁵] *naranja* ‘laranja, laranjeira’

6.5.1.7. Aproximantes:

/w/ Consoante aproximante labial sonora

Este fone não sofreu adaptado para [w] na maioria dos empréstimos analisados. Há apenas um dado em que ele pode ter sido suprimido, porém como não é possível determinar a origem do empréstimo em questão, não é possível afirmar que se trata mesmo deste segmento.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_V

321. diũguêcha [dʒĩ³gwẽ³tʃa⁵] *linguiça* ‘salsicha’

#_#

38. caichaũ [ka³tʃa³ũ⁵] *caixão* ‘caixa, caixão’

164. meráũ [me³ra²ũ⁵] *melão* ‘melão’

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_C

17. autu [aw²³tu⁵] *auto* ‘automóvel, carro’

C_V

105. **cuadernu** [kwa³der²nu⁵] *cuaderno* ‘caderno’

142. **iscuera** [is³kwe²ra⁵] *escuela* ‘escola’

B2) Empréstimo sem adaptação:

C_V

191. **nuebe** [nu³e²be⁵] *nueve* ‘nove’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

_#

216. **paũ** [paũ²⁵] *pan/pão* ‘pão’

C2) Empréstimo sem adaptação:

C_V

106. **cuaquer** [kwa²ker⁵] *quaker* ‘aveia’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

V_V

57. **cawára** [ka³wa²ra⁵] *cahuara* ‘cahuara (espécie de peixe)’

202. **orawana** [o³ra³wa²na⁵] *arahuana* ‘arahuana (espécie de peixe)’

C_V

110. **curua** [ku³ru²a⁴] *curua* ‘lagarto (de quebrada)’

/j/ Consoante aproximante palatal sonora

O [j] não sofreu adaptação na maioria dos empréstimos. Dois dados apresentam monotongação deste segmento, em um há a assimilação deste pela vogal, em outro, este fone converte-se na vogal /i/.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

V_

38. caichaũ	[kaj ³ tfa ³ ũ ⁵]	caixão	‘caixa, caixão’
276. tuiuru	[tu ² i ³ ru ⁵]	toiro ¹¹⁹	‘touro’
288. úiru	[u ² i ³ ru ⁵]	oiro ¹²⁰	‘ouro’

Os casos de *tuiuru* e *oiro* chamam a atenção por aparentarem estar baseados em pronúncias incomuns para o Português Amazônico (Maia, 2018). De fato, são pronúncias arcaizantes e mais relacionadas ao dialeto de Portugal ou de regiões específicas do Brasil, que não se relacionam com as levas de migração para a atual região de ocupação Tikuna.

V_V

64. chaiya	[tʃaj ³ ja ⁵]	saia	‘saia’
------------	--------------------------------------	------	--------

A2) Empréstimo sem adaptação:

V_

209. pai	[paj ³⁵]	pai	‘padre, sacerdote etc.’
----------	----------------------	-----	-------------------------

B) Espanhol como fonte:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

_V

65. chanaória	[tʃa ³ na ³ o ² ri ³ a ⁵]	<i>zanahoria</i>	‘cenoura’
41. camiôũ	[ka ³ mi ³ o ² ũ ⁵]	<i>camión</i>	‘caminhão’
237. poxpayu	[po ² pa ³ dʒu ⁵]	<i>papaya</i>	‘mamão’
130. fieru	[fi ² e ³ ru ⁵]	<i>ferro</i>	‘ferro’

Outros exemplos: 2, 124, 250.

V_

25. bête	[bê ² te ⁵]	<i>veinte</i>	‘vinte’
----------	------------------------------------	---------------	---------

B2) Empréstimo sem adaptação:

_V

¹¹⁹ Na pronúncia portuguesa, é possível notar que o [j] é assilábico [tojro].

¹²⁰ Na pronúncia portuguesa, é possível notar que o [j] é assilábico [ojro].

255. *siete* [si³e²te⁵] *siete* ‘sete’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

_V

3. *acácia* [a³ka²tʃi⁵a⁵] *acácia* ‘acácia’

79. *chicóri* [tʃi³ku²ri⁵] *achicoria* [atʃikorja]/*chicória* [ʃi¹korjɐ] ‘coentro’

120. *Ditíchia* [di³ti²tʃi³a⁵] *Leticia/Letícia* ‘Letícia (cidade colombiana)’

15. *arumíniu* [a³ru³mi²ni⁴u⁵] *alumínio* ‘alumínio’

C2) Empréstimos sem adaptação:

_V

264. *tia* [ti²a⁵] *tía/tia* ‘tia (materna)’

40. *cálcio* [kal²si³u⁵] *calcio/cálcio* ‘cálcio’

V_

253. *seis* [sejs²⁵] *seis* ‘seis’

6.5.2. Vogais

A adaptação das vogais é de mais difícil determinação e, muitas vezes, nota-se a adaptação, mas não é possível relacioná-la a um contexto específico ou encontrar uma tendência. Como será visto adiante, não há uma explicação para a adaptação de [a] ora como [a] e ora como [o]. Casos desse tipo são comuns nas adaptações das vogais, mas não foi possível encontrar uma explicação para tais fenômenos.

[a] Vogal central baixa aberta não arredondada sonora

O [a] manteve-se [a] em todos os ambientes, entretanto, adaptou-se para [o] em alguns dos dados.

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

43. caniwetu	[ka ³ ni ³ e ³ tu ⁵]	canivete	‘canivete’
	[ka ³ ni ³ we ³ tu ⁵]		
103. cowaru	[ko ³ wa ³ ru ⁵]	cavalo	‘cavalo’
300. worachia	[wo ³ ra ³ tʃi ³ a ⁵]	balancia	‘melancia’

Outros exemplos: 38, 68, 70, 139, 183, 130, 210, 213, 291, 297.

Os exemplos acima mostram que não há uma relação entre a vogal em uma determinada sílaba e as vogais da sílaba seguinte, ou seja, não parece haver fenômenos de harmonia vocálica que pudessem explicar a mudança de [a] em [o] ou ainda a manutenção da qualidade da vogal da língua de origem.

C_V

38. caichaũ	[kaj ³ tʃa ³ ũ ⁵]	caixão	‘caixa, caixão’
64. chaiya	[tʃaj ³ ja ⁵]	saia	‘saia’

#

61. chabura	[tʃa ³ bu ³ ra ⁵]	cebola	‘cebola’
190. nowaya	[no ³ wa ³ dʒa ⁵] ou [no ³ wa ³ ja ⁵]	navalha	‘navalha’
294. wera	[e ²³ ra ⁵] ou [we ²³ ra ⁵]	vela	‘vela’

Outros exemplos: 18, 64, 86, 210, 297, 300, 321.

A2) Empréstimo sem adaptação:

#_C

7. arámi	[a ³ ra ² mi ⁵]	arame	‘arame’
----------	---	-------	---------

C_C

214. pastú	[pas ³ tu ²]	pastor	‘pastor (de igreja)’
209. pai	[paj ³⁵]	pai	‘padre, sacerdote etc.’

B) Espanhol como fonte

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_C

2. **abióũ** [a³bi³o²ũ⁵] *avión* ‘avião’
 8. **arapoũ** [a³ra³po³ũ⁵] *arpón* ‘arpão’
 14. **arúchu** [a³ru²tʃu⁵] *arroz* ‘arroz’

Outros exemplos: 12

#_V

17. **autu** [aw²³tu⁵] *auto* ‘automóvel, carro’

C_C

27. **bichágra** [bi³tʃag²ra⁵] *bisagra* ‘dobradiça’
 41. **camióũ** [ka³mi³o²ũ⁵] *camión* ‘caminhão’
 237. **poxpayu** [po²³pa³dzu⁵] *papaya* ‘mamão’

Outros exemplos: 8, 19, 26, 47, 48, 52, 54, 55, 65, 71, 116, 122, 124, 132, 135, 136, 137, 147, 157, 160, 161, 170, 182, 228, 250, 257, 260, 278.

V_C

105. **cuadernu** [kwa³der²nu⁵] *cuaderno* ‘caderno’

#_#

75. **chera** [tʃe³ra⁵] *sierra, serra* ‘serra’
 142. **iscuera** [is³kwe²ra⁵] *escuela* ‘escola’
 107. **cuchina** [ku³tʃi³na⁵] *cocina* ‘cozinha, cabana onde se cozinha’
 221. **peruta** [pe³ru²ta⁵] *pelota* ‘bola, futebol’
 237. **poxpayu** [po²³pa³dzu⁵] *papaya* ‘mamão’

Outros exemplos: 12, 26, 27, 34, 47, 48, 52, 65, 71, 87, 124, 132, 136, 137, 161, 162, 170, 173, 182, 228, 240, 257, 260, 268.

B2) Empréstimo sem adaptação:

#_C

1. **abéna** [a³be²na⁵] *avena* ‘aveia’

11. arína [a³ri²na⁵] *harina* ‘farinha’

C_C

30. bitamína [bi³ta³mi²na⁵] *vitamina* ‘vitamina’

37. cadéna [ka³de²na⁵] *cadena* ‘corrente’

230. plasa [pla²sa⁵] *plaza* ‘praça’

Outros exemplos: 58, 133, 153, 211.

_#

224. pila [pi²la⁵] *pila* ‘pilha, bateria’

249. quiya [ki²dʒa⁵] ou [ki²ja⁵] *quilla* ‘quilha’

252. sedula [se³du³la⁵] *cédula* ‘documento de identidade (Colômbia)’

Outros exemplos: 1, 11, 23, 30, 37, 133, 153, 211, 230.

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Com alguma adaptação

#_C

4. achúcara [a³tʃu²ca⁵ra⁵] *azúcar/açúcar* ‘açúcar’

10. aricate [a³ri³ka²te⁵] *alicate* ‘alicate’

Outros exemplos: 3, 15.

C_C

3. acáchia [a³ka²tʃi⁵a⁵] *acácia* ‘acácia’

148. lapi [la²pi⁵] *lápiz/lápis* ‘lápiz’

236. poratu [po³ra³tu⁵] *plato/prato* ‘prato’

299. wonera [wo³ne³ra⁵] *bandera/bandeira* ‘bandeira’

Outros exemplos: 21, 42, 45, 46, 56, 60, 63, 66, 69, 155, 212, 272, 316.

_#

42. canéra [ka³ne²ra⁵] *canela* ‘canela’

272. tuaya [tu³a³dʒa⁵] ou [tu³a³ja⁵] *toalla/toalha* ‘toalha’

79. chicúri [tʃi³ku²ri⁵] *achicoria* [atʃikorja]/chicória [ʃi³korjɐ] ‘coentro’

Outros exemplos: 28, 72, 81, 83, 101, 120, 155, 185, 212, 266, 299, 316, 319, 320.

A2) Empréstimo sem adaptação:

#_C

5. alfabetu [al ³ fa ³ be ² tu ⁵]	<i>alfabeto</i>	‘alfabeto’
13. árpa [ar ² pa ⁵]	<i>arpa</i>	‘harpa’

C_C

36. cábra [ka ² bra ⁵]	<i>cabra</i>	‘cabra’
215. patu [pa ³ tu ⁵]	<i>pato</i>	‘pato, pata’

Outros exemplos: 39, 40, 50, 51, 53, 126, 154, 231.

C_V

20. baú [ba ⁴ u ³]	<i>baú</i>	‘baú’
---	------------	-------

V_C

106. cuaquer [kwa ² ker ⁵]	<i>quaker</i>	‘aveia’
223. piánu [pi ³ a ² nu ⁵]	<i>piano</i>	‘piano, teclado’

_#

97. copa [ko ² pa ⁵]	<i>copa</i>	‘troféu, copo’
234. poéma [po ³ e ² ma ⁵]	<i>poema</i>	‘poema, poesia, verso’
264. tia [ti ² a ⁵]	<i>tía/tia</i>	‘tia (materna)’

Outros exemplos: 36, 51, 53, 102, 134, 154, 163, 167, 200.

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

D1) Com alguma adaptação

#_C

6. anera [a ³ ne ³ ra ⁵]	<i>anéra</i>	‘anel’
192. ocara [o ³ ka ³ ra ⁵]	<i>acarahuasú</i>	‘acarahuasú (espécie de peixe)’
202. orawana [o ³ ra ³ wa ² na ⁵]	<i>arahuana</i>	‘arahuana (espécie de peixe)’

C_C

275. *tucunari* [tu³ku³na³ri⁵] *tucunaré* ‘tucunaré’
 95. *coneru* [ko³ne³ru⁵] *kanéru* ‘candiru’
 233. *pocurí* [po³ku³ri²] *pakuri* ‘bacuri’

Outros exemplos: 192, 310.

C_V

202. *orawana* [o³ra³wa²na⁵] *arahuana* ‘arahuana (espécie de peixe)’

V_C

169. *moniáca* [mo³ni³a²ka⁵] *manioca/maniaca* ‘mandioca’
 202. *orawana* [o³ra³wa²na⁵] *arahuana* ‘arahuana (espécie de peixe)’
 293. *wariuba* [wa³ri³u²ba⁵] *uariúua, uariyua* ‘guariuba (espécie de árvore)’
 310. *Yowari* [dzo³wa³ri⁵] *iauary, iauari, Javari* ‘rio Javari’

V_N

304. *yaũdiruba* [dzaĩ³di³ru²ba⁵] ou [jaĩ³di³ru²ba⁵] *iandyráua, nhandi-ráua* ‘andiroba’

V_V

310. *Yowari* [dzo³wa³ri⁵] *iauary, iauari, Javari* ‘rio Javari’

_#

138. *ĩchira* [ĩ³tjĩ²ra⁵] *insira* ‘insira (árvore de madeira dura)’
 169. *moniáca* [mo³ni³a²ka⁵] *manioca/maniaca* ‘mandioca’
 304. *yaũdiruba* [dzaĩ³di³ru²ba⁵] ou [jaĩ³di³ru²ba⁵] *iandyráua, nhandi-ráua* ‘andiroba’

Outros exemplos: 192, 202, 293, 314.

D2) Empréstimo sem adaptação:

C_C

158. *marupá* [ma³ru³pa²] *marupá* ‘marupá (espécie de árvore)’

Outros exemplos: 159, 226, 290.

C_V

57. *cawára* [ka³wa²ra⁵] *cahuara* ‘cahuara (espécie de peixe)’

225. piraiba [pi³ra³i²ba⁵] *pirayua*, *pirahiba* ‘piraíba, esp. de peixe (*Bagrus reticulatus*)’

V_C

57. cawára [ka³wa²ra⁵] *cahuara* ‘cahuara (espécie de peixe)’

_#

110. curua [ku³ru²a⁴] *curua* ‘lagarto (de quebrada)’

290. wacapuruna [wa³ka³pu³ru²na⁵] *acapú-rána* ‘acapurana (espécie de árvore)’

Outros exemplos: 57, 158, 159, 225, 226.

E) Origem em LP ou LGA:

E1) Com alguma adaptação

#_C

201. oracha [o³ra³tʃa⁵] *arasá* ‘goiaba’

C_C

67. characúra [tʃa³ra³ku²ra⁵] *saracura* ‘manacaraco (espécie de ave)’

235. popera [po³pe³ra⁵] *papéra* ‘papel’

Outros exemplos: 99, 201.

_#

99. copiwara [ko³pi³wa³ra⁵] *capiuára*, *kapi-war*, *capivara* ‘capivara’

Outros exemplos: 67, 201, 235.

E2) Empréstimos sem adaptação

C_C

207. pacu [pa³ku²] *pacú* ‘pacu (espécie de peixe)’

_#

112. curupira [ku³ru³pi³ra⁵] *curupira* ‘curupira’

[e] Vogal anterior média fechada não arredondada sonora

O fone [e] adaptou-se para [i] em alguns dados, mas manteve-se [e] na maioria dos casos. Assim como no caso da vogal central baixa, não há uma explicação aparente para o alteamento da vogal. Não obstante, cabe ressaltar que há registro de alteamento das vogais anteriores e posteriores no falar regional (Corrêa, 1980; Maia, 2018; Santos, 2020). Por fim, cabe mencionar que há casos de [e] que se adaptaram como [a].

A) Português como fonte:

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

61. chabura [tʃa³bu³ra⁵]	cebola	‘cebola’
164. meráũ [me³ra²ũ⁵]	melão	‘melão’
86. chiũra [tʃi³ũ³ra⁵]	senhora	‘senhora’

Outros exemplos: 217, 246, 318.

C_N

317. dechu [de³tʃu⁵]	lenço	‘lenço’
----------------------	-------	---------

A2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

118. diẽru [di³ẽ³ru⁵]	dinheiro	‘dinheiro’
227. piru [pi³ru⁵]	peru	‘peru’

Outros exemplos: 208.

B) Espanhol como fonte

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_C

122. ebaũgêlicu [e³baũ³ge²li⁵ku⁵]	<i>evangélico</i>	‘evangélico’
123. enéru [e³ne²ru⁵]	<i>enero</i>	‘janeiro’
124. eramiênta [e³ra³mi³ên²ta⁵]	<i>herramienta</i>	‘ferramenta’
142. iscuera [is³kwe²ra⁵]	<i>escuela</i>	‘escola’

C_C

71. chebáda [tʃe³ba²da⁵]	<i>cebada</i>	‘cevada’
184. Ngechuchu [ŋe³tʃu²tʃu⁵]	<i>Jesús</i>	‘Jesus’
162. mecha [me³tʃa⁵]	<i>mesa</i>	‘mesa’
254. seyu [se²dʒu⁵]	<i>sello</i>	‘selo’
34. butíya [bu³ti²dʒa⁵] ou [bu³ti²ja⁵]	<i>botella</i>	‘garrafa, frasco’
268. tiyerina [ti³dʒe³ri²na⁵]	<i>tejelina</i>	‘tigela (recipiente us. na coleta da seiva da seringueira)’

Outros exemplos: 26, 47, 48, 52, 54, 73, 96, 105, 122, 123, 128, 131, 149, 150, 161, 173, 219, 221, 222, 245, 251.

C_V

25. bête [bê²te⁵]	<i>veinte</i>	‘vinte’
-------------------	---------------	---------

V_C

124. eramiénta [e³ra³mi³ên²ta⁵]	<i>herramienta</i>	‘ferramenta’
130. fieru [fi²e³ru⁵]	<i>fierro</i>	‘ferro’
142. iscuera [is³kwe²ra⁵]	<i>escuela</i>	‘escola’

_#

32. bróũche [brow̃²tʃe⁵]	<i>bronce</i>	‘bronze’
25. bête [bê²te⁵]	<i>veinte</i>	‘vinte’
91. cõfite [kõ³fi²te⁵]	<i>confite</i>	‘bala, bombom’

Outros exemplos: 278.

B2) Empréstimos sem adaptação:

#_C

127. éste [es²³te⁵]	<i>este</i>	‘leste’
---------------------	-------------	---------

C_C

1. abéna [a³be²na⁵]	<i>avena</i>	‘aveia’
37. cadéna [ka³de²na⁵]	<i>cadena</i>	‘corrente’

Outros exemplos: 23, 133, 252.

V_C

191. nuebe [nu ³ e ² be ⁵]	<i>nueve</i>	‘nove’
195. oéste [o ³ es ² te ⁵]	<i>oeste</i>	‘oeste’
255. siete [si ³ e ² te ⁵]	<i>siete</i>	‘sete’

_#

58. cáye [ka ²³ dze ⁵]	<i>calle</i>	‘rua’
263. te [te ²]	<i>té</i>	‘chá’

Outros exemplos: 127, 189, 191, 195, 255.

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

72. cheda [tʃe ²³ da ⁵]	<i>seda</i>	‘seda’
299. wonera [wo ³ ne ³ ra ⁵]	<i>bandera/bandeira</i>	‘bandeira’

C2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

50. carnéru [kar ³ ne ² ru ⁵]	<i>carnero/carneiro</i>	‘carneiro, ovelha’
102. cornéta [kor ³ ne ² ta ⁵]	<i>corneta</i>	‘corneta, buzina, trombeta, flauta’

C_V

253. seis [sejs ²⁵]	<i>seis</i>	‘seis’
---------------------------------	-------------	--------

_#

89. cobre [ko ²³ bre ⁵]	<i>cobre</i>	‘cobre’
--	--------------	---------

[] Vogal anterior média aberta não arredondada sonora

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

43. caniwetu [ka ³ ni ³ e ³ tu ⁵] ou [ka ³ ni ³ we ³ tu ⁵]	<i>canivete</i>	‘canivete’
--	-----------------	------------

76. *cherena* [tʃe³re³na⁵] *sereno* [s reno] ‘neblina, névoa’
 115. *cuyera* [ku³dʒe³ra⁵] *colher* ‘colher’

Outros exemplos: 210, 294.

[e] ou []

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_C

126. *esmeráda* [es³me³ra²da⁵] *esmeralda* ‘esmeralda’

C_C

83. *chiríga* [tʃi³ri²ga⁵] *shiringa/seringa* ‘seringueira, seringa’
 101. *córrera* [ko²³re⁵ra⁵] *cólera* ‘cólera’

Outros exemplos: 28, 42, 81, 120, 126, 155.

_#

10. *aricate* [a³ri³ka²te⁵] *alicate* ‘alicate’
 45. *cape* [ka³pe²] *café* ‘café’

C2) Empréstimos sem adaptação:

#_C

125. *escúdu* [es³ku²du⁵] *escudo* ‘escudo’

C_C

5. *alfabétu* [al³fa³be²tu⁵] *alfabeto* ‘alfabeto’
 59. *centímetru* [sen³ti²me⁵tru⁵] *centímetro* ‘centímetro’
 106. *cuaquer* [kwa²ker⁵] *quaker* ‘aveia’

Outros exemplos: 163, 165, 218, 220, 273.

V_C

234. *poéma* [po³e²ma⁵] *poema* ‘poema, poesia, verso’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

D1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

95. coneru [ko³ne³ru⁵] *kanéru* ‘candiru’

_#

77. chibé [tʃi³be²] *cimé, cimbé, cibé, xibé, shivé* ‘xibé (bebida fermentada à base de farinha de mandioca)’

E) Origem em LP ou LGA:

E1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

235. popera [po³pe³ra⁵] *papéra* ‘papel’

E2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

6. anera [a³ne³ra⁵] *anéra* ‘anel’

[i] Vogal anterior alta fechada não arredondada sonora

No geral, o fone [i] não sofreu adaptação em qualquer dos ambientes verificados, sendo que um dado apresenta a adaptação de /i/ para [u] e outro de [i] para [e].

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_C

139. ideũtidáye [i³deĩ³ti³da²dze⁵] identidade ‘carteira de identidade’

V_C

321. diũguẽcha [dji³gwẽ³tʃa⁵] linguíça ‘salsicha’

C_C

86. chiũra [tʃi³ũ³ra⁵] senhora [sĩõrɐ] ‘senhora’

213. paritu [pa³ri²tu⁵] palito ‘fósforo’

269. *tiyuru* [ti²dzu²ru⁵] tijolo ‘tijolo’

Outros exemplos: 43, 139.

_#

7. *arámi* [a³ra²mi⁵] arame ‘arame’

70. *chawi* [tʃa³ i⁵] ou [tʃa³wi⁵] chave ‘chave’

139. *ideũtidáye* [i³deĩ³ti³da²dʒe⁵] identidade ‘carteira de identidade’

43. *caniwetu* [ka³ni³ e³tu⁵] ou [ka³ni³we³tu⁵] canivete ‘canivete’

A2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

118. *diẽru* [di³ẽ³ru⁵] dinheiro ‘dinheiro’

227. *piru* [pi³ru⁵] peru ‘peru’

B) Espanhol como fonte

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

27. *bichágra* [bi³tʃag²ra⁵] *bisagra* ‘dobradiça’

132. *gachurína* [ga³tʃu³ri²na⁵] *gasolina* ‘gasolina’

229. *pitu* [pi²³tu⁵] *pito* ‘apito’

157. *martíyu* [mar³ti²dʒu⁵] *martillo* ‘martelo’

108. *cupechu* [ku³pe²tʃu⁵] *cupiso* ‘pitiú, iaçá (espécie de tartaruga)’

Outros exemplos: 29, 31, 48, 78, 80, 87, 91, 107, 122, 136, 147, 151, 161, 219, 232, 240, 268, 270.

C_V

2. *abióũ* [a³bi³o²ũ⁵] *avión* ‘avião’

41. *camióũ* [ka³mi³o²ũ⁵] *camión* ‘caminhão’

65. *chanaória* [tʃa³na³o²ri³a⁵] *zanahoria* ‘cenoura’

Outros exemplos: 124, 130, 240, 250.

_#

80. chidí [tʃi³di²] CD ‘CD’

B2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

30. bitamína [bi³ta³mi²na⁵] *vitamina* ‘vitamina’
 224. pila [pi²la⁵] *pila* ‘pilha, bateria’
 11. arína [a³ri²na⁵] *harina* ‘farinha’

Outros exemplos: 11, 30, 109, 228, 249.

C_V

255. siete [si³e²te⁵] *siete* ‘sete’

_#

109. curichi [ku³ri³tʃi⁵] *curichi* ‘dindin, sacolé, geladinho’

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

10. aricate [a³ri³ka²te⁵] *alicate* ‘alicate’
 81. chinéra [tʃi³ne²ra⁵] *chinela* ‘chinelos’
 248. quíru [ki²ru⁵] *kilo/quilo* ‘quilo, quilograma’

Outros exemplos: 12, 15, 28, 46, 79, 83, 120, 148, 166, 266, 267, 319, 320.

C_V

15. arumíniu [a³ru³mi²ni⁴u⁵] *aluminio* ‘alumínio’
 3. acácia [a³ka²tʃi⁵a⁵] *acácia* ‘acácia’
 120. Ditíchia [di³ti²tʃi³a⁵] *Leticia/Letícia* ‘Letícia (cidade colombiana)’
 79. chicúri [tʃi³ku²ri⁵] *achicoria* [atʃikoria]/chicória [ʃi³kɔriɐ] ‘coentro’

C2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

154. máquina [ma²ki⁵na⁵] *máquina* ‘máquina’

167. mina [mi²³na⁵] *mina* ‘mina’

271. trígu [tri²³gu⁵] *trigo* ‘trigo’

Outros exemplos: 59, 104, 168, 218, 231.

C_V

223. piánu [pi³a²nu⁵] *piano* ‘piano, teclado’

Outros exemplos: 40, 264.

_#

89. cobre [ko²³bre⁵] *cobre* ‘cobre’

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

D1) Empréstimos com alguma adaptação:

_N

138. ãchira [ĩ³tĩ²ra⁵] *insira* ‘insira (árvore de madeira dura)’

C_C

314. yuriya [dzu³ri²dza⁵] ou [dzu³ri²ja⁵] *yulilla* ‘espécie de peixe fluvial’

138. ãchira [ĩ³tĩ²ra⁵] *insira* ‘insira (árvore de madeira dura)’

Outros exemplos: 99, 304.

C_V

169. moniáca [mo³ni³a²ka⁵] *manioca/maniaca* ‘mandioca’

293. wariuba [wa³ri³u²ba⁵] *uariúua, uariyua* ‘guariuba (espécie de árvore)’

_#

233. pocurí [po³ku³ri²] *pakuri* ‘bacuri’

274. tucuchi [tu³ku³tĩ²] *tucuxí* ‘boto tucuxi’

310. Yowari [dʒo³wa³ri⁵] *iauary, iauarí, Javari* ‘rio Javari’

D2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

112. curupira [ku³ru³pi³ra⁵] *curupira* ‘curupira’

225. piraiba [pi³ra³i²ba⁵] *pirayua*, *pirahiba* ‘piraíba, esp. de peixe (*Bagrus reticulatus*)’
 226. piraña [pi³ra³ɲa⁵] *piranha* ‘tesoura, asna (construção)’

V_C

225. piraíba [pi³ra³i²ba⁵] *pirayua*, *pirahiba* ‘piraíba, esp. de peixe (*Bagrus reticulatus*)’

[] Vogal posterior média aberta arredondada sonora

O som [] foi adaptado para [u] no único dado observado.

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

86. chiũra [tʃi³ũ³ra⁵] *senhora* ‘senhora’

[o] Vogal posterior média fechada arredondada sonora

[o] foi adaptado para [u], mas há que se considerar a possibilidade de pronúncias mais alteadas na Língua Portuguesa. Nas palavras de origem na Língua Espanhola, a tendência também é de mudança de [o] para [u], mas há registro de [o] em LT, principalmente, em contexto nasal.

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

61. chabura [tʃa³bu³ra⁵] *cebola* ‘cebola’
 115. cuyera [ku³dʒe³ra⁵] *colher* ‘colher’
 246. queruyínu [ke³ru³dʒi²nu⁵] *querosene* ‘querosene’

A2) Empréstimos sem adaptação:

#_V

288. úiru [u²i³ru⁵] *oiro* ‘ouro’

C_V

276. **tuiru** [tu²i³ru⁵] toiro ‘touro’

_#

214. **pastú** [pas³tu²] pastor ‘pastor (de igreja)’

B) Espanhol como fonte

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_C

198. **omnibu** [om²ni³bu⁵] *ómnibus* ‘ônibus’

C_C

35. **butúũ** [bu³tu²ũ⁵] *botón* ‘botão’

107. **cuchina** [ku³tʃi³na⁵] *cocina* ‘cozinha, cabana onde se cozinha’

150. **lelú** [le³lu²] *reloj* ‘relógio’

14. **arúchu** [a³ru²tʃu⁵] *arroz* ‘arroz’

31. **biyóũ** [bi³dʒo²ũ⁵] *billón* ‘bilhão’

170. **motácha** [mo³ta²tʃa⁵] *mostaza* ‘mostarda’

Outros exemplos: 8, 12, 29, 32, 34, 52, 91, 96, 100, 131, 132, 137, 221, 232, 240, 251, 270.

V_C

2. **abióũ** [a³bi³o²ũ⁵] *avión* ‘avião’

41. **camióũ** [ka³mi³o²ũ⁵] *camión* ‘caminhão’

65. **chanaória** [tʃa³na³o²ri³a⁵] *zanahoria* ‘cenoura’

_#

55. **caũdádu** [kaũ³da²du⁵] *candado* ‘cadeado’

96. **conéyu** [ko³ne²dʒu⁵] *conejo* ‘coelho’

245. **quechu** [ke²tʃu⁵] *queso* ‘queijo’

Outros exemplos: 17, 19, 73, 78, 100, 105, 116, 122, 123, 128, 130, 131, 132, 147, 151, 157, 160, 219, 222, 229, 232, 250, 251, 254, 270.

B2) Empréstimos sem adaptação:

#_C

195. oéste [o³es²te⁵] oeste ‘oeste’

C_C

92. colór [ko³lor²⁵] *color* ‘cor’

189. nórte [nor²te⁵] *norte* ‘norte’

[] ou [o]

A) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

#_C

185. ngora [ŋo²³ra⁵] *hora* ‘hora’

C_C

101. córera [ko²³re⁵ra⁵] *cólera* ‘cólera’

121. dutúru [du³tu²ru⁵] *doctor/doutor* ‘médico, doutor’

Outros exemplos: 79, 180.

_#

15. arumíniu [a³ru³mi²ni⁴u⁵] *alumínio* ‘alumínio’

56. caũpu [kaĩ²³pu⁵] *campo* ‘campo (de cultivo, de futebol)’

63. chacu [tʃa²ku⁵] *saco* ‘saco, bolsa’

236. poratu [po³ra³tu⁵] *plato/prato* ‘prato’

Outros exemplos: 21, 60, 66, 166, 248, 267, 278.

A2) Empréstimos sem adaptação:

#_C

200. ora [o²³ra⁵] *hora* ‘hora’

C_C

90. cocu [ko³ku⁵] *coco* ‘coco’

134. goma [go²³ma⁵] *goma* ‘goma’

Outros exemplos: 89, 97, 102.

C_V

234. poéma [po³e²ma⁵] *poema* ‘poema, poesia, verso’
 272. tuaya [tu³a³dza⁵] ou [tu³a³ja⁵] *toalla/toalha* ‘toalha’

_#

125. escúdu [es³ku²du⁵] *escudo* ‘escudo’
 271. trígu [tri²³gu⁵] *trigo* ‘trigo’
 218. pepínu [pe³pi²nu⁵] *pepino* ‘pepino’
 40. cáciu [ka²si³u⁵] *calcio/cálcio* ‘cálcio’

Outros exemplos: 50, 59, 90, 104, 165, 168, 179, 223, 231.

B) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

304. yaũdiruba [dʒaĩ³di³ru²ba⁵] ou [jaĩ³di³ru²ba⁵] *iandyráua, nhandi-ráua* ‘andiroba’

V_C

169. moniáca [mo³ni³a²ka⁵] *manioca/maniaca* ‘mandioca’

[u] Vogal posterior alta fechada arredondada sonora

A) Português como fonte

A1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

115. cuyera [ku³dʒe³ra⁵] colher [ku³ʎe] ‘colher’

_#

20. baú [ba⁴u³] baú ‘baú’
 103. cowaru [ko³wa³ru⁵] cavalo ‘cavalo’
 269. tiyuru [ti²dʒu²ru⁵] tijolo ‘tijolo’
 317. dechu [de³tʃu⁵] lenço ‘lenço’

Outros exemplos: 68, 213, 217.

A2) Empréstimos sem adaptação:

_#

118. diêru [di ³ ẽ ³ ru ⁵]	dinheiro	‘dinheiro’
208. pãdéru [pã ³ de ² ru ⁵]	pandeiro	‘pandeiro’
227. piru [pi ³ ru ⁵]	peru	‘peru’

B) Espanhol como fonte

B1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

198. omnibu [om ² ni ³ bu ⁵]	<i>ómnibus</i>	‘ônibus’
173. muneca [mu ³ ne ² ka ⁵]	<i>muñeca</i>	‘boneca’
184. Ngechuchu [ŋe ³ tʃu ² tʃu ⁵]	<i>Jesús</i>	‘Jesus’

Outros exemplos: 108, 278

_#

250. rádiu [ra ² di ³ u ⁵]	<i>radio</i>	‘rádio’
--	--------------	---------

B2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

23. berdúra [ber ³ du ² ra ⁵]	<i>verdura</i>	‘verdura, legume’
109. curichi [ku ³ ri ³ tʃi ⁵]	<i>curichi</i>	‘dindin, sacolé, geladinho’

Outros exemplos: 252, 256.

C_V

191. nuebe [nu ³ e ² be ⁵]	<i>nueve</i>	‘nove’
--	--------------	--------

C) Português ou Espanhol como fonte (Origem indeterminada)

C1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

4. achúcar [a ³ tʃu ² ca ⁵ ra ⁵]	<i>azúcar/açúcar</i>	‘açúcar’
15. arumíniu [a ³ ru ³ mi ² ni ⁴ u ⁵]	<i>alumínio</i>	‘alumínio’
267. tituru [ti ² tu ⁵ ru ⁵]	<i>título</i>	‘título (documento)’

_#

66. chapatu [tʃa ³ pa ³ tu ⁵]	<i>zapato/sapato</i>	‘sapato’
236. poratu [po ³ ra ³ tu ⁵]	<i>plato/prato</i>	‘prato’
248. quíru [ki ² ru ⁵]	<i>kilo/quilo</i>	‘quilo, quilograma’

Outros exemplos: 15, 21, 56, 60, 63, 267.

C2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

125. escúdu [es ³ ku ² du ⁵]	<i>escudo</i>	‘escudo’
179. músculu [mus ² ku ⁴ lu ⁵]	<i>músculo</i>	‘músculo’
273. tubé [tu ³ be ¹]	<i>tuberculosis/tuberculose</i>	‘tuberculose’

Outros exemplos: 90, 125, 168.

C_V

220. peruánu [pe ³ ru ³ a ² nu ⁵]	<i>peruano</i>	‘peruano’
--	----------------	-----------

_#

215. patu [pa ³ tu ⁵]	<i>pato</i>	‘pato, pata’
271. trígu [tri ²³ gu ⁵]	<i>trigo</i>	‘trigo’
50. carnéru [kar ³ ne ² ru ⁵]	<i>carnero/carneiro</i>	‘carneiro, ovelha’

Outros exemplos: 5, 40, 59, 90, 104, 125, 165, 168, 179, 218, 220, 223, 231.

D) Origem LGA ou Kokama ou Omágua:

D1) Empréstimos com alguma adaptação:

C_C

67. characúra [tʃa ³ ra ³ ku ² ra ⁵]	<i>saracura</i>	‘manacaraco (espécie de ave)’
274. tucuchi [tu ³ ku ³ tʃi ²]	<i>tucuxí</i>	‘boto tucuxi’
233. pocurí [po ³ ku ³ ri ²]	<i>pakuri</i>	‘bacuri’
111. curucha [ku ³ ru ³ tʃa ⁵]	<i>curusá</i>	‘cruz’

Outros exemplos: 159, 275, 314.

D2) Empréstimos sem adaptação:

C_C

112. curupira [ku ³ ru ³ pi ³ ra ⁵]	<i>curupira</i>	‘curupira’
158. marupá [ma ³ ru ³ pa ²]	<i>marupá</i>	‘marupá (espécie de árvore)’

Outros exemplos: 113, 290.

_#

113. cururu [ku ³ ru ³ ru ¹]	<i>cururú</i> (S), <i>kururu</i> (B)	‘sapo’
207. pacu [pa ³ ku ²]	<i>pacú</i>	‘pacu (espécie de peixe)’

6.6. Análise do padrão tonal dos possíveis empréstimos

Como mencionado na seção 5.4., tanto Montes (2004) quanto Skilton (2017) sugerem uma relação entre padrões tonais específicos e a origem de determinadas palavras da LT. Na presente seção, considera-se as “Melodias Tonais” (MT) propostas em Skilton (2017) para se analisar os dados extraídos do *Diccionario* (Anderson e Anderson, 2016) e identificar algumas sequências tonais, que prevalecem em empréstimos transparentes e em termos suspeitos de serem empréstimos para fundamentar a exclusão de palavras que fugiram a esses padrões da análise.

Cabe esclarecer que Skilton (2017) afirma que nos empréstimos oriundos da LE e da LP, o tom mais alto recai sobre a sílaba onde se localiza a sílaba tônica na língua de origem. De fato, na análise realizada, constatamos que a sílaba tônica das palavras originais converte-se em sílaba cujo tom é mais alto, conforme a representação tonológica de Anderson e Anderson (2016) em que o numeral 1 corresponde ao tom mais alto e o 5, ao mais baixo.

Abaixo, estão apresentados os dados agrupados segundo as Melodias Tonais identificadas. Uma rápida observação dos dados evidencia que, embora haja muitas melodias (ou padrões) tonais nos empréstimos, há alguns que são mais comuns e que concentram a maior parte dos empréstimos, como é o caso das MT’s (325, 335). A forma de apresentação dos dados segue a mesma da seção anterior, mas acresce-se a informação sobre a língua de origem em uma coluna adicional.

MT 32:

45. cape [ka³pe²] *café* ‘café’
 207. pacu [pa³ku²] *pacú* ‘pacu (espécie de peixe)’

Outros exemplos: 77, 80, 214.

MT 332:

69. Chataná [tʃa³ta³na²] *Satanás* ‘Satanás’
 233. pocurí [po³ku³ri²] *pakuri* (Tupi/Guar.)¹²¹ ‘bacuri’
 274. tucuchi [tu³ku³tʃi²] *tucuxí* (LGA) ‘boto tucuxi’

Outros exemplos: 158, 159, 206, 261, 292, 302, 305, 306.

MT 3332:

9. arawiri [a³ra³ i³ri²] ou [a³ra³wi³ri²] *arauri* (LGA) ‘sardinha’
 33. buetare [bu³e³ta³re²] *Origem não determ.* ‘panela’
 49. caripirá [ka³ri³pi³ra²] *caripira* (LGA), *karipira* (Tupi) ‘caripira, gavião-caripira’

Outros exemplos: 156, 178.

MT 325:

1. abéna [a³be²na⁵] *avena* ‘aveia’
 82. chirapa [tʃi³ra³pa⁵] *chirapa* (Quéchua) ‘arco-íris’
 164. meráũ [me³ra²ũ⁵] *melão* ‘melão’
 184. Ngechuchu [ŋe³tʃu²tʃu⁵] *Jesús* ‘Jesus’
 210. panera [pa³ne²ra⁵] *panela* ‘panela’
 279. tüpaca [ti³pa²ka⁵] *typyáca* (LGA)¹²² ‘tapioca’
 289. uneta [u³ne²ta⁵] *Origem não determ.* ‘promessa, compromisso, pacto etc.’

Outros exemplos: 7, 11, 14, 23, 26, 27, 29, 31, 34, 35, 37, 42, 50, 53, 57, 71, 73, 79, 81, 83, 91, 96, 102, 105, 108, 121, 123, 125, 128, 129, 131, 133, 137, 138, 142, 147, 155, 157, 163, 168, 170, 173, 180, 182, 191, 195, 208, 213, 217, 218, 219, 221, 223, 228, 232, 234, 239, 243, 251, 255, 260, 270, 291, 296, 314.

MT 3255:

3. acáchia [a³ka²tʃi⁵a⁵] *acácia* ‘acácia’

¹²¹ Cf. Boudin (1978, 184 - Vol. I)

¹²² Cf. Stradelli (1929, 690)

4. achúcara [a³tʃu³ka⁵ra⁵] *azúcar/açúcar* ‘açúcar’

Outros exemplos: 12, 59.

MT 3325:

10. aricate [a³ri³ka²te⁵] *alicate* ‘alicate’
 67. characúra [tʃa³ra³ku²ra⁵] *saracura* (LGA) ‘manacaraco (espécie de ave)’
 132. gachurína [ga³tʃu³ri²na⁵] *gasolina* ‘gasolina’
 169. moniáca [mo³ni³a²ka⁵] *manioca/maniaca* (LGA) ‘mandioca’
 246. queruyínu [ke³ru³dʒi²nu⁵] *querosene* ‘querosene’
 259. tanimaca [ta³ni³ma²ka⁵] *tani 'muka* (Kokama)¹²³ ‘cinza’

Outros exemplos: 2, 5, 28, 30, 41, 46, 47, 48, 52, 54, 126, 161, 202, 220, 225, 240, 268, 293, 304, 309, 311.

MT 33325:

124. eramiénta [e³ra³mi³ên²ta⁵] *herramienta* ‘ferramenta’
 139. ideũtidáye [i³deũ³ti³da²dʒe⁵] *identidade* ‘carteira de identidade’
 290. wacapuruna [wa³ka³pu³ru²na⁵] *acapú-rána* (LGA) ‘acapurana (espécie de árvore)’

MT 35:

209. pai [paj³⁵] *pai* ‘padre, sacerdote etc.’

MT 35:

64. chaiya [tʃaj³ja⁵] *saia* ‘saia’ Português
 70. chawi [tʃa³ i⁵] ou [tʃa³wi⁵] *chave* ‘chave’
 162. mecha [me³tʃa⁵] *mesa* ‘mesa’
 287. ui [u³i⁵] *uy* (LGA) ‘farinha’
 317. dechu [de³tʃu⁵] *lenço* ‘lenço’

Outros exemplos: 75, 90, 215, 227, 308, 319, 320.

MT 335:

6. anera [a³ne³ra⁵] *anáera* (LGA) ‘anel’
 61. chabura [tʃa³bu³ra⁵] *cebola* ‘cebola’

¹²³ Cf. Faust e Pike (1959, 59). Há ainda os registros *tanimbúca* na LGA (Cf. Stradelli, 1929, 661), *tanimuk* no Tupi e *tanimbú* no Guarani (Cf. Boudin, 1978, 241 - Vol. I).

74. chenema [tʃe³ne³ma⁵]	<i>senimú, senemby</i> (LGA)	‘camaleão’
103. cowaru [ko³wa³ru⁵]	cavalo	‘cavalo’
136. guitarra [gi³ta³ra⁵]	<i>guitarra</i>	‘violão’
201. oracha [o³ra³tʃa⁵]	<i>arasá</i> (LGA)	‘goiaba’
244. putüra [pu³ti³ra⁵]	<i>putyra</i> (LGA)	‘flor’
280. Tupana [tu³pa³na⁵]	<i>tupana</i> (LGA)	‘Deus’
312. yucüra [dʒu³ki³ra⁵]	<i>iukyra</i> (LGA)	‘sal’
321. diũguêcha [dʒĩ³gwẽ³tʃa⁵]	linguiça	‘salsicha’

Outros exemplos: 18, 38, 66, 68, 76, 86, 88, 95, 107, 109, 111, 115, 118, 140, 144, 145, 172, 187, 190, 192, 196, 197, 203, 204, 226, 235, 236, 237, 238, 252, 265, 272, 281, 285, 295, 299, 303, 310, 313.

MT 3335:

8. arapoũ [a³ra³po³ũ⁵]	<i>arpón</i>	‘arpão’
43. caniwetu [ka³ni³ e³tu⁵] ou [ka³ni³we³tu⁵]	canivete	‘canivete’
84. chirimata [tʃĩ³ri³ma³ta⁵]	<i>curimatá</i> (LGA), <i>kirimata</i> (Tupi)	‘curimatã (espécie de peixe)’
112. curupira [ku³ru³pi³ra⁵]	<i>curupira</i> (LGA)	‘curupira’
275. tucunari [tu³ku³na³ri⁵]	<i>tucunaré</i> (LGA)	‘tucunaré’
282. tupuyuca [tu³pu³dʒu³ka⁵]	<i>tipi'iuca</i> (Kokama)	‘redemoinho (de água)’
300. worachia [wo³ra³tʃĩ³a⁵]	balancia	‘melancia’

Outros exemplos: 94, 98, 99, 114, 141, 143, 174, 175, 177, 193, 197, 242, 258, 284.

MT 33335:

171. motaracari [mo³ta³ra³ka³ri⁵]	<i>Origem não determ.</i>	‘gengibre’
302. woramacuri [wo³ra³ma³ku³ri⁵]	<i>Origem não determ.</i>	‘estrela (grande)’

MT 33235:

65. chanaória [tʃa³na³o²ri³a⁵]	<i>zanahoria</i>	‘cenoura’
--------------------------------	------------------	-----------

MT 33245:

15. arumíniu [a³ru³mi³ni⁴u⁵]	<i>alumínio</i>	‘alumínio’
------------------------------	-----------------	------------

MT 33255:

122. ebaũgélicu [e³baĩ³ge²li⁵ku⁵] *evangélico* ‘evangélico’

MT 3235:

120. Ditíchia [di³ti²tʃi³a⁵] *Leticia/Leticia* ‘Leticia (cidade colombiana)’

MT 325:

92. colór [ko³lor²⁵] *color* ‘cor’

MT 324:

110. curua [ku³ru²a⁴] *curua* ‘lagarto (de quebrada)’

183. nataru [na³ta²ru⁴] *natal* ‘natal’

MT 31:

153. mama [ma³ma¹] *mamá* ‘mamãe, mãe’

166. micú [mi³ku¹] *microbio/micróbio* ‘micróbio’

211. papa [pa³pa¹] *papá* ‘papai, pai’

273. tubé [tu³be¹] *tuberculosis/tuberculose* ‘tuberculose’

286. uí [u³i¹] *Origem não determ.* ‘cará-roxo’

MT 331:

113. cururu [ku³ru³ru¹] *cururú (LGA), kururu (Tupi)* ‘sapo’

176. mureru [mu³re³ru¹] *Origem não determ.* ‘guama (vegetação que cobre os lagos)’

199. opecu [o³pe³ku¹] *Origem não determ.* ‘verme (de mandioca)’

MT 315:

278. tumáte [tu³ma¹te⁵] *tomate* ‘tomate’

MT 2:

39. cal [ka²] *cal* ‘cal’

263. te [te²] *té* ‘chá’

MT 25:

216. paũ [paũ²⁵] *pan/pão* ‘pão’

253. seis [sejs²⁵] *seis* ‘seis’

256. súr [sur²⁵] *sur* ‘sul’

MT 25:

13. árpa [ar²pa⁵] *arpa* ‘harpa’
 32. bróũche [broũ²tʃe⁵] *bronze* ‘bronze’
 51. carta [kar²ta⁵] *carta* ‘carta’
 148. lapi [la²pi⁵] *lápiz/lápis* ‘lápiz’
 160. maũgu [maũ²gu⁵] *mango* ‘manga, mangueira’
 257. tacha [ta²tʃa⁵] *taza* ‘xícara’
 297. woca [wo²ka⁵] *vaca* ‘vaca’

Outros exemplos: 19, 25, 36, 63, 78, 87, 97, 104, 106, 149, 151, 165, 189, 222, 224, 230, 245, 248, 249, 254, 264, 266.

MT 255:

60. chábadu [tʃa²ba⁵du⁵] *sábado* ‘sábado’
 154. máquina [ma²ki⁵na⁵] *máquina* ‘máquina’
 231. plásticu [plas²ti⁵ku⁵] *plástico* ‘plástico’
 267. tituru [ti²tu⁵ru⁵] *título* ‘título (documento)’

MT 235:

40. cálcicu [kal²si³u⁵] *calcio/cálcio* ‘cálcio’
 117. dewara [de²wa³ra⁵] *Origem não determ.* ‘huasaco (espécie de peixe fluvial)’
 119. dipiri [di²pi³ri⁵] *s.m. carabina, rifle*
 130. fieru [fi²e³ru⁵] *ferro* ‘ferro’
 152. maiecha [maj²e³tʃa⁵] *s.n. mono fraile*
 186. ngurina [ŋu²ri³na⁵] *s.n. torbellino, ciclón*
 198. omnibu [om²ni³bu⁵] *ómnibus* ‘ônibus’
 250. rádiu [ra²di³u⁵] *radio* ‘rádio’
 276. tuiru [tu²i³ru⁵] *toiro* ‘touro’
 288. úiru [u²i³ru⁵] *oiro* ‘ouro’

MT 235:

56. caũpu [kaũ²³pu⁵] *campo* ‘campo (de cultivo, de futebol)’
 134. goma [go²³ma⁵] *goma* ‘goma’

167. mina [mi ²³ na ⁵]	<i>mina</i>	‘mina’
185. ngora [ŋo ²³ ra ⁵] ¹²⁴	<i>hora</i>	‘hora’
229. pitu [pi ²³ tu ⁵]	<i>pito</i>	‘apito’
316. data [da ²³ ta ⁵]	<i>lata</i>	‘lata’

Outros exemplos: 17, 21, 58, 72, 89, 100, 116, 127, 200, 212, 271, 294, 318

MT 2355:

101. córera [ko ²³ re ⁵ ra ⁵]	<i>cólera</i>	‘cólera’
---	---------------	----------

MT 245:

179. músculu [mus ² ku ⁴ lu ⁵]	<i>músculo</i>	‘músculo’
--	----------------	-----------

MT 225:

188. ñomane [ŋo ² ma ² ne ⁵]	<i>Origem não determ.</i>	‘espécie de árvore cujos galhos servem para
269. tiyuru [ti ² dzu ² ru ⁵]	<i>tijolo</i>	‘tijolo’ fazer remos’
307. yomeru [dzo ² me ² ru ⁵]	<i>Origem não determ.</i>	‘espécie de árvore medicinal’

PT 43:

20. baú [ba ⁴ u ³]	<i>baú</i>	‘baú’
---	------------	-------

Alguns dados listados no apêndice 1 apresentam padrões tonais divergentes dos relacionados acima mas que não foram retirados da lista pois carecia investigação para estabelecer a sua origem, o que, por falta de material, permaneceu por confirmar a procedência desses termos que constam na lista como ‘origem não definida’.

6.7. Critérios para a identificação das fontes de empréstimo

Como visto nas seções anteriores, não há nenhum critério inequívoco que permita identificar apenas pela adaptação de um som a origem de uma dada palavra. No entanto, após o estabelecimento das adaptações fonológicas sofridas pelos empréstimos em língua tikuna, é possível se estabelecer a origem de algumas palavras ao se considerar o conjunto de

¹²⁴ Montes (c.p.) observa que há duas formas para esse empréstimo, *ngora* e *ora*, notando que *ng* pode ocorrer na posição inicial de palavra.

segmentos que a constituem, por exemplo, no caso de *chabura*, os segmentos [t] e [b] não permitem identificar se a palavra vem da Língua Portuguesa ou da Língua Espanhola, no entanto, o segmento [] atesta, de forma inequívoca que a palavra foi tomada da Língua Portuguesa, uma vez que o espanhol apresenta [d] no lugar do [l] da Língua Portuguesa. Como visto na seção anterior, o [l] foi adaptado para [] enquanto o [d] resulta em [d] em LT.

O apêndice 1, apresentado como parte desta dissertação busca identificar as origens dos empréstimos com base nos critérios linguísticos observados e discutidos anteriormente. Em cada caso, são considerados os conjuntos de segmentos e as possíveis adaptações sofridas na língua alvo. Essa identificação mostra-se bastante satisfatória para identificar empréstimos cujas línguas fontes são a Língua Portuguesa ou a Língua Espanhola, consideradas bastante próximas e, em certo sentido, bastante semelhantes.

Infelizmente, o nosso trabalho não logrou identificar critérios que diferenciavam as palavras de origem na Língua Geral Amazônica, das palavras de origem nas línguas Kokama ou Omágua, línguas que também apresentam léxicos bastante semelhantes. Um terceiro fator complicador é o fato de haver em Língua Portuguesa um número muito significativo de palavras oriundas da LGA e para as quais não conseguimos diferenciar as origens. Em todo caso, apresenta-se na seção seguinte uma lista e uma breve discussão sobre o léxico de origem “Tupi”, ou seja, que pode ter origem na LGA, no Kokama, no Omágua ou ainda na própria Língua Portuguesa. Este trabalho de identificação da origem dos empréstimos deve ser aprofundado em pesquisas futuras.

6.8. Léxico de origem em outras Línguas Indígenas

Apesar de ser uma análise ainda inicial, foi possível identificar 112 itens lexicais de origem em outras línguas indígenas. Como apontado por outros autores (Montes, 2004; Skilton, 2017; Bertet, 2020) e mencionado em outros pontos dessa dissertação, as principais línguas devem ter sido o Kokama, o Omágua e a Língua Geral Amazônica (LGA), mas cabe ressaltar que também foram identificados duas palavras de origem Quéchua. Dadas as proximidades entre as línguas Kokama, Omágua e LGA e a extensão do trabalho realizado, não foi possível identificar critérios para diferenciar a origem das palavras especificamente dessas línguas, o que deve ser realizado em trabalhos futuros.

Nessa etapa da pesquisa, consultamos dicionários de LGA (Barros e Lessa, 2015; Muller *et al.*, 2019; Stradelli, 1929) e a lista de Faust e Pike (1959), respectivamente, para LGA e Kokama. Não conseguimos encontrar nenhuma fonte segura para Omágua. Nesse caso, essas línguas foram consideradas como possíveis fontes diretas de léxico para a LT. Além dessas fontes, consultamos ainda o trabalho de Boudin (1978), quem trabalhou com a língua Tembé, pois a observação de um termo nessa língua nos leva a hipótese de que outra língua da família Tupi-Guarani também pudesse ter esse mesmo léxico, de forma que uma variedade da LGA ou mesmo a língua Tupi-Guarani que formou o Kokama poderiam ter léxico semelhante. Uma terceira possibilidade é a de uma palavra passar da LGA à Língua Portuguesa e dessa à Língua Tikuna, motivo pelo qual também se consultou Cunha (1998). Cabe mencionar que nossa principal fonte para a identificação de palavras de origem na LGA foi Stradelli (1929).

Embora o número de itens lexicais de origem inequivocamente na LGA chame a atenção, esse número é ainda muito baixo, se considerado o total de 6.000 verbetes do *Diccionario* (Anderson e Anderson, 2016). De fato, as 52 palavras identificadas em Stradelli, representariam apenas 0,51% do vocabulário considerado na pesquisa. Abaixo, apresentam-se as palavras identificadas em Stradelli (1929), organizadas da seguinte forma: na primeira coluna, consta a palavra como registrada no *Diccionario*; na segunda coluna, está apresentada a minha interpretação fonética, mas com os tons apresentados em Anderson e Anderson (2016); na terceira coluna, apresenta-se a forma verificada em Stradelli (1929); na quarta coluna, apresenta-se o significado da palavra em língua portuguesa; e, finalmente, na quinta coluna, a fonte. Os demais dados apresentados nesta seção seguem a mesma organização.

9. arawiri [a ³ ra ³ i ³ ri ²] ou [a ³ ra ³ wi ³ ri ²]	<i>arauiri</i>	‘sardinha’	(LGA: Stradelli)
49. caripirá [ka ³ ri ³ pi ³ ra ²]	<i>karipira</i>	‘caripira’	(LGA: Stradelli)
67. characúra [tʃa ³ ra ³ ku ² ra ⁵]	<i>saracura</i>	‘manacaraco’	(LGA: Stradelli)
74. chenema [tʃe ³ ne ³ ma ⁵]	<i>senimú</i> ¹²⁵	‘camaleão’	(LGA: Stradelli)
88. churara [tʃu ³ ra ³ ra ⁵]	<i>surara</i>	‘soldado’	(LGA: Stradelli)
94. comocomo [ko ³ mo ³ ko ³ mo ⁵]	<i>camucamu</i>	‘camu-camu’	(LGA: Stradelli)
98. coparari [ko ³ pa ³ ra ³ ri ⁵]	<i>caparari</i>	‘pintado’	(LGA: Stradelli)
99. copiwara [ko ³ pi ³ wa ³ ra ⁵]	<i>capiuára</i>	‘capivara’	(LGA: Stradelli)
112. curupira [ku ³ ru ³ pi ³ ra ⁵]	<i>curupira</i>	‘curupira’	(LGA: Stradelli)

¹²⁵ Há variação entre as fontes consultadas: cenambý, senemby, cenembú.

113. cururu [ku ³ ru ³ ru ¹]	<i>cururu</i>	‘sapo’	(LGA: Stradelli)
114. cuxmaca [ku ^ʔ ma ³ ka ⁵]	<i>cumã</i>	‘resina’	(LGA: Stradelli)
143. itapua [i ³ ta ³ pu ³ a ⁵]	<i>itapoan, itapuã</i>	‘prego’	(LGA: Stradelli)
156. marimari [ma ³ ri ³ ma ³ ri ²]	<i>marimari</i>	‘árvore <i>sp</i> ’	(LGA: Stradelli)
158. marupá [ma ³ ru ³ pa ²]	<i>marupá</i>	‘marupá’	(LGA: Stradelli)
159. matupá [ma ³ tu ³ pa ²]	<i>matupá</i>	‘mata-pasto’	(LGA: Stradelli)
169. moniáca [mo ³ ni ³ a ² ka ⁵]	<i>manioca</i>	‘mandioca’	(LGA: Stradelli)
172. mucawa [mu ³ ka ³ wa ⁵]	<i>mucáua</i>	‘arma de fogo’	(LGA: Stradelli)
174. mürapewa [mi ³ ra ³ pe ³ wa ⁵]	<i>myrá-péua</i>	‘tábua’	(LGA: Stradelli)
175. mürawaca [mi ³ ra ³ wa ³ ka ⁵]	<i>myrá-uáca</i>	‘alambique’	(LGA: Stradelli)
176. mureru [mu ³ re ³ ru ¹]	<i>murerú, murirú</i>	‘guama’	(LGA: Stradelli)
177. murumuru [mu ³ ru ³ mu ³ ru ⁵]	<i>murumurú</i>	‘palmeira <i>sp</i> ’	(LGA: Stradelli)
192. ocara [o ³ ka ³ ra ⁵]	<i>acarasú</i>	‘peixe <i>sp</i> ’	(LGA: Stradelli)
193. ocayiwa [o ³ ka ³ dzi ³ wa ⁵]	<i>acaiacá</i>	‘cedro’	(LGA: Stradelli)
201. oracha [o ³ ra ³ tʃa ⁵]	<i>arasá</i>	goiaba	(LGA: Stradelli)
202. orawana [o ³ ra ³ wa ² na ⁵]	<i>arauanã</i>	‘peixe <i>sp</i> ’	(LGA: Stradelli)
203. orawe [o ³ ra ³ e ⁵] ou [o ³ ra ³ we ⁵]	<i>araué</i>	‘barata’	(LGA: Stradelli)
206. pacara [pa ³ ka ³ ra ²]	<i>pacará</i>	‘cesta’	(LGA: Stradelli)
207. pacu [pa ³ ku ²]	<i>pacú</i>	‘pacu’	(LGA: Stradelli)
225. piraiba [pi ³ ra ³ i ² ba ⁵]	<i>pirahiba</i>	‘piraíba’	(LGA: Stradelli)
226. piraña [pi ³ ra ³ ña ⁵]	<i>piranha</i>	‘tesoura’	(LGA: Stradelli)
241. purure [pu ⁵ ru ³ re ⁵]	<i>pururé</i>	‘enxó’	(LGA: Stradelli)
244. putüra [pu ³ ti ³ ra ⁵]	<i>putyra</i>	‘flor’	(LGA: Stradelli)
258. tamaraca [ta ³ ma ³ ra ³ ka ⁵]	<i>tamaracá</i>	‘sino’	(LGA: Stradelli)
261. taũgará [ta ³ ga ³ ra ²]	<i>tangará</i>	‘ave <i>sp</i> ’	(LGA: Stradelli)
265. tipiti [ti ³ pi ³ ti ⁵]	<i>tipiity</i>	‘tipiti’	(LGA: Stradelli)
274. tucuchi [tu ³ ku ³ tʃi ²]	<i>tucuxí</i>	‘boto tucuxi’	(LGA: Stradelli)
275. tucunari [tu ³ ku ³ na ³ ri ⁵]	<i>tucunaré</i>	‘tucunaré’	(LGA: Stradelli)
279. tüpaca [ti ³ pa ² ka ⁵]	<i>typyáca</i>	‘tapioca’	(LGA: Stradelli)
280. Tupana [tu ³ pa ³ na ⁵]	<i>tupana</i>	‘deus’	(LGA: Stradelli)
281. tupauca [tu ³ paw ³ ka ⁵]	<i>tupaóca</i>	‘igreja’	(LGA: Stradelli)
285. ucapu [u ³ ka ³ pu ⁵]	<i>ocapy</i>	‘quarto’	(LGA: Stradelli)
287. ui [u ³ i ⁵]	<i>uy</i>	‘farinha’	(LGA: Stradelli)
290. wacapuruna [wa ³ ka ³ pu ³ ru ² na ⁵]	<i>acapú-rána</i>	‘acapurana’	(LGA: Stradelli)

292. waracu [wa ³ ra ³ ku ²]	<i>waraku</i>	‘peixe <i>sp</i> ’	(LGA: Stradelli)
293. wariuba [wa ³ ri ³ u ² ba ⁵]	<i>uariúua</i>	‘guariuba’	(LGA: Stradelli)
302. wotura [wo ³ tu ³ ra ²]	<i>uaturá</i>	‘cesto’	(LGA: Stradelli)
303. yapuna [dza ³ pu ³ na ⁵] ou [ja ³ pu ³ na ⁵]	<i>iapuna</i>	‘forno (p. tostar farinha)’	(LGA: Stradelli)
304. yaũdiruba [dʒaĩ ³ di ³ ru ² ba ⁵]	<i>iandyráua</i>	‘andiroba’	(LGA: Stradelli)
306. yiruti [dʒi ³ ru ³ ti ²]	<i>iuruti</i>	‘espécie de pombo’	(LGA: Stradelli)
310. Yowari [dʒo ³ wa ³ ri ⁵]	<i>iauari</i>	‘javari’	(LGA: Stradelli)
311. yowaruna [dʒo ³ wa ³ ru ² na ⁵]	<i>iauarúna</i>	‘pantera negra’	(LGA: Stradelli)
312. yucüra [dʒu ³ ki ³ ra ⁵]	<i>iukyra</i>	‘sal’	(LGA: Stradelli)

Os casos de *irawa* e de *ngurucu* chamam a atenção por apresentarem semelhança formal com palavras de possíveis línguas fontes, mas não há correspondência semântica evidente. A relação semântica entre *irawa* ‘espécie de abutre’ e *iráua* ‘amargo’ é mais difícil, mas no caso de *ngurucu* seria sim possível haver uma mudança quanto à espécie de ave designada em LT e numa das possíveis línguas fontes, mas, nesse último caso, há a diferença do segmento inicial em LT, que não é comum.

140. irawa [i ³ ra ³ wa ⁵]	<i>iráua</i> (amargo)	‘espécie de abutre’	(LGA: Stradelli)
187. ngurucu [ŋu ³ ru ³ ku ⁵]	<i>urumbú, urumú</i>	‘urubu’	(LGA: Stradelli)
	<i>urucuriá</i>	‘casta de Strix’	(LGA: Stradelli)
	<i>uruhu, uru’u</i>	‘urubu’	(Tembé: Boudin)
	<i>uruku’a, hurucua</i>	‘esp. de ave’	(Tembé: Boudin)
	<i>u’rupu</i>	‘urubu’	(Kokama: Faust e Pike)
	<i>uru’kuria</i>	‘coruja’	(Kokama: Faust e Pike)

Outro possível empréstimo que não mostra correspondência semântica evidente é *opecu*, tendo sido observada nas fontes consultadas apenas a palavra *apecu* ‘língua’ como possível fonte.

199. opecu [o ³ pe ³ ku ¹]	<i>apecú</i> (língua)	‘larva (da mandioca)’	(LGA: Stradelli)
---	-----------------------	-----------------------	------------------

No caso da palavra para ‘chibé’, observou-se que as formas em Stradelli (1929, 355, 417) apresentam uma nasalidade não observada em Tikuna, o que sugere que a palavra possa ter sido emprestada da língua portuguesa. No entanto, é possível que o empréstimo tenha

sofrido algum tipo de adaptação particular e perdido a nasalidade, o que nos impediu de incluí-la entre as palavras provenientes da língua portuguesa.

77. chibé [tʃi³be²] *cimé, cimbé* ‘chibé’ (LGA: Stradelli)

Foram encontradas quatro palavras em Boudin (1978) que não estão registradas em Stradelli (1929). Nos casos de *chirimata*, *omawa* e *pocuri*, as formas em LT sugerem que não foram tomadas da língua portuguesa e assumimos que devem ter entrado na LT por meio da LGA. No entanto, a forma *coneru* é ambígua e poderia ter sido tomada tanto da LGA quanto da língua portuguesa¹²⁶.

84. chirimata [tʃi³ri³ma³ta⁵] *kirimata* ‘curimatã’ (Tembé: Boudin)

95. coneru [ko³ne³ru⁵] *kanéru* ‘candiru’ (Tembé: Boudin)

197. omawa [o³ma³wa⁵] *ama ʔw* ‘embaúba’ (Tembé: Boudin)

233. pocurí [po³ku³ri²] *pakuri* ‘bacury’ (Tembé: Boudin)

Nessas buscas, apesar de ter encontrado 109 itens lexicais cuja origem é possivelmente no Kokama, no Omágua ou na LGA, só foi possível identificar inequivocamente a origem de 3 itens, a partir das fontes mencionadas.

145. iwira [i³ i³ra⁵] ou [i³wi³ra⁵] *i ʔwira* ‘envira’ (Kokama: Faust e Pike)

259. tanimaca [ta³ni³ma²ka⁵] *tanimuka* ‘cinza’ (Kokama: Faust e Pike)

282. tupuyuca [tu³pu³dzu³ka⁵] *tipi ʔiuka* ‘redemoinho (de água)’ (Kokama: Faust e Pike)

A partir da sugestão de Goulard, na banca de qualificação dessa dissertação, foi possível considerar que *chachacuna* é de origem Quéchua¹²⁷. Observando outros dados, considerou-se ainda que *chirapa* e *purutu* também têm origem quéchua.

62. chachacuna [tʃa²tʃa⁴ku²na³] *sach ʔakuna* ‘demonio’ (Quéchua: Dicionario, 2005)

82. chirapa [tʃi³ra²pa⁵] *chirapa* ‘arco iris’ (Quéchua: Dicionario, 2005)

243. purutu [pu³ru²tu⁵] *purutu* ‘feijão’ (Quéchua: Dicionario, 2005)

¹²⁶ Importante lembrar que em *wonera* < bandeira, houve a simplificação da sequência [nd].

¹²⁷ Há uma distância grande entre os significados nas duas línguas. Segundo a fonte consultada, em Quéchua, a palavra significaria árvores.

Há ainda um conjunto de 38 palavras que foram consideradas como possíveis empréstimos e que devem ter origem na LGA (ou talvez em Kokama ou Omágua), mas que ainda não foram confirmadas a inclusão ou a exclusão nesse grupo. Essas palavras são trissilábicas e apresentam padrões tonais divergentes.

117. dewara [de ² wa ³ ra ⁵]	‘traíra (espécie de peixe fluvial)’
119. dipiri [di ² pi ³ ri ⁵]	‘carabina, rifle, espingarda’
138. ĩchira [ĩ ³ tĩ ² ra ⁵]	‘insira (árvore de madeira dura)’
141. irimawa [i ³ ri ³ ma ³ wa ⁵]	‘limão’
144. iwichi [i ³ i ³ tĩ ⁵] ou [i ³ wi ³ tĩ ⁵]	‘ralador (de mandioca)’
146. ixtuxri [i ³ t ² u ³ ri ²]	‘bem-te-vi (espécie de ave)’
152. maiecha [maj ² e ³ tfa ⁵]	‘macaco-prego’
171. motaracari [mo ³ ta ³ ra ³ ka ³ ri ⁵]	‘gengibre (planta utilizada para fazer bebidas)’
178. murutucu [mu ³ ru ³ tu ³ ku ²]	‘coruja, urcututo (espécie de ave noturna)’
181. nacúna [na ² ku ¹ na ⁴]	‘corda, cordão’
186. ngurina [ŋu ² ri ³ na ⁵]	‘redemoinho, ciclone’
188. ñomane [ño ² ma ² ne ⁵]	‘remo caspi (espécie de árvore)’
194. ochagu [o ² tfa ¹ gu ⁵]	‘dardo (para pucuna), virote’
196. omacha [o ³ ma ³ tfa ⁵]	‘boto (variedade grande)’
204. otere [o ³ te ³ re ⁵]	‘sapoti’
205. owaru [o ⁴ wa ³ ru ⁵]	‘carachama (espécie de peixe)’
238. pueru [pu ³ e ³ ru ⁵]	‘abóbora’
239. pumara [pu ³ ma ² ra ⁵]	‘perfume, incenso’
242. pururuca [pu ³ ru ³ ru ³ ka ⁵]	‘chicha (doce de banana)’
247. quette [ke ³ tu ⁵ re ⁵]	‘gato-maracajá’
262. taxruta [ta ² ru ² ta ²]	‘pica-pau’
277. tuíu [tu ⁵ i ¹ u ⁴]	‘tuayo (espécie de ave)’
283. tutuna [tu ³ tu ³ na ³]	‘espécie de ave’
284. uachiwa [u ³ a ³ tĩ ³ wa ⁵]	‘catahua (espécie de árvore)’
286. uí [u ³ i ¹]	‘cará-roxo’
289. uneta [u ³ ne ² ta ⁵]	‘promessa, compromisso, convênio, pacto’
295. weruma [e ³ ru ³ ma ⁵] ou [we ³ ru ³ ma ⁵]	‘broca’
296. witútu [i ³ tu ² tu ⁵] ou [wi ³ tu ² tu ⁵]	‘witoto (pessoa ou idioma)’
298. wochine [wo ³ tĩ ¹ ne ⁵]	‘lupuna (espécie de árvore)’

301. woramacuri [wo ³ ra ³ ma ³ ku ³ ri ⁵]	‘estrela (grande)’
305. yicacu [dzi ³ ka ³ ku ²]	‘sexta-feira’
307. yomeru [dzo ² me ² ru ⁵]	‘hubos (espécie de árvore medicinal)’
308. yowa [dzo ³ wa ⁵]	‘yagua’
309. yowarachi [dzo ³ wa ³ ra ² tʃi ⁵]	‘llambina (espécie de peixe)’
311. yowaruna [dzo ³ wa ³ ru ² na ⁵]	‘pantera negra, otorongo’
313. yuema [dzu ³ e ³ ma ⁵]	‘machado’
314. yuriya [dzu ³ ri ² dza ⁵] ou [dzu ³ ri ² ja ⁵]	‘yulilla (espécie de peixe fluvial)’
315. yuruma [dzu ³ ru ³ ma ²]	‘abóbora’

Por fim, há um último grupo de palavras que foi checado, mas que não se confirmou o seu pertencimento a LGA ou ao Kokama. Importante notar, entretanto, que assim como outros conjuntos considerados como empréstimos são palavras com três sílabas ou mais.

16. arupane [a ² ru ³ pa ³ ne ⁵]	‘canela, moena (espéc. de árvore)’
22. beratü [be ³ ra ³ tʃi ³]	‘vespa (espécie que enche buracos com argila)’
24. berure [be ⁵ ru ³ re ²]	‘abelha, mel’
33. buetare [bu ³ e ³ ta ³ re ²]	‘panela’
44. capane [ka ⁵ pa ³ ne ³]	‘pedido, solicitação’
85. chitaracu [tʃi ² ta ² ra ¹ ku ⁵]	‘formiga correição, marabunta’
93. comechi [ko ³ me ² tʃi ²]	‘capirona (espécie de árvore)’
110. curua [ku ³ ru ² a ⁴]	‘lagarto (de quebrada)’

6.9. Síntese do capítulo

No presente capítulo, foram apresentados as análises dos dados e os resultados principais da dissertação. O capítulo foi iniciado com a análise de palavras que foram excluídas da base de dados de empréstimo, evidenciando os critérios para tanto. Na sequência, apresentou-se uma análise fone a fone de adaptações fonológicas de empréstimos na Língua Tikuna. Essa análise permitiu, por um lado, estabelecer critérios para definir a origem de alguns empréstimos e, por outro lado, entender processos de adaptação comuns à LT que pudessem ser verificados no caso de empréstimos de outras línguas como a LGA. Ademais, foram analisados os padrões acentuais dos empréstimos com base em Skilton (2017). Por fim,

passou-se à consideração dos empréstimos com origem em outras línguas indígenas, separando-os em grupos conforme o grau de comprovação da origem de cada grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parte do *Diccionario* (ticuna-castelhano) utilizada na presente pesquisa, registra cerca de 6.000 entradas, conforme indicam Anderson e Anderson (2016, v). Desse total, conseguimos identificar, a partir dos critérios mencionados no Capítulo 4, um total de 321 empréstimos, mas cabe ressaltar que podem ter ficado de fora desse levantamento empréstimos monossilábicos e bissilábicos não transparentes, uma vez que selecionamos os dissílabos mais óbvios de serem termos emprestados e apenas trissílabos e polissílabos não transparentes. O total de palavras identificadas como empréstimos representa 5,33% do vocabulário investigado, o que mostra uma influência das línguas de origem sobre a LT, mas não evidencia nenhum tipo de contato intenso. Quanto a isso, retomamos aqui a escala de empréstimos de Thomason e Kaufman (1988) para situarmos em que estágio a LT se encontra dentre os 5 propostos pelos autores. A partir das nossas análises, observamos alguns dos fenômenos descritos nos estágios 1 e 2 da escala, que representam contato casual e levemente intenso, como, por exemplo, o uso das fricativas labio-dentais por falantes de LT mais jovens em palavras emprestadas mais recentemente.

A maioria dos empréstimos tem origem na Língua Espanhola, mas é importante lembrar que o material de onde retiramos os dados foi produzido por missionários em um contexto hispano falante. A região Tikuna em que foram obtidos os dados para o *Diccionario* tem como língua veicular o espanhol, que deveria ser também a língua de comunicação inicial entre missionários que elaboraram o material e indígenas Tikuna. Outra observação importante repousa no fato de que, apesar de ser um material publicado em 2016, os linguistas estudaram a língua entre as décadas de 1950 e 1970, o que nos leva a pensar que muitos dos empréstimos que figuram no dicionário podem ser obsoletos e não usuais nos dias atuais.

Alguns dos empréstimos registrados no *Diccionario* podem ainda ter sido induzidos pelos missionários, mas nunca terem sido usuais entre os Tikuna. Na seção 6.2., foi apresentado um conjunto de empréstimos que claramente servem para os objetivos evangelizadores dos autores do *Diccionario*. Nesse sentido, cabe mencionar que os linguistas-missionários do SIL objetivam o conhecimento linguístico para a tradução da Bíblia cristã. Assim sendo, cabe ainda um estudo posterior que possa avaliar a percepção dos indígenas tikuna sobre os empréstimos aqui identificados e sua aceitação e seu uso pelos falantes.

Não obstante essas observações, cabe mencionar que alguns termos que inicialmente consideramos como artificiais ou de difícil uso entre os tikuna foram observados em trabalhos

escritos desenvolvidos por alunos do curso Formação de Professores Indígenas da UFAM. Palavras como tchimetu ‘cimento’, *rapi* ou *rapis* ‘lápiz’, rata ‘lata’, yigo ‘zinco’, Bereĩ ‘Belém’, tchapatu ‘sapato’, Yutche ‘José’, Pauro ‘Paulo’ comprovam, ainda que parcialmente, algumas das análises apresentadas nessa dissertação. Por outro lado, sugerem que pode haver variação ou ainda, como dito anteriormente, que algumas adaptações apresentadas por Anderson e Anderson (2016) são artificiais, como é o caso de [l] > [d], em início de palavra em *data* ‘lata’.

De especial relevância, são as análises apresentadas na seção 4.2., que evidenciam tendências na adaptação de empréstimos em LT. Como foi visto acima, algumas adaptações específicas permitem a identificação da origem de alguns termos, como é o caso das africadas sonoras que são adaptações de fricativas sonoras da língua portuguesa, ausentes em língua espanhola. Abaixo, apresentam-se algumas das adaptações identificadas na presente dissertação:

Quadro XI - Adaptações fonético-fonológicas identificadas	
Fonema de Origem	Adaptação em LT
/s/	[tʃ]
/z/	[d]
[]	
[v]	[w]
	[]
[b]	[b]
[l]	[d]
	[]
VN	VÑ
Ñ	

Há casos em que a identificação de uma forma da língua de origem permite construir hipóteses sobre o contexto em que o empréstimo haveria entrado na LT. Nesse caso, foi possível considerar que as palavras *chiura* ‘senhora’ e *dieru* ‘dinheiro’ têm origem em um dos dialetos falados no nordeste do Brasil, o que leva a conclusão de que esse empréstimo teria se dado durante um dos grandes fluxos migratórios de nordestinos para a região do Alto

Solimões. Por sua vez, a identificação das palavras *cuyera* ‘colher’, *paritu* ‘fósforo’ e *worachia* ‘melancia’ no dialeto tikuna de Amacayacu evidenciaram uma entrada remota dessas palavras na LT, sendo possível a sua chegada a esta comunidade de forma indireta.

Por fim, cabe mencionar a identificação de um número representativo de palavras de origem na LGA, que parece ser a principal fonte indígena de empréstimos em Tikuna. O léxico identificado sugere uma forte influência da LGA que só pode ter ocorrido entre o século XVII e o século XIX. Por outro lado, a existência de termos que se referem a fauna e flora pode estar relacionada com um contato após a mudança de habitat vivenciada pelos Tikuna. Como apresentado no capítulo 1 desta dissertação, é consenso entre antropólogos que os Tikuna teriam saído de regiões de igarapé para as margens do rio Solimões. Nesse caso, a primeira língua a exercer influência nesse novo contexto teria sido a LGA.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Osias Guedes. **Análise da adaptação fonológica e prosódica de empréstimos lexicais da língua portuguesa na língua tikuna**. 2021. 66 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2021.
- ALVIANO, Fidelis de. Gramática, dicionário, verbos e frases e vocabulário prático da língua dos índios Ticunas. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, vol. 183, p. 3-194, abr.-jun. 1944.
- ANDERSON, Doris G. **Conversational Ticuna**. Yarinacocha/Peru: Summer Institute of Linguistics; University of Oklahoma, 1962.
- ANDERSON, Doris; ANDERSON, Lambert (Compiladores). **Diccionario ticuna-castellano**. Lima, Peru: Instituto Lingüístico de Verano, 2016. (Série Lingüística Peruana N° 57).
- ANDERSON, Lambert. **As vogais do tikuna com especial atenção ao sistema de cinco tonemas**. Série Lingüística Especial. Rio de Janeiro: Publicações do Museu Nacional, 1959, p.76-123.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. Amsterdam University Press: Amsterdam Academic Archive, 2005.
- ARONOFF, Mark; ANSHEN, Frank. Morphology and the lexicon: lexicalization and productivity. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold M. (Eds.). **The Handbook of Morphology**. 1. ed. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2001. p. 237-247.
- BARROS, Cândida; LESSA, Antônio Luís (Orgs.). **Dicionário da língua geral no brasil**. Belém: MPEG, 2015. (Título Original: Diccionario da lingua geral do Brasil que se falla em todas as villas, lugares e aldeas deste vastissimo Estado [do Pará]. Belém, 1771).
- BARROS, Maria Cândida Drumond Mendes. A missão Summer Institute of Linguistics e o indigenismo latino-americano: história de uma aliança (décadas de 1930 a 1970). **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 47 N° 1, p. 45-85, 2004.
- BASE DE DATOS DE PUEBLOS INDÍGENAS U ORIGINARIOS (BDPI). Ministerio de Cultura, Perú. Disponível em: <<https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/tikuna>>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- BENDAZZOLI, Sirlene. **Políticas públicas de educação escolar indígena e a formação de professores ticuna no Alto Solimões/AM**. 2011. 434 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2011.
- BERTET, Denis. **Aspects of Tikuna grammar (San Martin de Amacayacu variety, Colombia): phonology, nominal phrase, predicative phrase**. 2020. 668 f. Tese (Linguistics). Université de Lyon, 2020.
- BONIFÁCIO, Ligiane Pessoa dos Santos. **Contato linguístico tikuna-português no Alto Solimões-Amazonas: um estudo sobre a variedade de português falada por professores Tikuna**. 2019. 268 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2019.

BOUDIN, Max Henri. **Dicionário de tupi moderno**: dialeto tembé-tênêthar do alto Rio Gurupi. 2. ed. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. (Volumes 1 e 2).

BRAGA, Rafael Saint-Clair Xavier Silveira. **As interrogativas em Ticuna**: propondo o movimento encoberto. 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CABRAL, Ana Suelly de Arruda Câmara. **Contact-induced language change in the Western Amazon**: the non-genetic origin of the kokama language. 1995. 427 f. Tese (Ph.D.). University of Pittsburgh, Pittsburgh, 1995.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e a fonologia**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de lingüística geral**: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

CAMINHOS de Mutum. Direção de Edson Tosta Matarezio Filho e Marília Senlle. São Paulo: Laboratório de Imagem e Som em Antropologia – USP, 2018. (20 min.). Disponível em: <<https://vimeo.com/221000899>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CAMPBELL, Lyle. Classification of the indigenous languages of South America. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). **The indigenous languages of South America**: a comprehensive guide. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 59-166 (The world of linguistics; 2).

CAMPBELL, Lyle. **Historical linguistics**: an introduction. 3. ed. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2013 [1998].

CAMPBELL, Lyle. Typological characteristics of South American indigenous languages. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). **The indigenous languages of South America**: a comprehensive guide. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 259-330 (The world of linguistics; 2).

CAMPBELL, Lyle; CHACON, Thiago; ELLIOTT, John. Contact and South American Languages. In: HICKEY, Raymond (Ed.). **The Handbook of Language Contact**. 2. ed. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2020. p. 625-648.

CARVALHO, Ana Letícia Ferreira de. **Atitudes linguísticas de universitários tikuna**: uma análise da situação do contato português/tikuna. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2017.

CARVALHO, Ana Letícia Ferreira de. **Usos linguísticos dos Tikuna em situação de contato**: uma análise do contato português/tikuna em diversos domínios/âmbitos. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

CARVALHO, Fernando Orphão de. **Estruturas fonéticas da língua tikúna**: um estudo acústico preliminar. 2010. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CARVALHO, Fernando Orphão de. On the genetic kinship of the languages Tikúna and Yuri. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 247-268, dez. 2009.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CAVUSCENS, Silvio; NEVES, Lino João de O. **Povos Indígenas do Vale do Javari**. Manaus: Campanha Javari. CIMI; OPAN. 1986.

CORREA, Hydelyvia Cavalcante de Oliveira. **O falar do caboco amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. Rio de Janeiro: PUC, 1980.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

DEROY, Louis. **L'emprunt linguistique**. Liège: Presses universitaires de Liège, 1956. Disponível em: <<http://books.openedition.org/pulg/665>>. Acesso em: 10 out. 2019.

DICCIONARIO QUECHUA - ESPAÑOL - QUECHUA. 2. ed. Cusco, Perú: Gobierno Regional Cusco / Academia Mayor de la Lengua Quechua, 2005.

ESCOBAR, Alberto. **Variaciones sociolingüísticas del castellano en el Perú**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1978.

FAUST, Norma; PIKE, Evelyn G. Brief Cocama vocabulary / Vocabulário Kokama. In: Publicações do Museu Nacional, **Série Lingüística Especial**, Museu Nacional, Rio de Janeiro, n. 1, p. 56-75, 1959.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Ministério da Justiça e Segurança Pública. **A Funai**. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/Institucional>>. Acesso em: 26 nov. 2021.

GOULARD, Jean-Pierre. Colores y olores del cuerpo tikuna. **Maguaré**, v. 27, n. 2, 67-90, 2013.

GOULARD, Jean-Pierre. **Entre mortales e inmortales: el ser según los Ticuna de la Amazonía**. Nova edição [online]. Lima: Institut français d'études andines, 2009. Disponível em: <<http://books.openedition.org/ifea/3927>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

GOULARD, Jean-Pierre; MONTES RODRÍGUEZ, María Emilia. Los Yuri / Juri-Tikuna, en el complejo socio-lingüístico del noroeste amazónico. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 7-65, 2013.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. Disponível em: <<https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

KAUFMAN, Terrence. Language history in South America: what we know and how to know more. In: PAYNE, Doris L. (Ed.). **Amazonian linguistics: studies in lowland south american languages**. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 13-73.

LEXICON O VOCABULARIO DE LA LENGUA GENERAL DEL PERÚ de fray Domingo de Santo Tomás (1560): Diccionario Quechua - Castellano / Castellano - Quechua. Lima: Instituto Nacional de Cultura, Centro Nacional de Información Cultural, 2003.

MAGÜTA. **Rüäü i ticunagüarüwu'i**: A lágrima ticuna é uma só. Benjamin Constant: Magüta; CDPAS (Centro de documentação e Pesquisa do Alto Solimões), 1988.

MAIA, Edson Galvão. **Atlas linguístico do sul amazonense - ALSAM**. 2018. 310 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. **A festa da moça nova**: ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna. 2015. 534 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015.

MELATTI, Julio Cesar. **Convenção para a grafia dos nomes tribais**, 1999. Disponível em: <<http://www.juliomelatti.pro.br/notas/n-cgnt.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

MESQUITA, Rodrigo. **Empréstimos linguísticos do português em xerente akwẽ**. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

MONTES RODRÍGUEZ, María Emilia (2001a). Los nombres de las plantas, sus partes y sus espacios de crecimiento. Aproximación etnolingüística a partir de datos de la lengua ticuna, Amazonia colombiana. In: FRANKY, Carlos Eduardo; ZÁRATE, Carlos Gilberto (eds.). **Imani mundo. Estudios en la Amazonía colombiana**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia/ UNIBIBLOS, 2001. p. 523-558.

MONTES RODRÍGUEZ, María Emilia (2001b). Notas sobre la terminología de los olores y de los sabores en la lengua ticuna. In: MELÉNDEZ, Miguel Ángel; MONTES RODRÍGUEZ, María Emilia (comp.). **Diferencias y similitudes en la estructura del léxico de lenguas aborígenes**. Bogotá: Universidad de los Andes-CCELA, 2001.

MONTES RODRÍGUEZ, María Emilia. **Morfosintaxis de la lengua tikuna**: Amazonía Colombiana. Bogotá: Ediciones Uniandes, 2004. (Lenguas Aborígenes de Colombia. Descripciones, n. 15).

MONTES RODRÍGUEZ, María Emilia. Sobre las formas personales en las familias Tikuna-Yurí, Sáliba-Piaroa (y Andoke). Parentesco, contacto o tipología. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 5, n. 1, 67-90, 2013.

MONTES RODRÍGUEZ, María Emilia. **Tonologie de la langue ticuna**: langue indépendante de l'Amazonie Colombienne. 1994. 225 f. Tese. Université Paris VII, Paris, 2004.

MULLER, Jean-Claude *et al.* (Orgs.). **Dicionário de língua geral amazônica**. Potsdam: Universitätsverlag Potsdam; Belém, Pará: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2019. (Manuscrito anônimo e sem título, Ms. no 1136 / 2048 4º da Biblioteca Municipal de Trier, Alemanha Missão de Piraguiri, Baixo Xingu, antes de 1756).

MUYSKEN, Pieter. Contacts between indigenous languages in South America. In: CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide**. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 235-258 (The world of linguistics; 2).

NIMUENDAJÚ, Curt. **The Tukuna**. In: LOWIE, R. H.; GIFFORD, E. W.; MANDELBAUM, D. G.; OLSON, R. L. (Editors). University of California Publications in American Archaeology and Ethnology. Vol. 45. Berkeley and Los Angeles: University of California Press; London: Cambridge University Press, 1952.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **“O Nosso Governo”**: os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF: MCT/CNPq, 1988.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Ação indigenista e utopia milenarista: as múltiplas faces de um processo de territorialização entre os Ticuna. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (Orgs.). **Pacificando o branco**: cosmologias do contato no Norte-Amazônico. São Paulo: Unesp, 2002. p. 277-309. Disponível em: <<https://books.openedition.org/irdeditions/24773>>. Acesso em: 18 mar. 2021.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Regime tutelar e faccionalismo**: política e religião em uma reserva Ticuna. Manaus: UEA Edições, 2015.

PEDROSA, Larissa Moraes. **O status da nasal palatal [ɲ] em João Pessoa**. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

POBLACIÓN INDÍGENA DE COLOMBIA: resultados del censo nacional de población y vivienda 2018. Departamento Administrativo Nacional de Estadística (DANE). Colombia, 2019. Disponível em: <<https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/boletines/grupos-etnicos/presentacion-grupos-etnicos-2019.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

PORRO, Antônio. História indígena do Alto e Médio Amazonas: séculos XVI a XVIII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, ([1998] 1992). p. 175-196.

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA. **Wotchimaücü**: indígenas tikuna na cidade de Manaus. Fascículo 28. Manaus: Associação Comunidade Wotchimaücü (ACW), Out., 2009. (Série: Movimentos sociais e conflitos nas cidades da Amazônia).

RAMÍREZ, Luis Hernán. **El español amazónico hablado en el Perú**: hacia una sistematización de este dialecto. Lima: Juan Gutemberg, 2003.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

ROSA, Carlota Maria. Revisitando a *convenção e a grafia de nomes tribais brasileiros*. **Confluência**, Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, n. 59, p. 25-46, jul.-dez. 2020.

ROSA, Patrícia Carvalho. **Das misturas das palavras e histórias**: etnografia das micropolíticas de parentesco e os “muitos jeitos de ser Ticuna”. 2015. 391 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2015.

SANDALO, Maria Filomena Spatti. Morfologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Vol. 1. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 181-206.

SANTOS ANGARITA, Abel Antonio. **Hacia una dialectología tikuna del trapezio amazónico colombiano**. 2005. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidad Nacional de Colombia, Leticia, 2005.

SANTOS, Camilo Jailton Martins dos. **A realização da vogal /o/ em posição tônica no falar paulivense – zona rural (Amazonas)**. 2020. 258 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

SEIFART, Frank; ECHEVERRI, Juan Alvaro. Evidence for the identification of Carabayo, the language of an uncontacted people of the Colombian Amazon, as belonging to the Tikuna-Yurí linguistic family. **PLOS ONE**, San Francisco, CA, vol. 9, issue 4, 2014.

SKILTON, Amalia E. **Spatial and non-spatial deixis in Cushillococha Ticuna**. 2019. 286 f. Tese (PhD in Linguistics). University of Califórnia, Berkeley, 2019.

SKILTON, Amalia. **Phonology and nominal morphology of Cushillococha Ticuna**. 2017. 129 f. Prospecto de tese (PhD in Linguistics). University of Califórnia, Berkeley, 2017.

SOARES, Marília Facó [1992]. **O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica: investigação de aspectos da sintaxe Tikuna**. Vol. I. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

SOARES, Marília Facó. A análise de tempo em Ticuna (Tikuna) revisitada: questões sobre anáfora temporal e sequenciamento temporal. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 263-285, jul. 2017.

SOARES, Marília Facó. Alguns processos fonológicos em tükuna. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, UNICAMP, Campinas, n. 10, p. 97-138, 1986.

SOARES, Marília Facó. **O suprasegmental em Tikuna e a teoria fonológica: ritmo**. Vol. II. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1992.

SOARES, Marília Facó. Subespecificação tonal e tom default: o caso Tikuna. In: **Encontro Nacional da ANPOLL**, 15, 2000, Niterói. Anais do XV Encontro Nacional da ANPOLL, Niterói: Associação Nacional de pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística, 2000.

SOARES, Marília Lopes da Costa Facó. Ticuna. **Povos Indígenas no Brasil/ISA**, 2008. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ticuna>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

STRADELLI, Ermano. Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos de um esboço de Grammatica nheênga-umbuê-sáua mirí e seguidos de contos em lingua geral nheêngatú porandua. **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, Tomo 104, Volume 158, 1929. p. 9-768.

THOMASON, Sarah Grey. **Language contact: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1988.

TIKUNA, Djuena. **Wiyægü**. Manaus: Studio 301, 2019. 1 Encarte (Livro), 1 CD (54 min. 28 seg.).

APÊNDICE

APÊNDICE 1: LISTA DE (POSSÍVEIS) EMPRÉSTIMOS LEXICAIS EM TIKUNA

N ^o	TIKUNA	INTERPRETAÇÃO FONÉTICA ¹²⁸	ESPAÑHOL	PORTUGUÊS	LGA	KOKAMA	OUTRAS LÍNGUAS	GLOSA
1.	abéna	[a ³ be ² na ⁵]	avena					‘aveia’
2.	abióũ	[a ³ bi ³ o ² ũ ⁵]	avión					‘avião’
3.	acáchia	[a ³ ka ² tʃi ⁵ a ⁵]	acacia/acácia					‘acácia’
4.	achúcara	[a ³ tʃu ² ka ⁵ ra ⁵]	azúcar/açúcar					‘açúcar’
5.	alfabétu	[a ³ fa ³ be ² tu ⁵]	alfabeto					‘alfabeto’
6.	anera	[a ³ ne ³ ra ⁵]			anéra (Barros e Lessa, 2015:105)			‘anel’
7.	arámi	[a ³ ra ² mi ⁵]		arame				‘arame’
8.	arapoũ	[a ³ ra ³ po ³ ũ ⁵]	arpón					‘arpão’
9.	arawiri	[a ³ ra ³ i ³ ri ²] ou [a ³ ra ³ wi ³ ri ²] ¹²⁹			arauriri (Stradelli, 1929:379)			‘sardinha’
10.	aricate	[a ³ ri ³ ka ² te ⁵]	alicate					‘alicate’
11.	arína	[a ³ ri ² na ⁵]	harina					‘farinha’
12.	armúnica	[ar ³ mu ² ni ⁵ ka ⁵]	harmônica					‘gaita’
13.	árpa	[ar ² pa ⁵]	arpa					‘arpa’
14.	arúchu	[a ³ ru ² tʃu ⁵]	arroz					‘arroz’
15.	arumíniu	[a ³ ru ³ mi ² ni ⁴ u ⁵]	alumínio					‘alumínio’
16.	arupane	[a ² ru ³ pa ³ ne ⁵]					Origem não definida	‘canela, moena (espéc. de árvore)’
17.	autu	[aw ²³ tu ⁵]	auto					‘carro’
18.	bachia	[ba ³ tʃi ³ a ⁵]		bacia				‘bacia’
19.	basu	[ba ² su ⁵]	vaso					‘copo, vaso’
20.	baú	[ba ⁴ u ³]		baú				‘baú’
21.	báũcu	[ba ²³ ku ⁵]	banco					‘banco’

¹²⁸ Interpretação fonética de autoria própria com tons extraídos do *Diccionario Ticuna-Castellano* (ANDERSON e ANDERSON, 2016).

¹²⁹ A realização [w] para o grafema <w> está de acordo com D. Anderson (1962, xix). Para Montes (1994:60), o fonema /w/ realiza-se [] diante de /e/ e /i/.

22.	beratü	[be ³ ra ³ ti ³]					Origem não definida	‘vespa (espécie que enche buracos com argila)’
23.	berdúra	[ber ³ du ² ra ⁵]	verdura					‘verdura, legume’
24.	berure	[be ⁵ ru ³ re ²]					Origem não definida	‘abelha, mel’
25.	bēte	[bē ² te ⁵]	veinte					‘vinte’
26.	beūtána	[bē ³ ta ² na ⁵]	ventana					‘janela’
27.	bichágra	[bi ³ tfa ² gra ⁵]	bisagra					‘dobradiça’
28.	bichicreta	[bi ³ tʃi ³ kre ² ta ⁵]	bicicleta					‘bicicleta’
29.	bidóū	[bi ³ do ² ū ⁵]	bidón					‘bidão, lata, barril’
30.	bitamína	[bi ³ ta ³ mi ² na ⁵]	vitamina					‘vitamina’
31.	biyóū	[bi ³ dʒo ² ī ⁵]	billón					‘bilhão’
32.	bróūche	[bro ² w ² tfe ⁵]	bronce					‘bronze’
33.	buetare	[bu ³ e ³ ta ³ re ²]					Origem não definida	‘panela’
34.	butíya	[bu ³ ti ² dʒa ⁵ ou [bu ³ ti ² ja ⁵]	botella					‘garrafa’
35.	butúū	[bu ³ tu ² ū ⁵]	botón					‘botão’
36.	cábra	[ka ² bra ⁵]	cabra					‘cabra’
37.	cadéna	[ka ³ de ² na ⁵]	cadena					‘corrente’
38.	caichaū	[kaj ³ tfa ³ ū ⁵]		caixão				‘caixa, caixão’
39.	cal	[kal ²]	cal					‘cal’
40.	cálcui	[kal ² si ³ u ⁵]	calcio/cálcio					‘cálcio’
41.	camióū	[ka ³ mi ³ o ² ū ⁵]	camión					‘camião’
42.	canéra	[ka ³ ne ² ra ⁵]	canela					‘canela’
43.	caniwetu	[ka ³ ni ³ e ³ tu ⁵ ou [ka ³ ni ³ we ³ tu ⁵]		canivete				‘canivete’
44.	capane	[ka ⁵ pa ³ ne ³]					Origem não definida	‘pedido, solicitação’
45.	cape	[ka ³ pe ²]	café					‘café’
46.	capitáū	[ka ³ pi ³ ta ² ī ⁵]	capitán/capitão					‘capitão’
47.	caretéra	[ka ³ re ³ te ² ra ⁵]	carretera					‘estrada, rodovia’

48.	caretíya	[ka ³ re ³ ti ² dʒa ⁵] ou [ka ³ re ³ ti ² ja ⁵]	carretilla					‘carrinho de mão’
49.	caripirá	[ka ³ ri ³ pi ³ ra ²]			caripira Stradelli, 1929:402)			‘espécie de água’
50.	carnéru	[ka ³ ne ² ru ⁵]	carnero/carneiro					‘carneiro’
51.	carta	[ka ³ ta ⁵]	carta					‘carta’
52.	caserúra	[ka ³ se ³ ru ² ra ⁵]	cacerola					‘caçarola, frigideira’
53.	castaña	[ka ³ ta ² na ⁵]	castaño					‘castanho’
54.	casteyánu	[ka ³ te ³ dʒa ² nu ⁵] ou [ka ³ te ³ ja ² nu ⁵]	castellano					‘castelhano’
55.	cañdádu	[ka ³ da ² du ⁵]	candado					‘cadeado’
56.	cañpu	[ka ³ pu ⁵]	campo					‘campo’
57.	cawára	[ka ³ wa ² ra ⁵]	cahuara					‘abotoado, armau (<i>Pterodoras granulatus</i>)’
58.	cáye	[ka ² dʒe ⁵]	calle					‘rua’
59.	centímetru	[sen ³ ti ² me ⁵ tru ⁵]	centímetro					‘centímetro’
60.	chábadu	[tʃa ² ba ⁵ du ⁵]	sábado					‘sábado’
61.	chabura	[tʃa ³ bu ³ ra ⁵]		cebola				‘cebola’
62.	chachacuna	[tʃa ² tʃa ⁴ ku ² na ³]					Quéchuá: sach’akuna ‘árvores’ (Dicc. Q.- Esp.-Q., 2005)	‘demônio’
63.	chacu	[tʃa ² ku ⁵]	saco					‘saco, bolsa’
64.	chaiya	[tʃaj ³ ja ⁵]		saia				‘saia’
65.	chanaória	[tʃa ³ na ³ o ² ri ³ a ⁵]	zanahoria					‘cenoura’
66.	chapatu	[tʃa ³ pa ³ tu ⁵]	zapato/sapato					‘sapato’
67.	characúra	[tʃa ³ ra ³ ku ² ra ⁵]		saracura	saracura (Stradelli, 1929:642)			‘manacaraco (espécie de ave)’
68.	charapu	[tʃa ³ ra ³ pu ⁵]		sarampo				‘sarampo’
69.	Chataná	[tʃa ³ ta ³ na ²]	Satanás					‘Satanás’
70.	chawi	[tʃa ³ i ⁵] ou [tʃa ³ wi ⁵]		chave				‘chave’
71.	chebáda	[tʃe ³ ba ² da ⁵]	cebada					‘cevada’
72.	cheda	[tʃe ² da ⁵]	seda					‘seda’
73.	cheméũtu	[tʃe ³ me ² tu ⁵]	cemento					‘cimento’

74.	chenema	[tʃe³ne³ma⁵]			senimú, senemby (Stradelli, 1929:138)			‘camaleão’
75.	chera	[tʃe³ra⁵]	sierra/serra					‘serra, serrote’
76.	cherena	[tʃe³re³na⁵]		sereno				‘neblina, névoa’
77.	chibé	[tʃi³be²]	shivé/xibé		cimé, cimbé, cibé (Stradelli, 1929:417)			‘xibé’
78.	chibu	[tʃi³bu⁵]	chivo					‘bode’
79.	chicúri	[tʃi³ku²ri⁵]	achicoria	chicória				‘coentro’
80.	chidí	[tʃi³di²]	CD					‘CD’
81.	chinéra	[tʃi³ne²ra⁵]	chinela					‘chineló’
82.	chirapa	[tʃi³ra³pa⁵]					Quéchuá: chirapa (Dicc. Que.-Esp.- Que., 2005:65)	‘arco-íris’
83.	chiríga	[tʃi³ri²ga⁵]	shiringa/seringa					‘seringa’
84.	chirimata	[tʃi³ri³ma³ta⁵]					Tembé: kirimata, (Boudin, 1978vI:104)	‘curimatã (espécie de peixe)’
85.	chitaracu	[tʃi³ta²ra¹ku⁵]					Origem não definida	
86.	chiūra	[tʃi³ũ³ra⁵]		senhora				‘senhora’
87.	chiya	[tʃi³dʒa⁵] ou [tʃi³ja⁵]	silla					‘cadeira, sela’
88.	churara	[tʃu³ra³ra⁵]			surara, surára (Stradelli, 1929:330, 652)			‘soldado, militar’
89.	cobre	[ko²³bre⁵]	cobre					‘cobre’
90.	cocu	[ko³ku⁵]	coco					‘coco’
91.	cõfite	[kõ³fi²te⁵]	confite					‘bala, bombom’
92.	colór	[ko³lor²⁵]	color					‘cor’
93.	comechi	[ko³me²tʃi²]					Origem não definida	‘capirona (espécie de árvore)’
94.	comocomo	[ko³mo³ko³mo⁵]			camucamú (Stradelli, 1929:393)			‘camu- camu, esp. de árvore frutífera (<i>Myrciaria dúbia</i>)’

95.	coneru	[ko ³ ne ³ ru ⁵]						Tembé: kanéru (Boudin, 1978vI:97)	‘candiru’
96.	conéyu	[ko ³ ne ² dzu ⁵]	conejo						‘coelho’
97.	copa	[ko ² pa ⁵]	copa						‘troféu, copo’
98.	coparari	[ko ³ pa ³ ra ³ ri ⁵]			caparari (Stradelli, 1929:396)				‘caparari, espécie de peixe (<i>Pseudoplaty stoma tigrinum</i>)’
99.	copiwara	[ko ³ pi ³ wa ³ ra ⁵]		capivara	capiúara (Stradelli, 1929:397)				‘capivara’
100.	córchu	[kor ²³ tju ⁵]	corcho						‘cortiça’
101.	córrera	[ko ²³ re ⁵ ra ⁵]	cólera						‘cólera’
102.	cornéta	[kor ³ ne ² ta ⁵]	corneta						‘corneta, trombeta, flauta’
103.	cowaru	[ko ³ wa ³ ru ⁵]		cavalo					‘cavalo’
104.	Cristu	[kris ² tu ⁵]	Cristo						‘Cristo’
105.	cuadernu ²	[kwa ³ der ² nu ⁵]	cuadernu						‘caderno’
106.	cuaquer	[kwa ² ker ⁵]	cuaquer						‘aveia’
107.	cuchina	[ku ³ tji ³ na ⁵]	cocina						‘cozinha’
108.	cupechu	[ku ³ pe ² tju ⁵]	cupiso						‘pitiú, iaçá, esp. de tartaruga (<i>Podocnemis sextubercul ata</i>)’
109.	curichi	[ku ³ ri ³ tji ⁵]	curichi						‘dindin, geladinho’
110.	curua	[ku ³ ru ² a ⁴]						Origem não definida	‘espécie de lagarto’
111.	curucha	[ku ³ ru ³ tja ⁵]			curusá (Stradelli, 1929:163, 435)				‘cruz’
112.	curupira	[ku ³ ru ³ pi ³ ra ⁵]			curupira (Stradelli, 1929:434)				‘curupira (ser mitológico)’
113.	cururu	[ku ³ ru ³ ru ¹]			cururú (Stradelli, 1929:435)				‘sapo’
114.	cuxmaca	[ku ²³ ma ³ ka ⁵]						Origem não definida	‘resina de uma árvore usada para pintar remos e como remédio’

115.	cuyera	[ku ³ dʒe ³ ra ⁵]		colher				‘colher’
116.	datu	[da ²³ tu ⁵]	dato					‘dado, informação’
117.	dewara	[de ² wa ³ ra ⁵]					Origem não definida	‘espécie de peixe fluvial’
118.	diēru	[di ³ ē ³ ru ⁵]		dinheiro				‘dinheiro’
119.	dipiri	[di ² pi ³ ri ⁵]					Origem não definida	‘carabina, rifle’
120.	Ditíchia	[di ³ ti ² tʃi ³ a ⁵]	Leticia					‘Leticia (cidade colombiana)’
121.	dutúru	[du ³ tu ² ru ⁵]	doctor	doutor				‘médico’
122.	ebaũgélicu	[e ³ baũ ³ ge ² li ⁵ ku ⁵]	evangélico					‘evangélico’
123.	enéru	[e ³ ne ² ru ⁵]	enero					‘janeiro’
124.	eramiēnta	[e ³ ra ³ mi ³ ēn ² ta ⁵]	herramienta					‘ferramenta’
125.	escúdu	[es ³ ku ² du ⁵]	escudo					‘escudo’
126.	esmeráda	[es ³ me ³ ra ² da ⁵]	esmeralda					‘esmeralda’
127.	éste	[es ²³ te ⁵]	este					‘leste’
128.	febréru	[fe ³ bre ² ru ⁵]	febrero					‘fevereiro’
129.	fidéu	[fi ³ de ² u ⁵]	fideo					‘macarrão’
130.	fieru	[fi ² e ³ ru ⁵]	fierro					‘ferro’
131.	foyétu	[fo ³ dʒe ² tu ⁵]	folleto					‘folheto’
132.	gachurína	[ga ³ tʃu ³ ri ² na ⁵]	gasolina					‘gasolina’
133.	gayéta	[ga ³ dʒe ² ta ⁵]	galleta					‘bolacha, biscoito’
134.	goma	[go ²³ ma ⁵]	goma					‘goma’
135.	gramu	[gra ⁴ mu ⁵]	gramo					‘grama (unidade de medida)’
136.	guitara	[gi ³ ta ³ ra ⁵]	guitarra					‘guitarra’
137.	gurbáta	[gur ³ ba ² ta ⁵]	corbata					‘gravata’
138.	īchira	[i ³ tʃi ² ra ⁵]					Origem não definida	‘insira (espécie de árvore)’
139.	ideũtidáye	[i ³ deĩ ³ ti ³ da ² dʒe ⁵]		identidade				‘carteira de identidade’
140.	irawa	[i ³ ra ³ wa ⁵]			iráua ‘amargo, amargoso’ (Stradelli, 1929:475)			‘espécie de abutre’

141.	irimawa	[i³ri³ma³wa⁵]					Origem não definida	‘limão’
142.	iscuera	[is³kwe²ra⁵]	escuela					‘escola’
143.	itapua	[i³ta³pu³a⁵]			itapoan, itapuã (Stradelli, 1929:299)			‘prego’
144.	iwichi	[i³ i³tʃi⁵] ou [i³wi³tʃi⁵]					Origem não definida	‘ralador (de mandioca)’
145.	iwira	[i³ i³ra⁵] ou [i³wi³ra⁵]				Kokama: i wira (Faust e Pike, 1959:65)		‘espécie de árvore’
146.	ixtuxri	[i²²tu²⁵ri²]					Origem não definida	‘espécie de ave’
147.	ladriyu	[la³dri²dzu⁵]	ladrillo					‘ladrilho’
148.	lapi	[la²pi⁵]	lápiz/lápis					‘lápis’
149.	lechi	[le²tʃi⁵]	leche					‘leite’
150.	lelú	[le³lu²]	reloj					‘relógio’
151.	libru	[li²bruc⁵]	libro					‘livro’
152.	maiecha	[ma²je³tʃa⁵]					Origem não definida	‘espécie de macaco’
153.	mama	[ma³ma¹]	mamá					‘mamãe’
154.	máquina	[ma²ki⁵na⁵]	máquina					‘máquina’
155.	maréta	[ma³re²ta⁵]	maleta					‘maleta’
156.	marimari	[ma³ri³ma³ri²]			marímarí (fruta), marímarí -yua (árvore) (Stradelli, 1929:517)			‘marimari (espécie de árvore)’
157.	martíyu	[mar³ti²dzu⁵]	martillo					‘martelo’
158.	marupá	[ma³ru³pa²]			marupá (Stradelli, 1929:517)			‘marupá (espécie de árvore)’
159.	matupá	[ma³tu³pa²]			matupá (Stradelli, 1929:519)			‘matupá (espécie de erva-daninha)’
160.	maũgu	[maĩ²gu⁵]	mango					‘manga, mangueira’
161.	maũtequíya	[maĩ³te³ki²dza⁵] ou [maĩ³te³ki²ja⁵]	mantequilla					‘manteiga’, ‘margarina’
162.	mecha	[me³tʃa⁵]	mesa					‘mesa’

163.	medáya	[me³da²dʒa⁵] ou [me³da²ja⁵]	medalla/medalha					‘medalha’
164.	meráũ	[me³ra²ũ⁵]		melão				‘melão’
165.	métru	[me²tru⁵]	metro					‘metro’
166.	micú	[mi³ku¹]	microbio/micróbio					‘micróbio’
167.	mina	[mi²³na⁵]	mina					‘mina’
168.	minutu	[mi³nu²tu⁵]	minuto					‘minuto’
169.	moniáca	[mo³ni³a²ka⁵]			manioca, maniaca (Stradelli, 1929:225, 512)			‘mandioca’
170.	motácha	[mo³ta²tʃa⁵]	mostaza					‘mostarda’
171.	motaracari	[mo³ta³ra³ka³ri⁵]					Origem não definida	‘gingibre’
172.	mucawa	[mu³ka³wa⁵]			mucáua (Stradelli, 1929:536)			‘arma de fogo, escopeta, fusil, espingarda’
173.	muneca	[mu³ne²ka⁵]	muñeca					‘boneca’
174.	mürapewa	[mi³ra³pe³wa⁵]			myrá- péua (Stradelli, 1929:569)			‘tábua, quadro (de madeira)’
175.	mürawaca	[mi³ra³wa³ka⁵]			myrá- uáca (Stradelli, 1929:571)			‘alambique, moinho’
176.	mureru	[mu³re³ru¹]			murerú, murirú (Stradelli, 1929:558)			‘esp. de vegetação que cobre os lagos’
177.	murumuru	[mu³ru³mu³ru⁵]			murumurú (Stradelli, 1929:559)			‘palmeira (espécie frondosa)’
178.	murutucu	[mu³ru³tu³ku²]					Origem não definida	‘espécie de ave noturna’
179.	músculu	[mus²ku⁴lu⁵]	músculo					‘músculo’
180.	mutúru	[mu³tu²ru⁵]	motor					‘motor’
181.	nacúna	[na²ku¹na⁴]					Origem não definida	‘corda, cordão’
182.	naraña	[na³ra²ɲa⁵]	naranja					‘laranja’
183.	nataru	[na³ta²ru⁴]		natal				‘natal’
184.	Ngechuchu	[ŋe³tʃu²tʃu⁵]	Jesús					‘Jesus’
185.	ngora	[ŋo²³ra⁵]	hora					‘hora’

186.	ngurina	[ŋu ² ri ³ na ⁵]					Origem não definida	‘redemoinho, ciclone’
187.	ngurucu	[ŋu ³ ru ³ ku ⁵]			urucuriá ‘casta de Strix’ (p.708), urumbú, urumú (p.708-709) (Stradelli, 1929:708-709)	Kokama: u’rupu ‘urubu’ uru’kuria ‘coruja’ (Faust e Pike, 1959:63)	Tembé: uruhu, uru’u ‘urubu’; uruku’a; hurucua (Boudin, 1978vI:283)	‘urubu’
188.	ñomane	[no ² ma ² ne ⁵]					Origem não definida	‘espécie de árvore cujos ramos são utilizados para fazer remos’
189.	nórte	[nor ² te ⁵]	norte					‘norte’
190.	nowaya	[no ³ wa ³ dʒa ⁵] ou [no ³ wa ³ ja ⁵]		navalha				‘navalha’
191.	nuebe	[nu ³ e ² be ⁵]	nueve					‘nove’
192.	ocara	[o ³ ka ³ ra ⁵]			acarasú ‘casta de peixe’ (Stradelli, 1929:360)			‘espécie de peixe’
193.	ocayiwa	[o ³ ka ³ dʒi ³ wa ⁵]			acaiaçá (Stradelli, 1929:144, 358)			‘cedro’
194.	ochagu	[o ² tfa’gu ⁵]					Origem não definida	
195.	oéste	[o ³ es ² te ⁵]	oeste					‘oeste’
196.	omacha	[o ³ ma ³ tfa ⁵]					Origem não definida	‘boto’
197.	omawa	[o ³ ma ³ wa ⁵]			mbayua, embayua (Stradelli, 1929:569)		Tembé: ama’iw ‘imbaúba’ (Boudin, 1978vI:24)	‘embaúba’
198.	omnibu	[om ² ni ³ bu ⁵]	ómnibus					‘ônibus’
199.	opecu	[o ³ pe ³ ku ¹]			apecú ‘língua’ (Stradelli, 1929:372)			‘minhoca, verme (de mandioca)’
200.	ora	[o ²³ ra ⁵]	hora					‘hora’
201.	oracha	[o ³ ra ³ tfa ⁵]			arasá (Stradelli, 1929:378)			‘goiaba’
202.	orawana	[o ³ ra ³ wa ² na ⁵]			arauanã ‘aruaná’ (Stradelli, 1929:378)			‘aruanã (espécie de peixe)’

203.	orawe	[o³ra³ e⁵] ou [o³ra³we⁵]			araué (Stradelli, 1929:379)			‘barata’
204.	otere	[o³te³re⁵]					Origem não definida	‘sapoti’
205.	owaru	[o⁴wa³ru⁵]					Origem não definida	‘espécie de peixe’
206.	pacara	[pa³ka³ra²]			pacará (Stradelli, 1929:583)			‘cesto (com tampa separada)’
207.	pacu	[pa³ku²]			pacú (Stradelli, 1929:583)			‘pacu (espécie de peixe)’
208.	pāderu	[pã³de²ru⁵]		pandeiro				‘pandeiro’
209.	pai	[paj³⁵]		pai				‘padre’
210.	panera	[pa³ne²ra⁵]		panela				‘panela’
211.	papa	[pa³pa¹]	papá					‘papai’
212.	para	[pa²³ra⁵]	pala					‘pala’
213.	paritu	[pa³ri²tu⁵]		palito				‘palito’
214.	pastú	[pas³tu²]		pastor				‘pastor (de igreja)’
215.	patu	[pa³tu⁵]	pato					‘pato’
216.	paū	[paū²⁵]	pan/pão					‘pão’
217.	paūderu	[pã³de²ru⁵]		pandeiro				‘padeiro’, ‘pandeiro’
218.	pepínu	[pe³pi²nu⁵]	pepino					‘pepino’
219.	permísu	[per³mi²su⁵]	permiso					‘favor’
220.	peruánu	[pe³ru³a²nu⁵]	peruano					‘peruano’
221.	peruta	[pe³ru²ta⁵]	pelota					‘bola, futebol’
222.	pesu	[pe²su⁵]	peso					‘peso colombiano’
223.	piánu	[pi³a²nu⁵]	piano					‘piano’
224.	pila	[pi²la⁵]	pila					‘pilha, bateria’
225.	piraiba	[pi³ra³i²ba⁵]			pirayua, pirahiba (Stradelli, 1929:606)			‘piraíba, esp. de peixe (<i>Bagrus reticulatus</i>)’
226.	piraña	[pi³ra³pa⁵]			piranha (Stradelli, 1929:604)			‘tesoura, asna (construção) ,’
227.	piru	[pi³ru⁵]		peru				‘peru’
228.	pisára	[pi³sa²ra⁵]	pizarra					‘quadro negro,

								lousa'
229.	pitu	[pi ²³ tu ⁵]	pito					'apito'
230.	plasa	[pla ² sa ⁵]	plaza					'praça'
231.	plásticu	[plas ² ti ⁵ ku ⁵]	plástico					'plástico'
232.	pochíyu	[po ³ tʃi ² dʒu ⁵]	pocillo					'poço'
233.	pocurí	[po ³ ku ³ ri ²]					Tembé: pakuri (Boudin, 1978vI:184)	'bacuri'
234.	poéma	[po ³ e ² ma ⁵]	poema					'poema'
235.	popera	[po ³ pe ³ ra ⁵]			papera, papéra (Stradelli, 1929:280, 586)			'papel'
236.	poratu	[po ³ ra ³ tu ⁵]	plato/prato					'prato'
237.	poxpayu	[po ² pa ³ dʒu ⁵]	papaya					'mamão'
238.	pueru	[pu ³ e ³ ru ⁵]					Origem não definida	'abóbora'
239.	pumara	[pu ³ ma ² ra ⁵]					Origem não definida	'perfume, incenso'
240.	purichía	[pu ³ ri ³ tʃi ² a ⁵]	policía					'policía'
241.	purure	[pu ⁵ ru ³ re ⁵]			pururé 'enchó' (Stradelli, 1929:623)			'enxó (ferramenta usada para escavar canoa)'
242.	pururuca	[pu ³ ru ³ ru ³ ka ⁵]					Origem não definida	'chicha (doce de banana)'
243.	purutu	[pu ³ ru ² tu ⁵]					Quéchua: purutu (Dicc. Que.-Esp.- Que., 2005:414)	'feijão'
244.	putüra	[pu ³ ti ³ ra ⁵]			putyra (Stradelli, 1929: 624)			'flor'
245.	quechu	[ke ² tʃu ⁵]	queso					'queijo'
246.	queruyínu	[ke ³ ru ³ dʒi ² nu ⁵]		querosene				'querosene'
247.	quature	[ke ³ tu ⁵ re ⁵]					Origem não definida	'gato- maracajá, jaguaririca'
248.	quíru	[ki ² ru ⁵]	kilo/quilo					'quilo'
249.	quiya	[ki ² dʒa ⁵ ou [ki ² ja ⁵]	quilla					'quilha'

250.	rádiu	[ra ² di ³ u ⁵]	rádio					‘rádio’
251.	repóyu	[re ³ po ² dzu ⁵]	repollo					‘repolho’
252.	sedula	[se ³ du ³ la ⁵]	cédula					‘carteira de identidade’
253.	seis	[sejs ²⁵]	seis					‘seis’
254.	seyu	[se ² dzu ⁵]	sello					‘selo’
255.	siete	[si ³ e ² te ⁵]	siete					‘sete’
256.	súr	[sur ²⁵]	sur					‘sul’
257.	tacha	[ta ² tja ⁵]	taza					‘xícara’
258.	tamaraca	[ta ³ ma ³ ra ³ ka ⁵]			tamaracá, itamaracá (Stradelli, 1929:329, 477, 659)			‘sino’
259.	tanimaca	[ta ³ ni ³ ma ² ka ⁵]				Kokama: tani' muka (Faust e Pike, 1959:59)		‘cinza’
260.	tarapa	[ta ³ ra ² pa ⁵]	tarrafa					‘tarrafa (rede de pesca)’
261.	taũgará	[taũga ³ ra ²]			tangará, saí ‘tanagra’ (Stradelli, 1929:335)			‘tangará (espécie de ave)’
262.	taxruta	[ta ² ru ² ta ²]					Origem não definida	‘pica-pau’
263.	te	[te ²]	té					‘chá’
264.	tia	[ti ² a ⁵]	tía/tia					‘tia’
265.	tipiti	[ti ³ pi ³ ti ⁵]			typiity (Stradelli, 1929:690)			‘tipiti’
266.	tita	[ti ² ta ⁵]	tinta					‘tinta’
267.	tituru	[ti ² tu ⁵ ru ⁵]	título					‘título’
268.	tiyerina	[ti ³ dze ³ ri ² na ⁵]	tejelina					‘tigela’ (recipiente usado na coleta da seiva da seringueira)
269.	tiyuru	[ti ² dzu ² ru ⁵]		tijolo				‘tijolo’
270.	torniyu	[tor ³ ni ² dzu ⁵]	tornillo					‘parafuso’
271.	trígu	[tri ²³ gu ⁵]	trigo					‘trigo’
272.	tuaya	[tu ³ a ³ dza ⁵] ou [tu ³ a ³ ja ⁵]	toalla/toalha					‘toalha’

273.	tubé	[tu ³ be ¹]	tuberculosis/se				‘tuberculose
274.	tucuchi	[tu ³ ku ³ tʃi ²]			tucuxí (Stradelli, 1929:682)		‘boto tucuxi’
275.	tucunari	[tu ³ ku ³ na ³ ri ⁵]			tucunaré (Stradelli, 1929:682)		‘tucunaré (espécie de peixe)’
276.	tuiru	[tu ² i ³ ru ⁵]		toiro			‘touro’
277.	tuíu	[tu ⁵ i ¹ u ⁴]				Origem não definida	
278.	tumáte	[tu ³ ma ¹ te ⁵]	tomate				‘tomate’
279.	tüpacá	[ti ³ pa ² ka ⁵]			typyáca (Stradelli, 1929:690)		‘tapioca’
280.	Tupana	[tu ³ pa ³ na ⁵]			tupana (Stradelli, 1929:684)		‘Deus’
281.	tupaúca	[tu ³ paw ³ ka ⁵]			tupaóca (Stradelli, 1929:686)		‘igreja’
282.	tupuyuca	[tu ³ pu ³ dzu ³ ka ⁵]				Kokama: tipi iuka ‘corredeiras’ (Faust e Pike, 1959:59)	‘redemoinho (de água)’
283.	tutuna	[tu ³ tu ³ na ³]				Origem não definida	‘espécie de ave’
284.	uachiwa	[u ³ a ³ tʃi ³ wa ⁵]				Origem não definida	‘árvore de madeira suave usada para fazer balsas’
285.	ucapu	[u ³ ka ³ pu ⁵]			ocapy (Stradelli, 1929:305, 579)		‘quarto (para dormir)’, ‘pé da casa (<i>ibidem</i>)’
286.	uí	[u ³ i ¹]				Origem não definida	‘cará-roxo’
287.	ui	[u ³ i ⁵]			uy (Stradelli, 1929:208, 579)		‘farinha’
288.	úiru	[u ² i ³ ru ⁵]		oiro			‘ouro’
289.	uneta	[u ³ ne ² ta ⁵]				Origem não definida	‘promessa, compromisso, convênio, pacto’
290.	wacapuruna	[wa ³ ka ³ pu ³ ru ² na ⁵]			acapú- rána (falso acapú) (Stradelli, 1929:359)		‘acapurana, esp. de árvore (<i>campsiandr a laurifolia</i>)’
291.	wapuru	[wa ³ pu ² ru ⁵]		vapor			‘barco, lança’

292.	waracu	[wa ³ ra ³ ku ²]						Tembé: waraku (Boudin, 1978vl:278)	‘aracu (espécie de peixe)’
293.	wariuba	[wa ³ ri ³ u ² ba ⁵]				uariúua, uariyua (Stradelli, 1929:696)			‘guariuba (espécie de árvore)’
294.	wera	[e ²³ ra ⁵] ou [we ²³ ra ⁵]		vela					‘vela’
295.	weruma	[e ³ ru ³ ma ⁵] ou [we ³ ru ³ ma ⁵]						Origem não definida	‘broca’
296.	witútu	[i ³ tu ² tu ⁵] ou [wi ³ tu ² tu ⁵]						Origem não definida	‘witoto’
297.	woca	[wo ² ka ⁵]		vaca					‘vaca’
298.	wochine	[wo ³⁵ tʃi ¹ ne ⁵]						Origem não definida	‘espécie de árvore’
299.	wonera	[wo ³ ne ³ ra ⁵]	bandera	bandeira					‘bandeira’
300.	worachia	[wo ³ ra ³ tʃi ³ a ⁵]		balancia					‘melancia’
301.	woramacuri	[wo ³ ra ³ ma ³ ku ³ ri ⁵]						Origem não definida	‘estrela (grande)’
302.	wotura	[wo ³ tu ³ ra ²]				uaturá (Stradelli, 1929: 698)			‘cesto’
303.	yapuna	[dʒa ³ pu ³ na ⁵] ou [ja ³ pu ³ na ⁵]				iapuna ‘forno para torrar farinha de mandioca’ (Stradelli, 1929: 457)			‘forno (para tostar farinha)’
304.	yaũdiruba	[dʒa ³ di ³ ru ² ba ⁵] ou [ja ³ di ³ ru ² ba ⁵]				iandyráua, nhandi- ráua (Stradelli, 1929: 99, 454)			‘andiroba’
305.	yicacu	[dʒi ³ ka ³ ku ²]						Origem não definida	‘sexta-feira’
306.	yiruti	[dʒi ³ ru ³ ti ²]				iuruti (Stradelli, 1929: 499)			‘juriti, juruti (espécie de ave)’
307.	yomeru	[dʒo ² me ² ru ⁵]						Origem não definida	‘espécie de árvore medicinal’
308.	yowa	[dʒo ³ wa ⁵]						Origem não definida	‘yagua’
309.	yowarachi	[dʒo ³ wa ³ ra ² tʃi ⁵]						Origem não definida	‘espécie de peixe’
310.	Yowari	[dʒo ³ wa ³ ri ⁵]				iauary, iauari (Stradelli,			‘rio Javari’

					1929:242, 463)			
311.	yowaruna	[dʒo³wa³ru²na⁵]			iauarúna (Stradelli, 1929:241, 463)			‘jaguaruna (onça preta)’
312.	yucüra	[dʒu³ki³ra⁵]			iukyra (Stradelli, 1929:323, 486)			‘sal’
313.	yuema	[dʒu³e³ma⁵]					Origem não definida	‘machado’
314.	yuriya	[dʒu³ri²dʒa⁵] ou [dʒu³ri²ja⁵]					Origem não definida	‘espécie de peixe fluvial’
315.	yuruma	[dʒu³ru³ma²]					Origem não definida	‘abóbora’
316.	data	[da²³ta⁵]			lata			‘lata’
317.	dechu	[de³tʃu⁵]		lenço				‘lenço’
318.	deti	[de²³tʃi⁵]			leche/leite			‘leite’ (na fala de crianças)
319.	dima ₁	[di³ma⁵]			lima			‘lima’ (ferramenta)
320.	dima ₂	[di³ma⁵]			lima			‘lima’ (fruto)
321.	diũguêcha	[dʒi³gwẽ³tʃa⁵]		linguiça				‘salsicha’